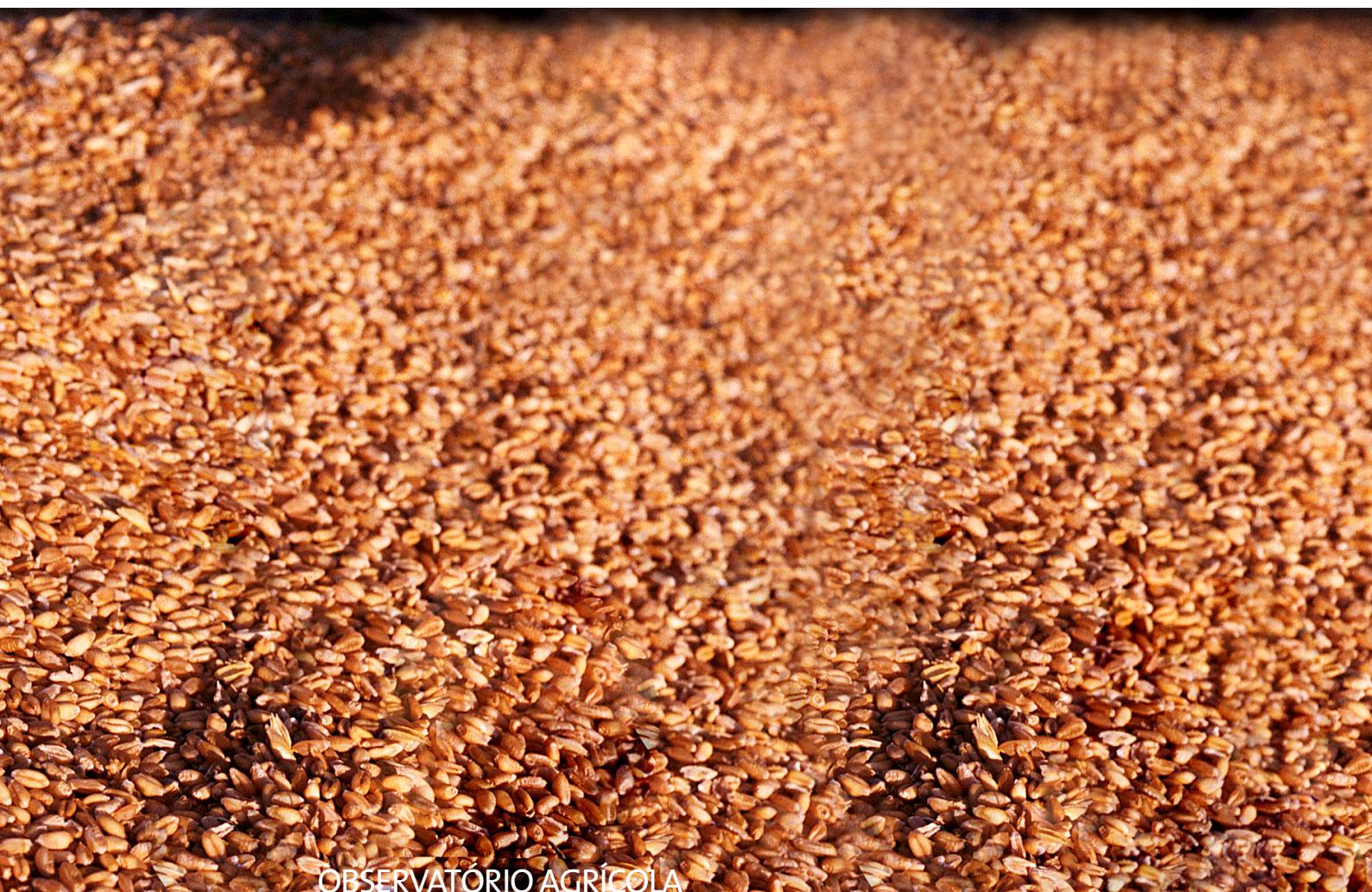




Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 2 - Segundo levantamento | NOVEMBRO 2017



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 2 - Segundo levantamento | **NOVEMBRO
2017**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 5 Safra 2017/18 - Segundo levantamento, Brasília, p. 1-120
novembro 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)
Candice Mello Romero Santos (Suinf)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Adriene Alves de Melo (Gecup)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocádo do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tatra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valentim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); César Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Mari - sete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agropecuária do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Catí-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade ----- 20



5. Estimativa de produção ----- 28



6. Crédito rural ----- 31



7. Mercado de insumos e custos de produção ----- 40



8. Sementes ----- 43



9. Análise Climática ----- 46



10. Vazio sanitário ----- 50



11. Análise das culturas ----- 54

11.1. Culturas de verão -----	54
11.1.1. Algodão -----	54
11.1.2. Amendoin -----	58
11.1.3. Arroz -----	62
11.1.4. Feijão -----	68
11.1.5. Girassol -----	82
11.1.6. Mamona -----	83
11.1.7. Milho -----	85
11.1.8. Soja -----	92
11.1.9. Sorgo -----	99
11.2. Culturas de inverno -----	100
11.2.1. Aveia -----	100
11.2.2. Canola -----	102
11.2.3. Centeio -----	103
11.2.4. Cevada -----	104
11.2.5. Trigo -----	105
11.2.6. Triticale -----	108



12. Balanço de oferta e demanda ----- 109

12.1. Algodão -----	109
12.2. Arroz -----	110
12.3. Feijão -----	111
12.4. Milho -----	112
12.5. Soja -----	112
12.6. Trigo -----	113



13. Calendários de plantio e colheita ----- 120





1. RESUMO EXECUTIVO SAFRA 2017/18

A produção total de grãos está estimada entre 223,29 e 227,54 milhões de toneladas para a safra 2017/18. Redução de 6,2 e 4,4%, respectivamente, em relação à safra anterior.

A área plantada está prevista a se situar entre 60,9 e 62,1 milhões de hectares, ou seja, de manutenção até um crescimento de 1,9% se comparada com a safra 2016/17.

Algodão: a produção deverá ser superior, entre 5,5% e 15,3% em relação à safra anterior.

Amendoim: a produção está estimada entre 454,1 e 463,2 mil toneladas, redução de 2,6% a 0,5% em relação à safra 2016/17.

Arroz: a produção deverá ser menor que a safra passada, entre 6,3% e 3,7%, ficando entre 11,55 e 11,87 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: deverá ter redução de 10,7 a 7% na área em relação à safra passada, refletindo numa produção média de 1,2 milhão de toneladas, sendo 754,9 mil toneladas de feijão-comum cores, 317,5 mil toneladas de feijão-comum preto e 123,8 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: estima-se uma redução na produção de 19,7 a 15% em relação à safra anterior, podendo ficar entre 24,46 a 25,88 milhões de toneladas.

Soja: mesmo com o crescimento previsto na área entre 2,1 e 4,2%, a produção poderá ser menor, considerando que esta safra poderá ter produtividades próximas do normal.

Safra inverno 2017

Todas as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) tiveram impactos na produtividade devido às condições climáticas desfavoráveis. Centeio é a única que terá produção superior à safra 2016 em razão do forte incremento de área. A estimativa é de produção de 4,56 milhões de toneladas de trigo, 32,1% inferior à safra 2016.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo desse trabalho é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas,

abordam-se nesse boletim de levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2017 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução da evolução da colheita e influência climática.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio. Nesse levantamento, a informação de área a ser plantada é divulgada com intervalos (limite inferior e superior),

visto que as informações ainda são incipientes e retratam a segunda estimativa da safra. Além disso, visto que o plantio ainda avançou em todas as regiões produtoras, a Conab utiliza-se de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2017/18. Portanto, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA

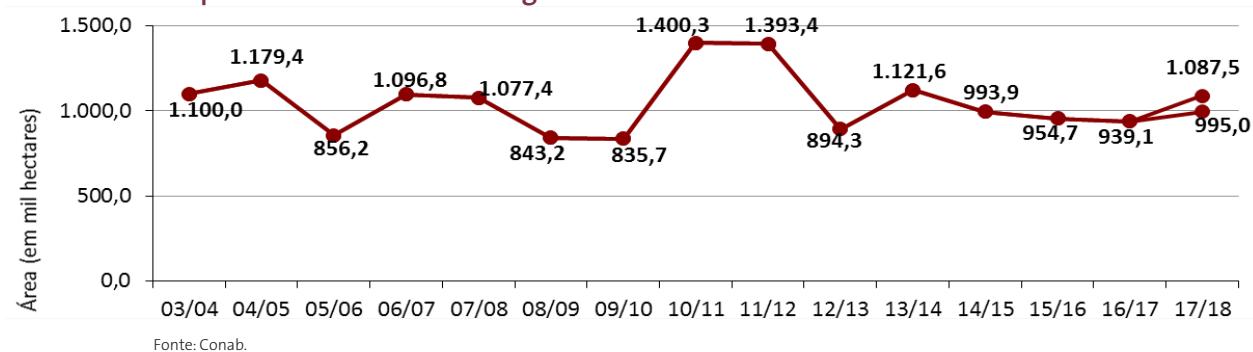
Além de analisar o comportamento das séries históricas de cada cultura, a Conab leva em consideração as informações coletadas na pesquisa de campo para consolidar os limites inferiores e superiores de área a ser semeada. A perspectiva é de manutenção até aumento de 1,9% na área para o plantio da safra 2017/18, o que poderá atingir entre aproximadamente 61 a 62 milhões de hectares. Culturas com maior rentabilidade e liquidez são as responsáveis pelo aumento na área, principalmente soja e algodão.

3.1. ALGODÃO

As perspectivas futuras de mercado devem incentivar o aumento de área nas principais regiões produtoras, particularmente Mato Grosso e Bahia. Essas regiões possuem condições edafoclimáticas favoráveis à tecnicificação, o que leva à concentração da produção nessas regiões. Outros estados, como Mato Grosso do Sul,

Goiás, Maranhão e Minas Gerais também possuem regiões favoráveis à produção dessa cultura. A expectativa é de se destinar entre 995 e 1.087,5 mil hectares para produção de algodão. A estimativa é de aumento entre 6 e 15,8% da área em relação à safra anterior. Se confirmada, será uma retomada de crescimento.

Gráfico 1 – Comportamento da área de algodão -Brasil



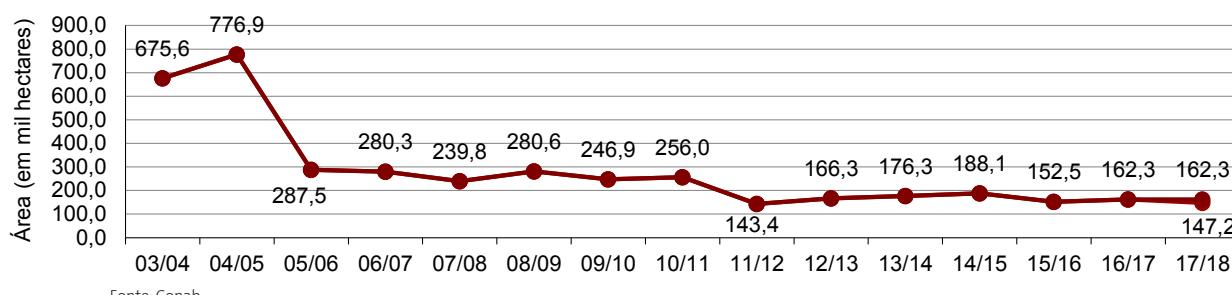
Fonte: Conab.

3.2. ARROZ

Nos principais estados produtores, a estimativa é de redução de área neste momento, como é o caso do Rio Grande do Sul, ou manutenção. A hipótese é de que área de arroz se situe entre 1.993,8 e 1.994,5 mil hectares, o que representa variação entre redução de 2,4% e aumento de 0,7% em relação à área da safra 2016/17. A tendência de redução de área nas áreas de sequeiro

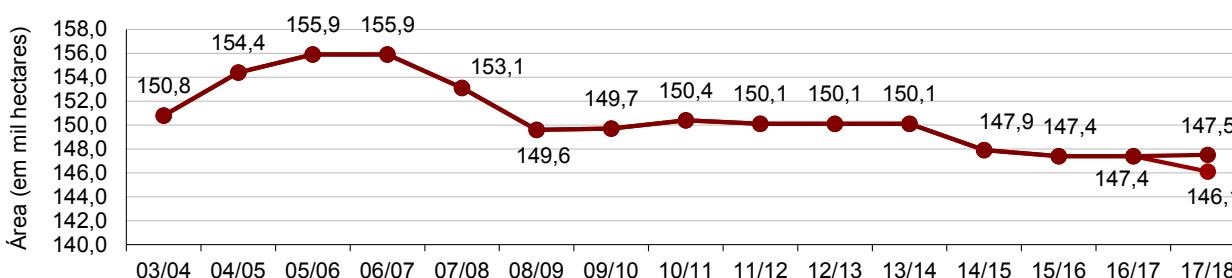
permanece nessa safra, caso do Mato Grosso e Maranhão, levando em conta a continuidade de perdas de área para culturas mais rentáveis que, às vezes, já são cultivadas em áreas de pastagens degradadas reconvertidas para a produção de grãos, como é o caso da soja.

Gráfico 2 – Comportamento da área de arroz - MT



Fonte: Conab.

Gráfico 3 – Comportamento da área de arroz - SC



Fonte: Conab.

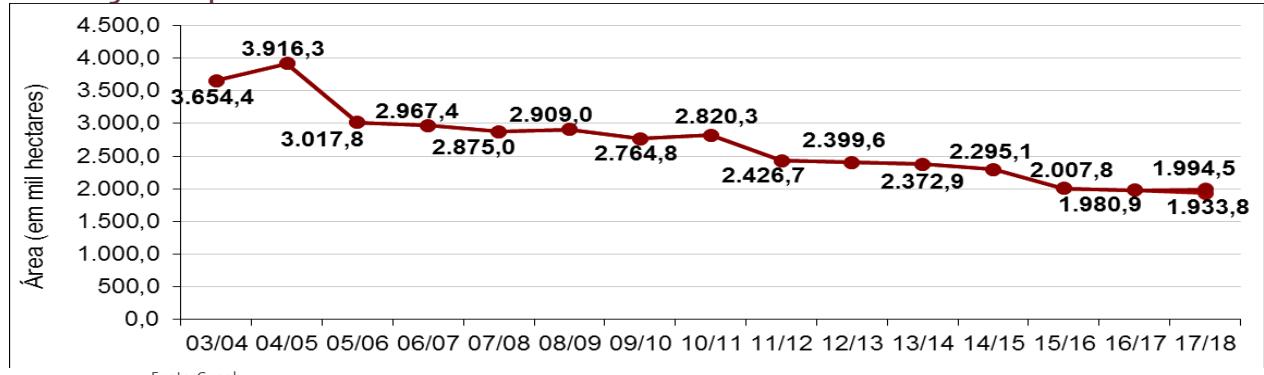


Gráfico 4 – Comportamento da área de arroz - RS



Fonte: Conab.

Gráfico 5 – Comportamento da área de arroz - Brasil



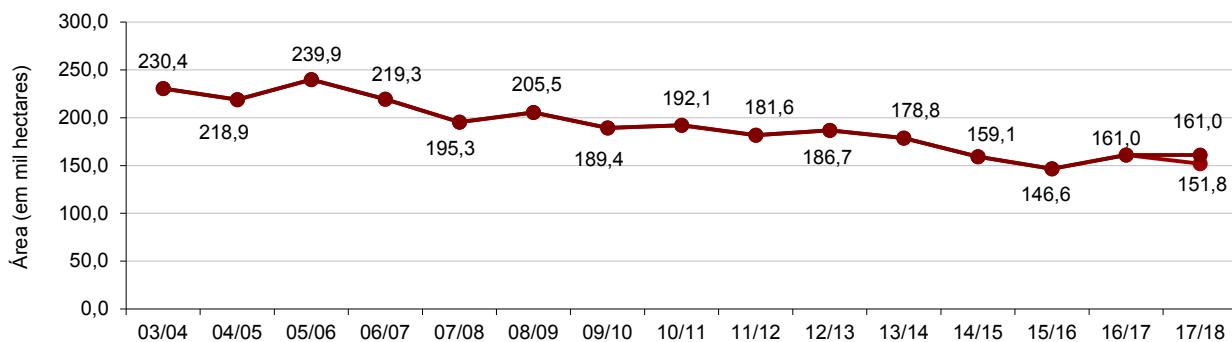
Fonte: Conab.

3.3. FEIJÃO

As condições econômicas no momento são inversas à situação vivenciada na época de plantio da safra passada. Os preços pagos aos produtores têm desestimulado o aumento da área a ser semeada. Além disso, são conhecidas as dificuldades de manejo, os problemas sanitários, a possibilidade de clima chuvoso na época de colheita e dos problemas de comercialização, dada às características do feijão e às exigências de qualidade de mercado. Devido a sua liquidez e rentabilidade,

o feijão pode ser uma alternativa ao plantio de milho primeira safra, mas em algumas regiões essa cultura poderá ser substituída pela soja, pelo mesmo motivo. A perspectiva é de redução de área na Bahia, manutenção no Paraná e de manutenção ou pequena redução em Minas Gerais, maiores estados produtores. A hipótese é de diminuição da área de feijão primeira safra, entre 10,7% e 7% em relação à safra passada.

Gráfico 6 – Comportamento da área de feijão primeira safra - MG



Fonte: Conab.



Gráfico 7 – Comportamento da área de feijão primeira safra - PR



Fonte: Conab.

Gráfico 8 – Comportamento da área de feijão primeira safra - Brasil



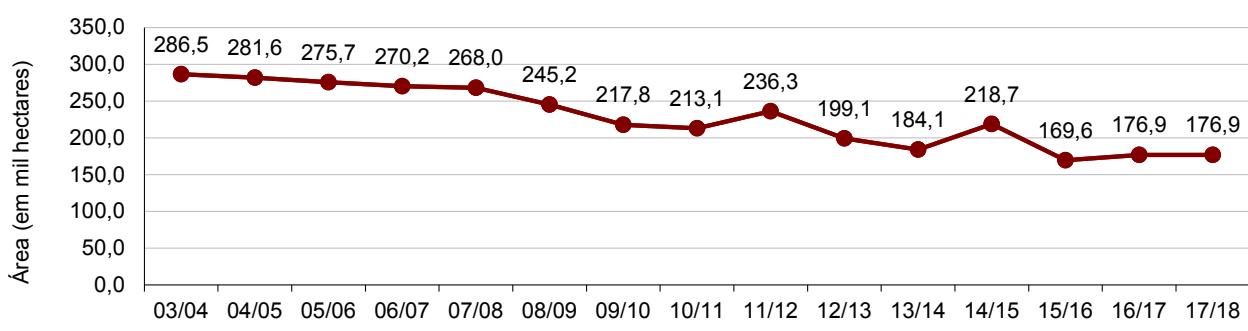
Fonte: Conab.

3.4. MILHO

Os impactos da produção da safra passada trazem reflexos na redução de área para a safra 2017/18. A perspectiva é de redução negativa entre 11,5% e 7,5%, observando os limites inferiores e superiores para a primeira safra de milho, o que compreende diminuição de área absoluta entre 631,6 e 409,6 mil hectares. Pode-se perceber no gráfico abaixo que a tendência

tem sido de redução de área do milho na primeira safra, dada, principalmente, pela concorrência com o cultivo da soja e à opção do produtor em cultivar essa área em sucessão com a soja. A situação nos principais estados produtores de cada uma das regiões do país corrobora com a situação relatada, conforme gráficos abaixo.

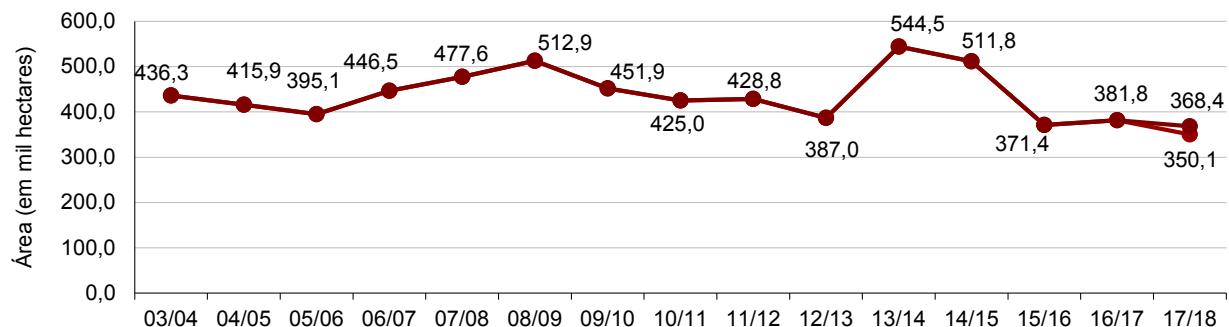
Gráfico 9 - Comportamento da área de milho 1ª safra – PA



Fonte: Conab.

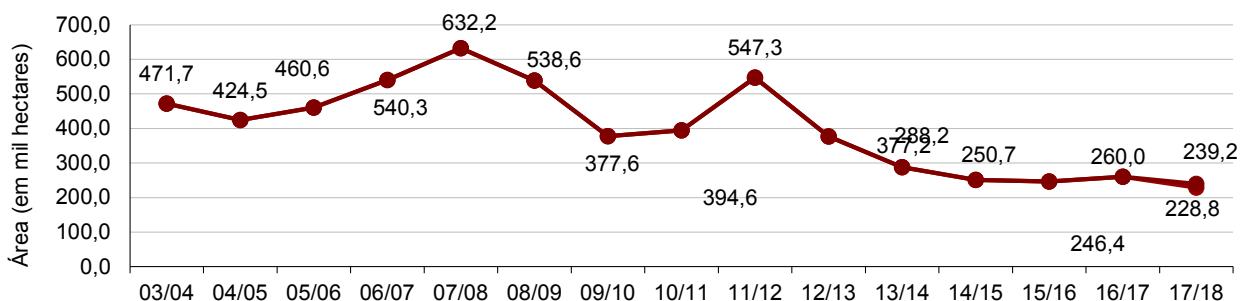


Gráfico 10 - Comportamento da área de milho 1ª safra – BA



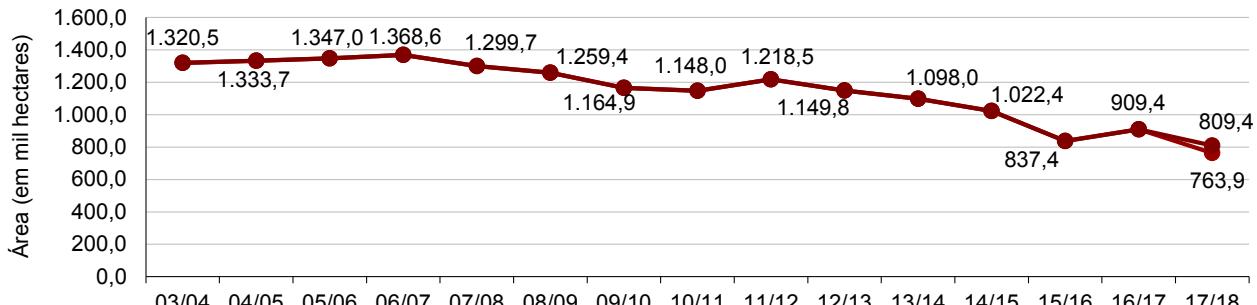
Fonte: Conab.

Gráfico 11 - Comportamento da área de milho 1ª safra – GO



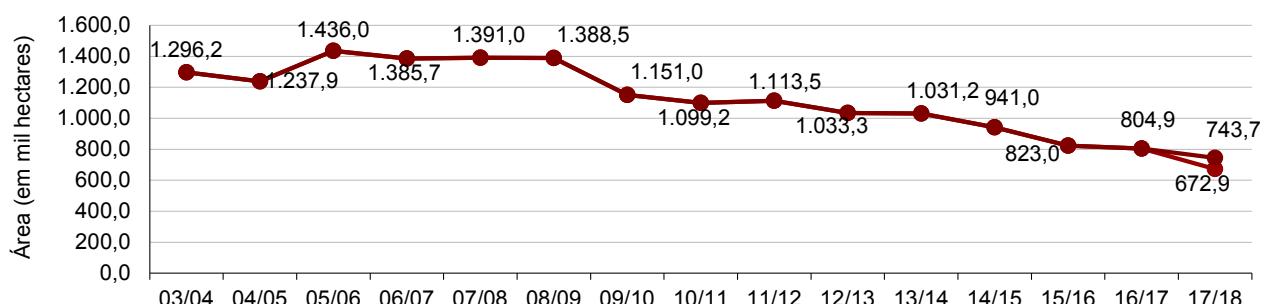
Fonte: Conab.

Gráfico 12 - Comportamento da área de milho 1ª safra – MG



Fonte: Conab.

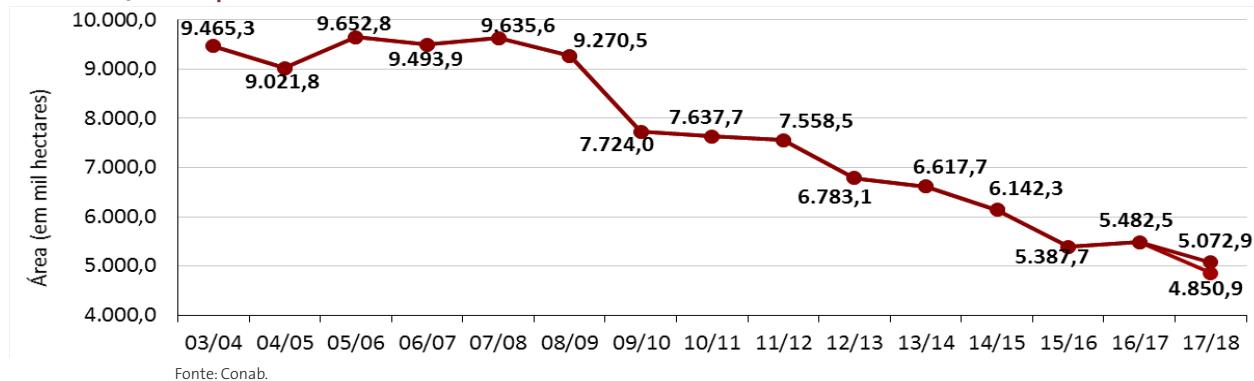
Gráfico 13 - Comportamento da área de milho 1ª safra – RS



Fonte: Conab.



Gráfico 14 - Comportamento da área de milho 1ª safra – Brasil



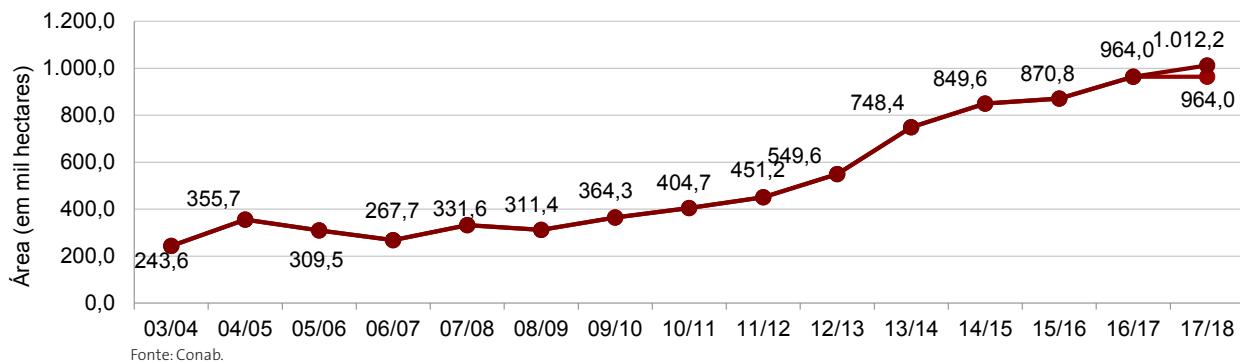
Fonte: Conab.

3.5. SOJA

A área tem sido a protagonista do aumento da produção de soja no Brasil nos últimos 20 anos e se tornou a principal cultura cultivada no país. A sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem que a estimativa seja de crescimento de área de produção, podendo atingir

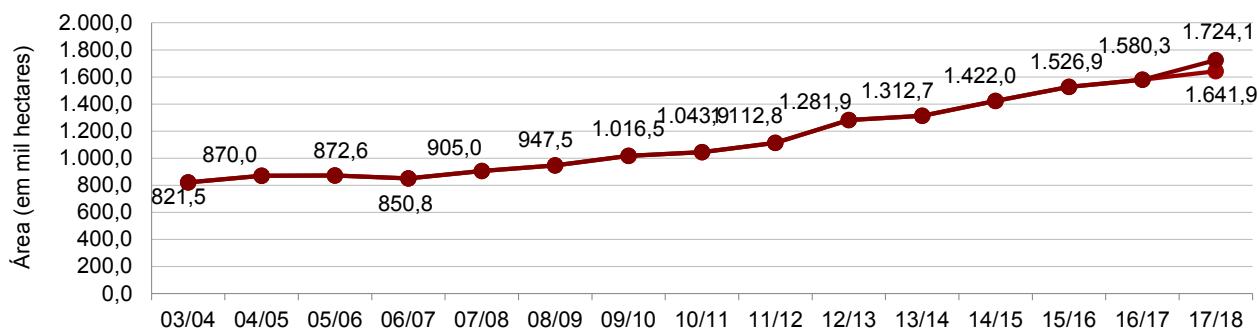
entre 34,6 e 35,3 milhões de hectares, na safra 2017/18, o que seria incremento médio de aproximadamente 3,2% em relação à safra anterior. A tendência de crescimento tem sido observada em praticamente todos os principais estados produtores, o que corrobora com a assertiva anterior.

Gráfico 15 - Comportamento da área de soja – TO



Fonte: Conab.

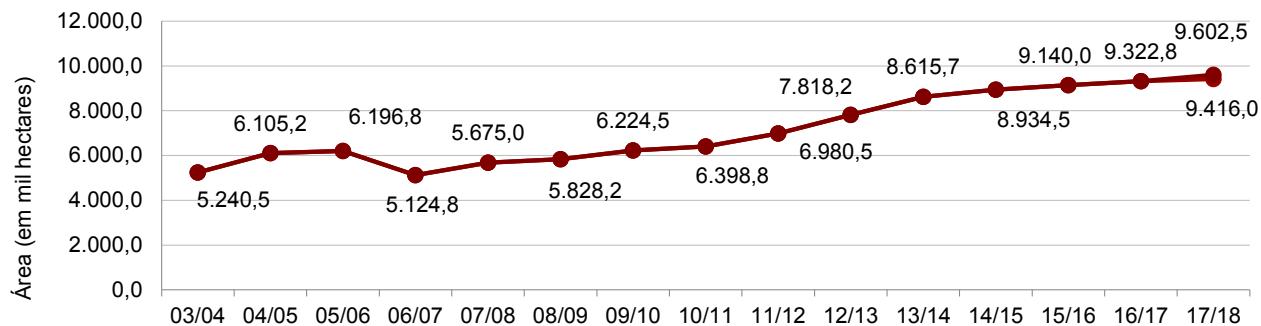
Gráfico 16 - Comportamento da área de soja – BA



Fonte: Conab.

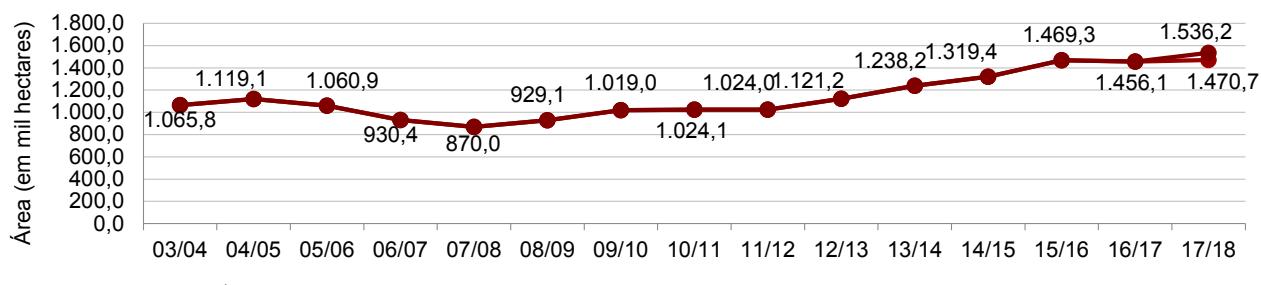


Gráfico 17 - Comportamento da área de soja – MT



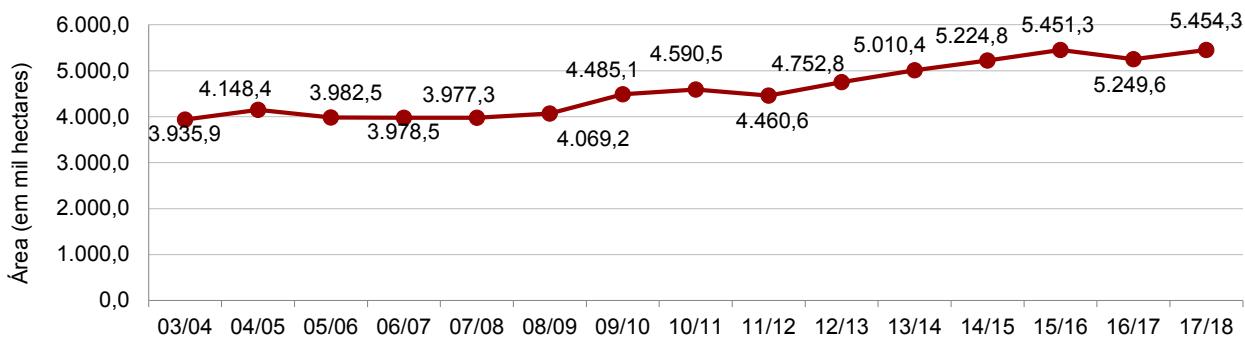
Fonte: Conab.

Gráfico 18 - Comportamento da área de soja – MG



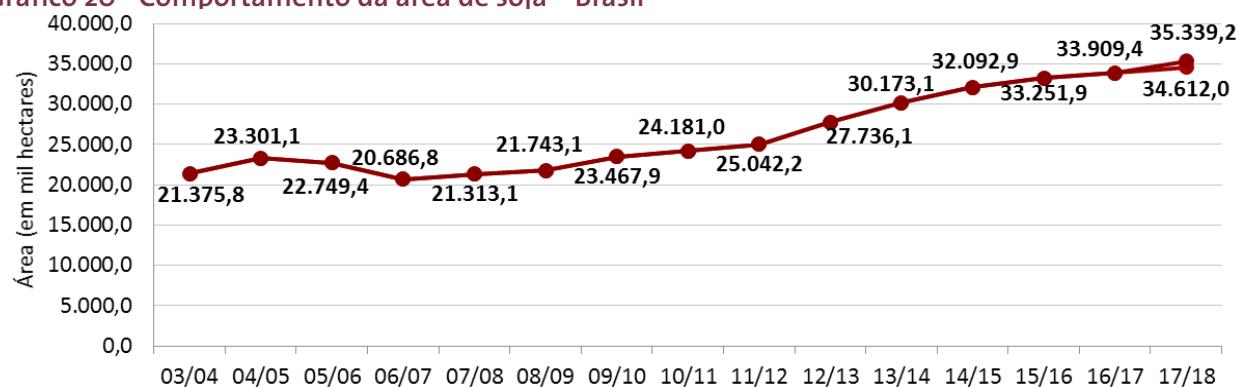
Fonte: Conab.

Gráfico 19 - Comportamento da área de soja – PR



Fonte: Conab.

Gráfico 20 - Comportamento da área de soja – Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	16/17 (a)	17/18		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	939,1	995,0	1.087,5	6,0	15,8	55,9	148,4
AMENDOIM TOTAL	129,3	130,0	132,5	0,5	2,5	0,7	3,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	119,0	121,5	0,6	2,7	0,7	3,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	11,0	11,0	-	-	-	-
ARROZ	1.980,9	1.933,8	1.994,5	(2,4)	0,7	(47,1)	13,6
ARROZ SEQUEIRO	524,4	506,6	534,0	(3,4)	1,8	(17,8)	9,6
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.427,2	1.460,5	(2,0)	0,3	(29,3)	4,0
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.118,7	3.165,6	(1,9)	(0,5)	(61,6)	(14,7)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.402,8	1.428,1	(3,1)	(1,3)	(44,5)	(19,2)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	330,3	332,9	2,0	2,8	6,6	9,2
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.385,6	1.404,6	(1,7)	(0,3)	(23,7)	(4,7)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	992,4	1.033,3	(10,7)	(7,0)	(118,6)	(77,7)
CORES	478,2	424,2	448,5	(11,3)	(6,2)	(54,0)	(29,7)
PRETO	174,7	181,3	183,9	3,8	5,3	6,6	9,2
CAUPI	458,1	386,9	400,9	(15,5)	(12,5)	(71,2)	(57,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.483,9	1.489,9	4,0	4,4	57,0	63,0
CORES	430,3	439,8	440,8	2,2	2,4	9,5	10,5
PRETO	134,7	134,7	134,7	-	-	-	-
CAUPI	861,9	909,4	914,4	5,5	6,1	47,5	52,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	642,4	-	-	-	-
CORES	538,8	538,8	538,8	-	-	-	-
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-	-	-
CAUPI	89,3	89,3	89,3	-	-	-	-
GIRASSOL	62,7	62,7	62,7	-	-	-	-
MAMONA	28,0	28,1	30,3	0,4	8,2	0,1	2,3
MILHO TOTAL	17.591,7	16.960,1	17.182,1	(3,6)	(2,3)	(631,6)	(409,6)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	4.850,9	5.072,9	(11,5)	(7,5)	(631,6)	(409,6)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	12.109,2	12.109,2	-	-	-	-
SOJA	33.909,4	34.612,0	35.339,2	2,1	4,2	702,6	1.429,8
SORGO	628,5	628,8	634,6	-	1,0	0,3	6,1
SUBTOTAL	58.449,9	58.469,2	59.629,0	-	2,0	19,3	1.179,1
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2017 (a)	2018		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	340,1	340,1	340,1	-	-	-	-
CANOLA	48,1	48,1	48,1	-	-	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-	-	-
CEVADA	109,2	109,2	109,2	-	-	-	-
TRIGO	1.917,1	1.917,1	1.917,1	-	-	-	-
TRITICALE	22,7	22,7	22,7	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.440,8	2.440,8	2.440,8	-	-	-	-
BRASIL	60.890,7	60.910,0	62.069,8	-	1,9	19,3	1.179,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

De acordo com a metodologia adotada pela Conab, a Companhia permanece se baseando nas análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada, uma vez que, no atual momento, o plantio da safra 2017/18 ainda está em andamento.

A análise estatística leva em consideração todas as variáveis das últimas safras (safra recorde, quebra de safra e penalizações de manejo e clima), o que nos indica o comportamento dessa importante variável no período analisado. Essa avaliação é complementada com as análises dos pacotes tecnológicos utilizado pelos produtores, que são parâmetros fundamentais nessa avaliação, o que permite se ter diretrizes da produtividade modal e normal do processo produtivo.

A segunda intenção de plantio nos apresenta uma estimativa de retração da produtividade para praticamente todos as culturas em relação à safra passada. Naquela safra (2016/17) as condições foram excepcionais e resultaram em produtividades recordes em diversos estados.

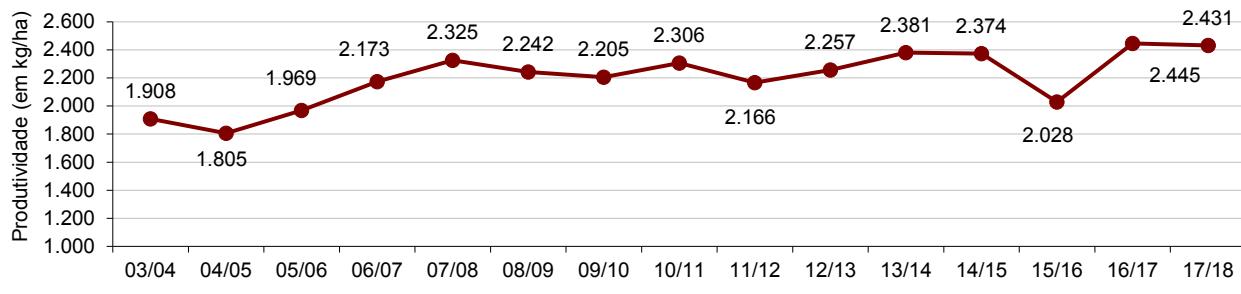
5.1. ALGODÃO

Para ter resultados positivos, a semeadura exige alto padrão tecnológico e gestão profissional, o que resulta em alta produtividade. O método estatístico utilizado pela Conab, nesse momento, traduz essa característica e tem as penalidades climáticas das últimas

safras observadas nos resultados. A estimativa é de produtividade próxima da safra passada. Na Região Centro-Oeste, onde concentra 72% da produção brasileira, a estimativa é de melhores produtividades na atual safra, isso ocorre porque, nos estados dessa região, o algodão é uma cultura de custo de produção maior do que as outras culturas e, por isso, é cultivado

nas melhores áreas das fazendas, além da melhor tecnologia disponível, isso possibilita uma estabilidade de produtividade melhor do que em outras regiões do país. A Bahia e Mato Grosso são os maiores produtores de algodão e o comportamento da produtividade do Brasil pode ser observado nos gráficos abaixo.

Gráfico 21 - Comportamento da produtividade de caroço de algodão no Brasil



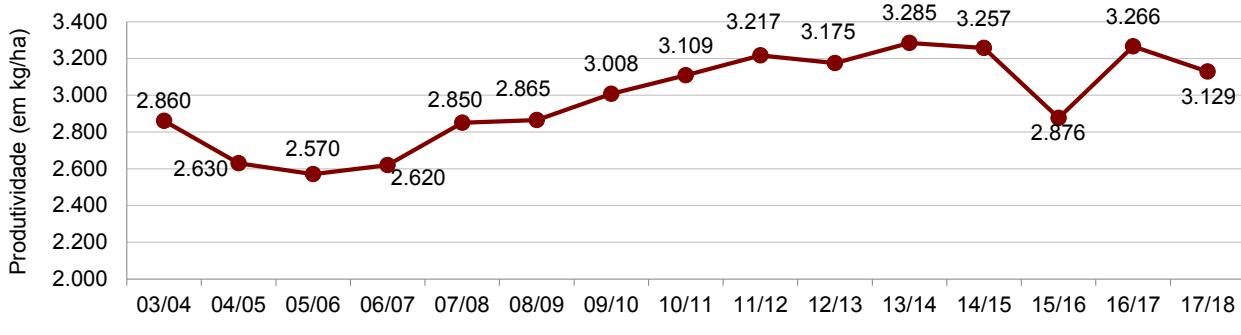
Fonte: Conab.

5.2. ARROZ

No cômputo geral, a estimativa de produtividade é de redução, sendo menor em relação à safra anterior, que teve bom comportamento. Nos principais esta-

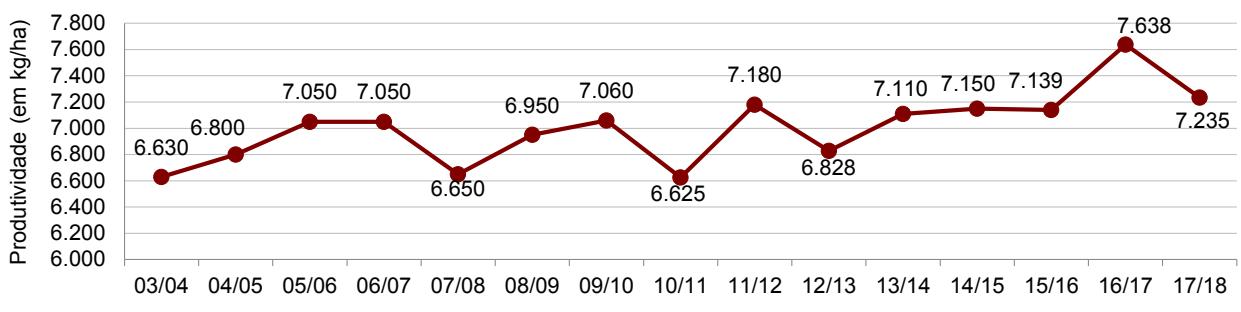
dos produtores, a estimativa de produtividade é compatível com os pacotes tecnológicos utilizados pelos produtores.

Gráfico 22 - Comportamento da produtividade de arroz em Mato Grosso



Fonte: Conab.

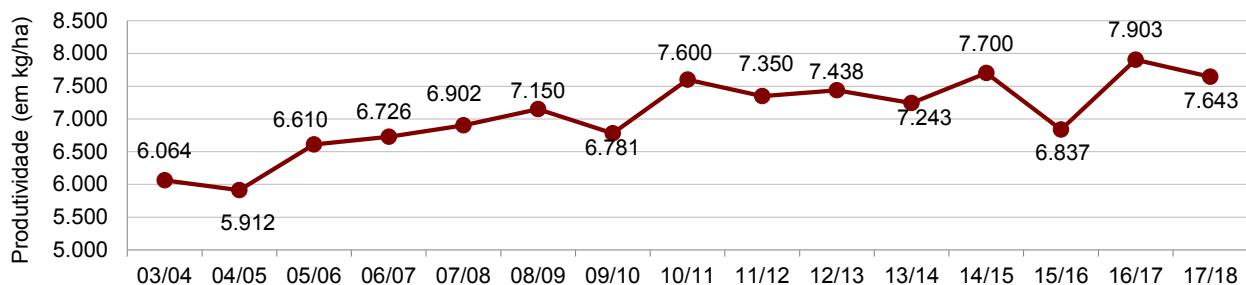
Gráfico 23 - Comportamento da produtividade de arroz em Santa Catarina



Fonte: Conab.

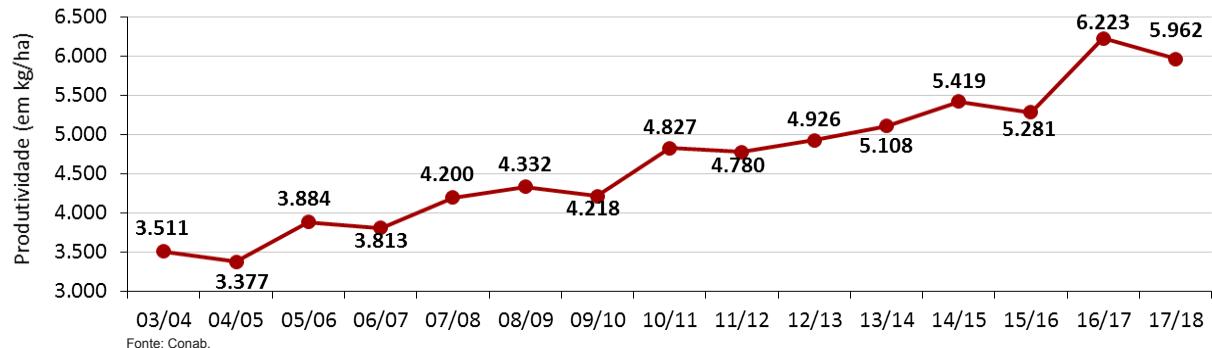


Gráfico 24 - Comportamento da produtividade de arroz no Rio Grande do Sul



Fonte: Conab.

Gráfico 25 - Comportamento da produtividade de arroz no Brasil



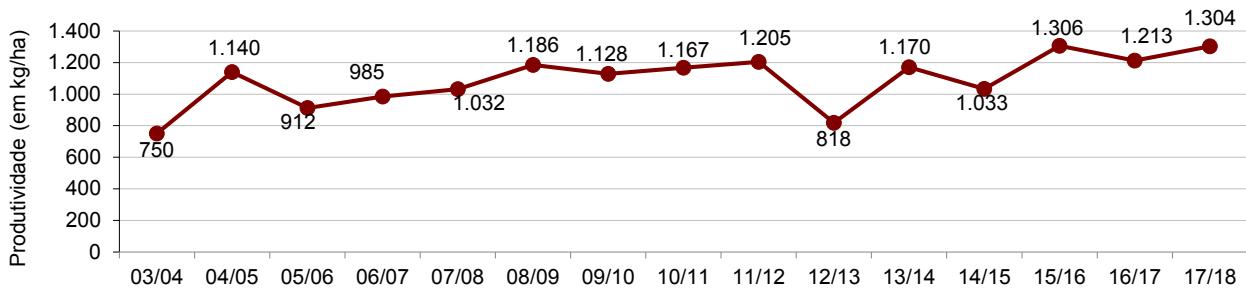
Fonte: Conab.

5.3. FEIJÃO

O cultivo é considerado de risco pela baixa tecnificação, além dos problemas climáticos e sanitários. A estimativa é de redução na produtividade do feijão-comum cores (2,7%) e feijão-comum preto (4,9%) sem que haja impacto de destaque na sua produção. No caso do feijão-caupi a estimativa é de redução de

produtividade (24,5%), dada às condições de plantio e de baixa tecnologia utilizada para o seu plantio. Nos principais estados produtores se pode observar que a produtividade da primeira safra de feijão aumenta apenas em Minas Gerais, que apresenta condições melhores de plantio.

Gráfico 26 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra em Minas Gerais



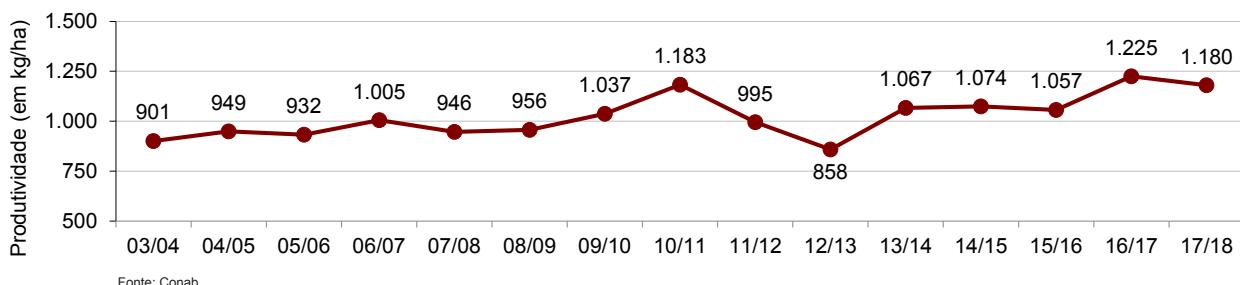
Fonte: Conab.



Gráfico 27 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra no Paraná



Gráfico 28 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra no Brasil



5.4. MILHO

A estimativa é de redução de 8,7% na produtividade do milho. Mesmo assim, a produtividade esperada é a segunda melhor no período entre 2003/04 a 2017/18. Nos estados da Região Sul, a estimativa da produtivi-

dade pode ser considerada normal, uma vez que na safra anterior o rendimento pode ser considerado excepcional.

Gráfico 29 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Pará

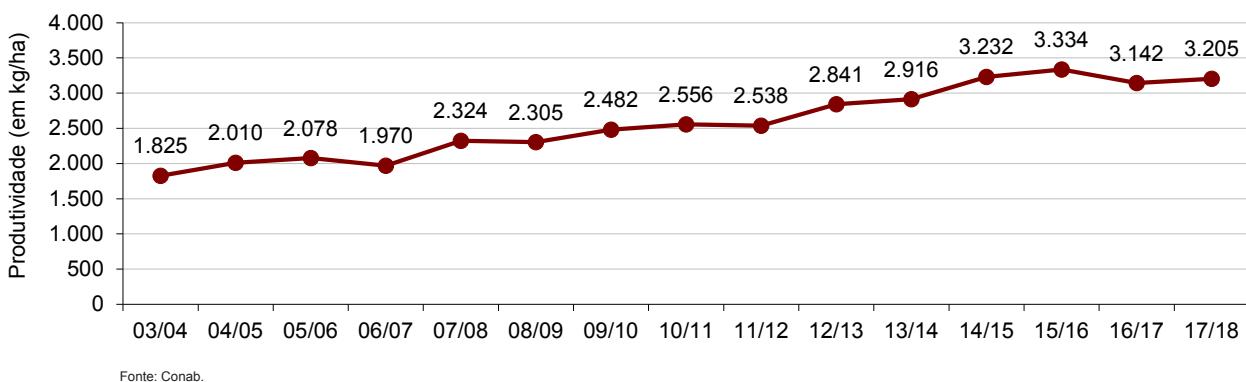
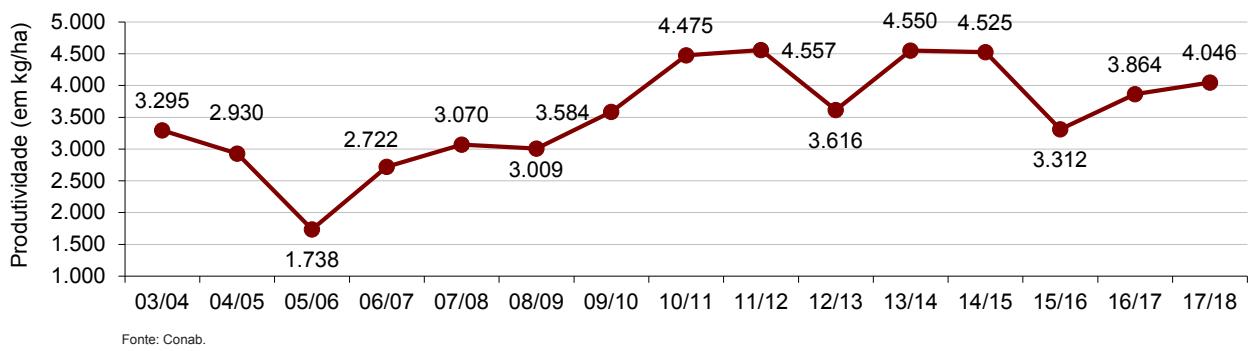
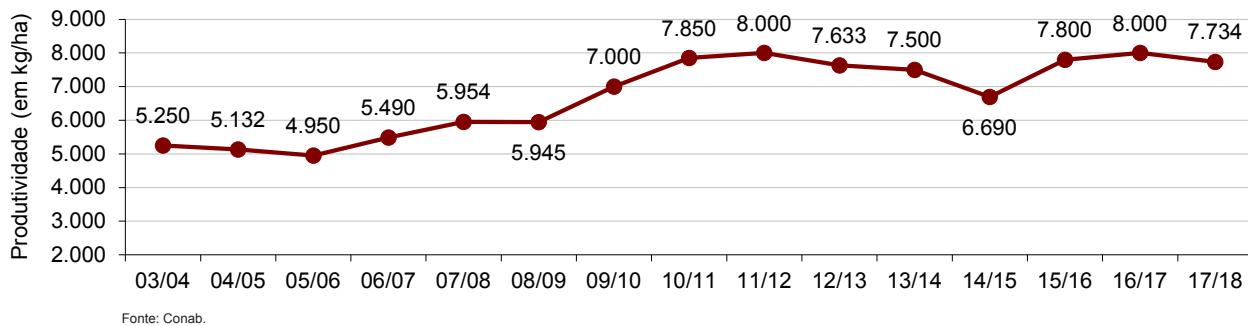


Gráfico 30 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra na Bahia



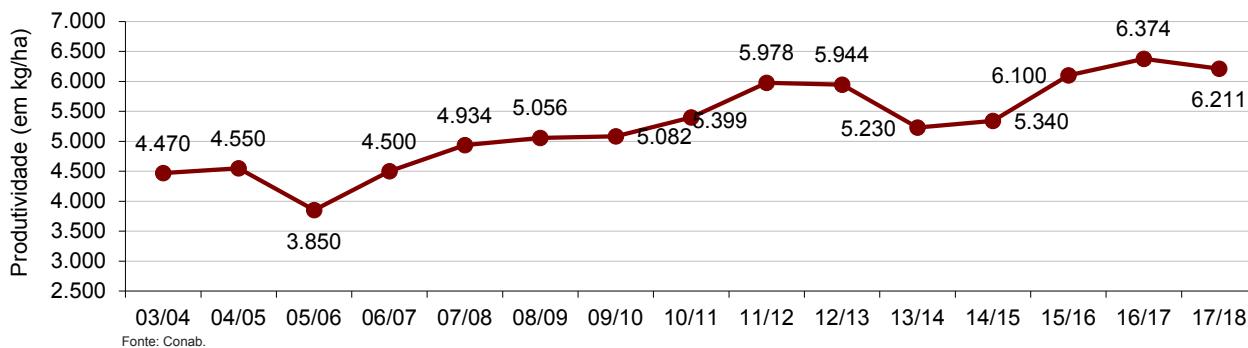
Fonte: Conab.

Gráfico 31 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra em Goiás



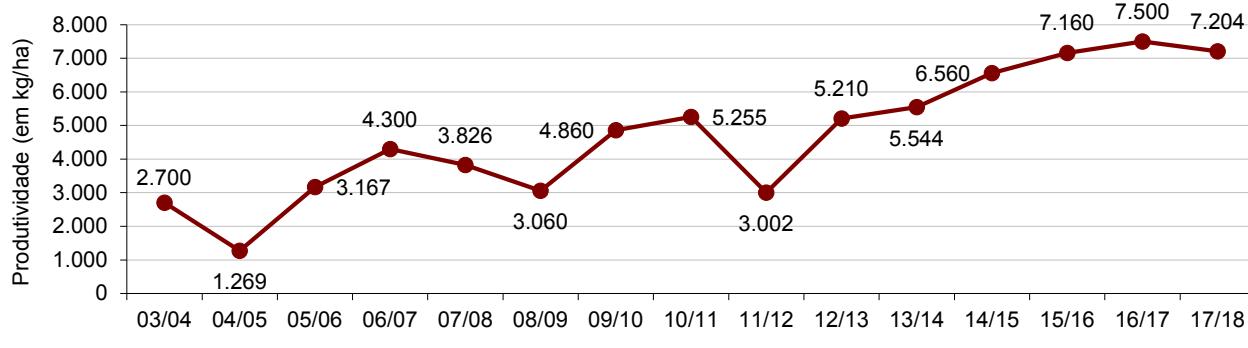
Fonte: Conab.

Gráfico 32 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra em Minas Gerais



Fonte: Conab.

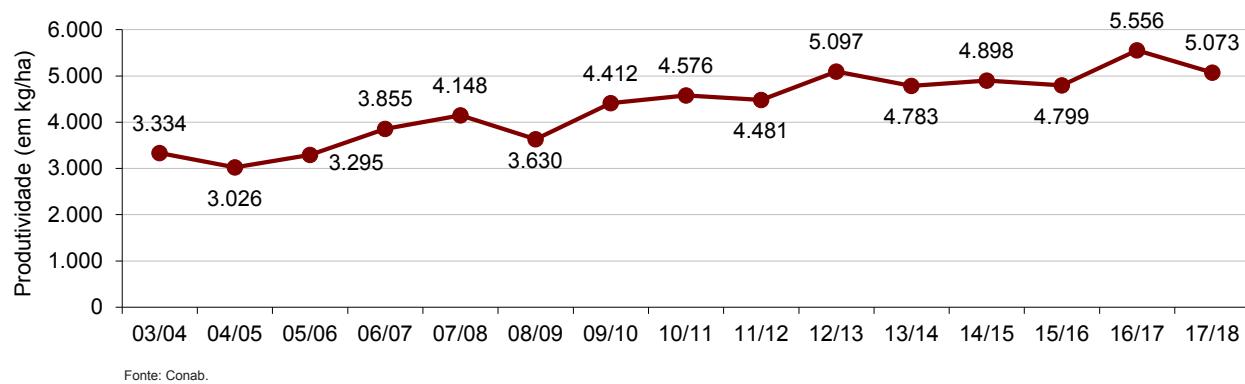
Gráfico 33 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Rio Grande do Sul



Fonte: Conab.



Gráfico 34 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Brasil



5.5. Soja

Excluindo os resultados da safra 2016/17, a produtividade média nacional esteve entre 2,5 e 3 mil kg/ha, nos últimos dez anos. A estimativa do rendimento para a safra 2017/18 está de acordo com o pacote tecnológico utilizado e com o rendimento médio comen-

tado. Observando a estimativa de produtividade de Tocantins, Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, percebe-se que todos estão próximos ou acima da média nacional, resultado da estabilidade de produção da cultura no país.

Gráfico 35 - Comportamento da produtividade de soja em Tocantins

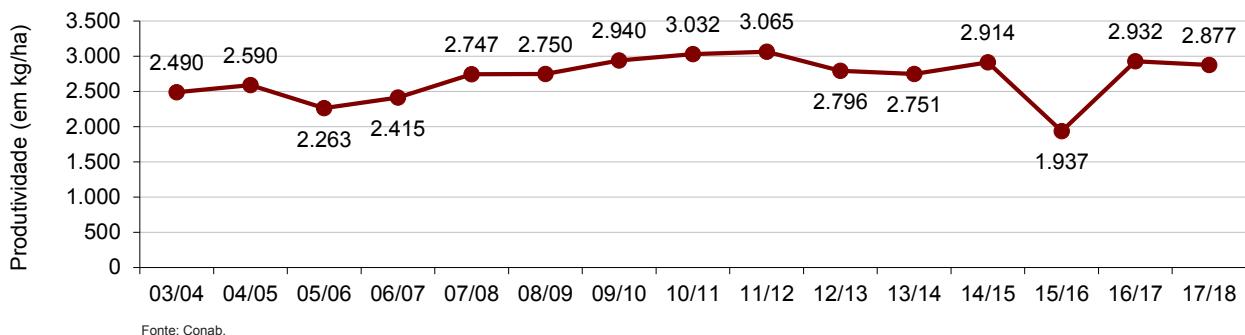


Gráfico 36 - Comportamento da produtividade de soja na Bahia

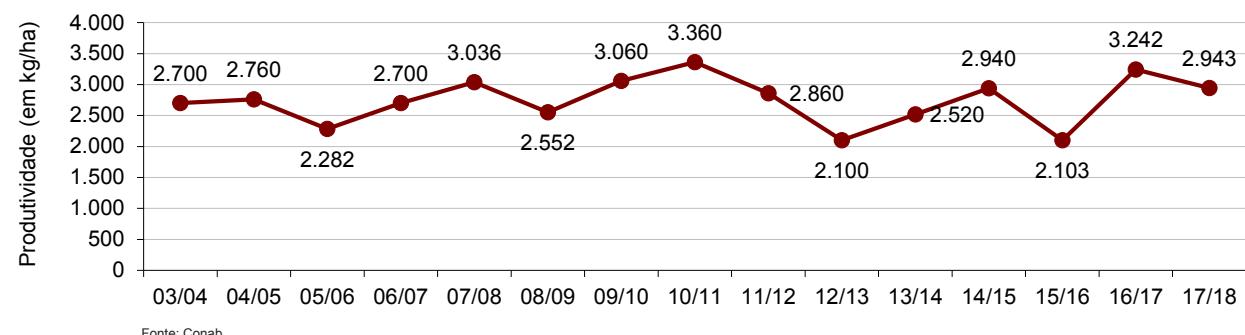
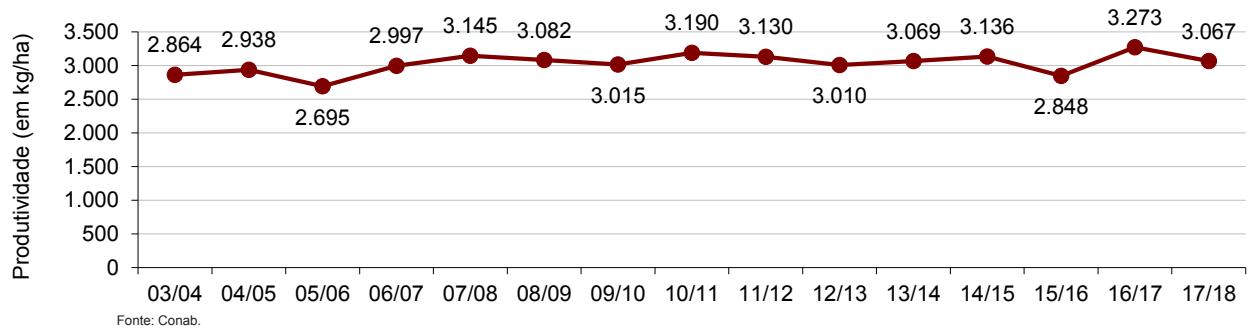
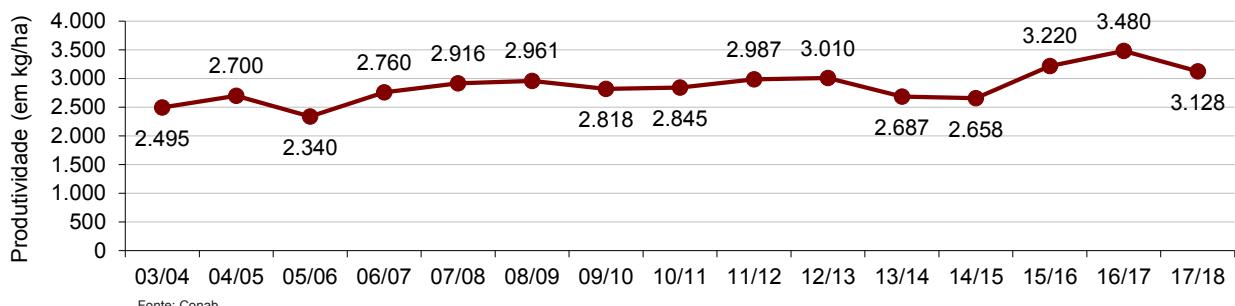


Gráfico 37 - Comportamento da produtividade de soja em Mato Grosso



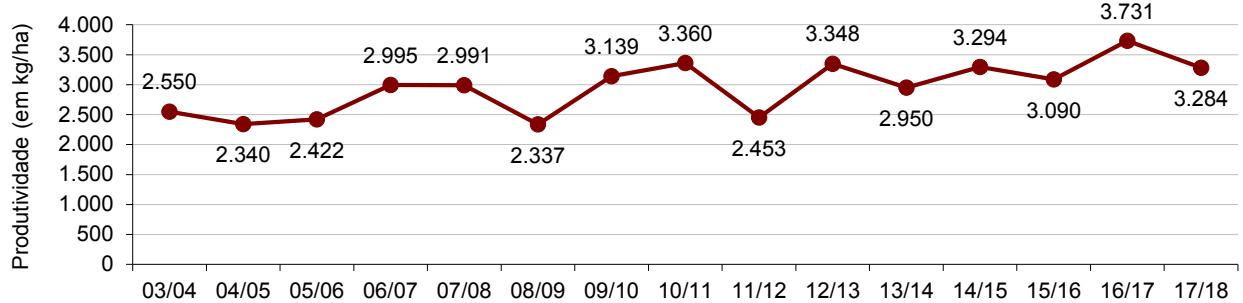
Fonte: Conab.

Gráfico 38 - Comportamento da produtividade de soja em Minas Gerais



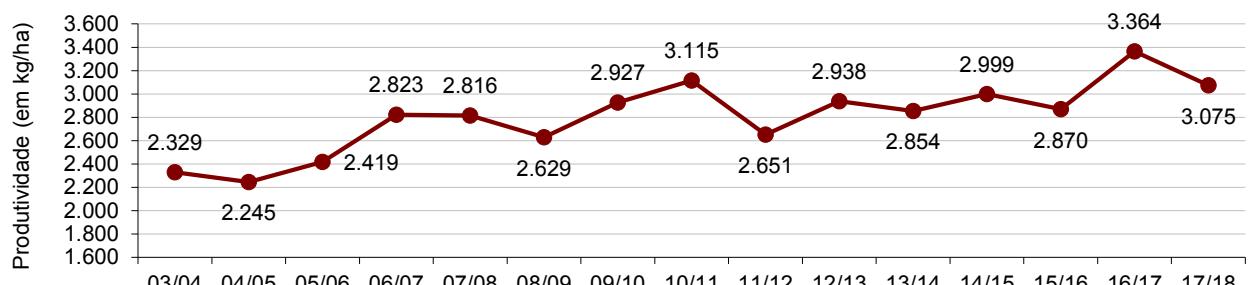
Fonte: Conab.

Gráfico 39 - Comportamento da produtividade de soja no Paraná



Fonte: Conab.

Gráfico 40 - Comportamento da produtividade de soja no Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	16/17 (a)	17/18		Percentual	Absoluta
		Out/2017 (b)	Nov/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.445	2.431	2.431	(0,6)	(14,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.622	1.622	(0,4)	(7,0)
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.493	3.495	(3,1)	(111,0)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.594	3.594	(3,1)	(115,4)
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	2.413	2.413	(3,3)	(81,5)
ARROZ	6.223	5.989	5.962	(4,2)	(261,0)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.173	2.168	(7,6)	(178,8)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.335	7.325	(3,9)	(293,9)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.050	1.040	(2,7)	(28,9)
CORES	1.505	1.492	1.477	(1,9)	(28,5)
PRETO	1.568	1.575	1.575	0,5	7,1
CAUPI	506	470	470	(7,2)	(36,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.209	1.181	(3,6)	(43,6)
CORES	1.779	1.764	1.730	(2,7)	(48,5)
PRETO	1.829	1.740	1.739	(4,9)	(89,5)
CAUPI	416	315	315	(24,5)	(101,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	847	847	0,6	5,4
CORES	1.338	1.356	1.356	1,4	18,3
PRETO	1.338	1.448	1.448	8,2	109,4
CAUPI	516	512	512	(0,8)	(3,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	1.264	(3,1)	(39,8)
CORES	1.396	1.370	1.370	(1,9)	(26,1)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	719	(17,2)	(149,8)
GIRASSOL	1.653	1.564	1.564	(5,4)	(88,7)
MAMONA	470	473	473	0,6	2,9
MILHO TOTAL	5.560	5.418	5.409	(2,7)	(151,1)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.107	5.073	(8,7)	(483,2)
MILHO 2ª SAFRA	5.562	5.547	5.547	(0,3)	(15,2)
SOJA	3.364	3.075	3.075	(8,6)	(289,4)
SORGO	2.967	2.859	2.859	(3,7)	(108,6)
SUBTOTAL	3.975	3.728	3.721	(6,4)	(254,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual	Absoluta
		Out/2017 (b)	Nov/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	2.004	2.316	2.004	-	-
CANOLA	871	1.281	871	-	-
CENTEIO	2.056	2.222	2.056	-	-
CEVADA	2.667	3.129	2.667	-	-
TRIGO	2.383	2.546	2.383	-	-
TRITICALE	2.524	2.678	2.524	-	-
SUBTOTAL	2.314	2.516	2.314	-	-
BRASIL (2)	3.909	3.681	3.666	(6,2)	-243,1

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.





6. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

Neste primeiro levantamento, para a safra 2017/18, a produção estimada indica um volume entre 223,2 a 227,5 milhões de toneladas. Esse resultado equivale a uma redução de 6,2 e 4,4% em relação à safra passada. Esse resultado representa uma produção entre 14,7 e 10,5 milhões toneladas menor, em virtude da última safra ter sido excepcional e, portanto, a expectativa é que a produção expresse o comportamento normal de safras anteriores.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. A soja está estimada em uma produção entre 106,4 e 108,6 milhões de toneladas, enquanto o milho pode ter uma produção de 91,7 a 93 milhões de toneladas, distribuídos entre primeira e segunda safras. Estima-se que a primeira safra de milho pode ser menor em relação à safra 2016/17 e alcançar entre 24,5 e 25,9 milhões de toneladas. A estimativa para a segunda safra de milho é de 67,2 milhões de toneladas.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	16/17(a)	17/18		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.418,7	2.643,6	5,2	15,0	120,4	345,3
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.614,0	1.763,8	5,5	15,3	84,5	234,3
AMENDOIM TOTAL	466,2	454,1	463,2	(2,6)	(0,6)	(12,1)	(3,0)
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	427,6	436,7	(2,6)	(0,5)	(11,2)	(2,1)
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	26,5	26,5	(3,3)	(3,3)	(0,9)	(0,9)
ARROZ	12.327,8	11.553,1	11.869,6	(6,3)	(3,7)	(774,7)	(458,2)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.098,6	1.169,4	(10,7)	(5,0)	(132,1)	(61,3)
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.454,5	10.700,2	(5,8)	(3,6)	(642,6)	(396,9)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.238,6	3.297,5	(4,7)	(3,0)	(160,9)	(102,0)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.069	2.112	(5,0)	(3,0)	(109,5)	(66,1)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	520	524	2,5	3,3	12,7	16,8
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	650	661	(8,9)	(7,3)	(63,6)	(52,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.169,6	1.222,8	(14,0)	(10,1)	(191,0)	(137,8)
CORES	850,4	734,0	775,8	(13,7)	(8,8)	(116,4)	(74,6)
PRETO	319,5	315,4	319,5	(1,3)	-	(4,1)	-
CAUPI	190,7	120,2	127,4	(37,0)	(33,2)	(70,5)	(63,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.256,8	1.262,4	4,7	5,1	55,9	61,5
CORES	575,8	596,6	598,2	3,6	3,9	20,8	22,4
PRETO	180,2	195,1	195,1	8,3	8,3	14,9	14,9
CAUPI	445,0	465,2	469,2	4,5	5,4	20,2	24,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(3,0)	(25,3)	(25,3)
CORES	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(1,8)	(13,9)	(13,9)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	24,1	1,9	1,9
CAUPI	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(17,1)	(13,3)	(13,3)
GIRASSOL	103,7	98,0	98,0	(5,5)	(5,5)	(5,7)	(5,7)
MAMONA	13,1	13,3	14,4	1,5	9,9	0,2	1,3
MILHO TOTAL	97.817,0	91.631,5	93.053,4	(6,3)	(4,9)	(6.185,5)	(4.763,6)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	24.460,6	25.882,5	(19,7)	(15,0)	(6.001,4)	(4.579,5)
MILHO 2ª SAFRA	67.355,1	67.170,9	67.170,9	(0,3)	(0,3)	(184,2)	(184,2)
SOJA	114.075,3	106.438,1	108.639,8	(6,7)	(4,8)	(7.637,2)	(5.435,5)
SORGO	1.864,8	1.802,1	1.809,5	(3,4)	(3,0)	(62,7)	(55,3)
SUBTOTAL	232.365,7	217.647,5	221.889,0	(6,3)	(4,5)	(14.718,2)	(10.476,7)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	16/17(a)	17/18		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	681,7	681,7	681,7	-	-	-	-
CANOLA	41,9	41,9	41,9	-	-	-	-
CENTEIO	7,4	7,4	7,4	-	-	-	-
CEVADA	291,3	291,3	291,3	-	-	-	-
TRIGO	4.568,4	4.568,4	4.568,4	-	-	-	-
TRITICALE	57,3	57,3	57,3	-	-	-	-
SUBTOTAL	5.648,0	5.648,0	5.648,0	-	-	-	-
BRASIL (2)	238.013,7	223.295,5	227.537,0	(6,2)	(4,4)	(14.718,2)	(10.476,7)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18		Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
NORTE	2.934,9	2.948,3	3.048,1	0,5	3,9	3.246	3.162	(2,6)	9.527,5	9.325,2	9.633,2	(2,1)	1,1
RR	54,8	54,8	54,8	-	-	4.210	4.093	(2,8)	230,7	224,3	224,3	(2,8)	(2,8)
RO	553,0	551,1	560,4	(0,3)	1,3	3.371	3.434	1,9	1.864,0	1.893,7	1.923,0	1,6	3,2
AC	46,8	46,8	46,8	-	-	1.976	2.004	1,4	92,5	93,8	93,8	1,4	1,4
AM	19,2	19,2	19,2	-	-	2.214	2.214	-	42,5	42,5	42,5	-	-
AP	23,5	23,5	23,5	-	-	2.498	2.434	(2,6)	58,7	57,2	57,2	(2,6)	(2,6)
PA	861,5	886,5	914,7	2,9	6,2	3.129	2.972	(5,0)	2.696,0	2.635,4	2.718,1	(2,2)	0,8
TO	1.376,1	1.366,4	1.428,7	(0,7)	3,8	3.301	3.203	(3,0)	4.543,1	4.378,3	4.574,3	(3,6)	0,7
NORD-ESTE	7.852,4	8.035,0	8.245,1	2,3	5,0	2.315	2.160	(6,7)	18.180,3	17.308,6	17.859,0	(4,8)	(1,8)
MA	1.565,3	1.702,2	1.734,3	8,7	10,8	3.061	2.917	(4,7)	4.790,7	4.963,5	5.062,3	3,6	5,7
PI	1.476,8	1.476,1	1.498,6	-	1,5	2.469	2.116	(14,3)	3.645,5	3.119,3	3.174,7	(14,4)	(12,9)
CE	932,0	932,0	932,0	-	-	591	501	(15,2)	550,4	467,2	467,2	(15,1)	(15,1)
RN	67,6	67,6	67,6	-	-	426	454	6,6	28,8	30,7	30,7	6,6	6,6
PB	179,5	179,5	179,5	-	-	393	378	(3,7)	70,5	67,9	67,9	(3,7)	(3,7)
PE	344,3	344,3	344,3	-	-	329	382	16,2	113,4	131,6	131,6	16,0	16,0
AL	80,1	80,1	80,1	-	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	60,4	(4,6)	(4,6)
SE	193,0	193,0	193,0	-	-	4.335	3.325	(23,3)	836,6	641,7	641,7	(23,3)	(23,3)
BA	3.013,8	3.060,2	3.215,7	1,5	6,7	2.681	2.557	(4,6)	8.081,1	7.826,3	8.222,5	(3,2)	1,7
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.036,1	25.458,9	0,3	2,0	4.144	3.952	(4,6)	103.449,8	99.112,4	100.462,6	(4,2)	(2,9)
MT	15.119,1	15.185,0	15.461,6	0,4	2,3	4.100	3.909	(4,7)	61.986,5	59.481,5	60.322,5	(4,0)	(2,7)
MS	4.441,3	4.464,8	4.531,1	0,5	2,0	4.229	3.977	(6,0)	18.784,2	17.781,9	17.995,3	(5,3)	(4,2)
GO	5.241,5	5.225,0	5.302,7	(0,3)	1,2	4.173	4.018	(3,7)	21.873,1	21.005,7	21.290,7	(4,0)	(2,7)
DF	161,7	161,3	163,5	(0,2)	1,1	4.985	5.226	4,8	806,0	843,3	854,1	4,6	6,0
SUDESTE	5.486,0	5.355,9	5.519,8	(2,4)	0,6	4.221	3.990	(5,5)	23.157,8	21.366,1	22.027,9	(7,7)	(4,9)
MG	3.372,7	3.237,2	3.358,7	(4,0)	(0,4)	4.175	3.977	(4,8)	14.080,0	12.863,1	13.365,6	(8,6)	(5,1)
ES	24,0	24,0	24,0	-	-	2.058	1.942	(5,7)	49,4	46,6	46,6	(5,7)	(5,7)
RJ	4,8	5,3	5,3	10,4	10,4	1.938	2.075	7,1	9,3	11,0	11,0	18,3	18,3
SP	2.084,5	2.089,4	2.131,8	0,2	2,3	4.327	4.039	(6,7)	9.019,1	8.445,4	8.604,7	(6,4)	(4,6)
SUL	19.653,8	19.534,7	19.797,9	(0,6)	0,7	4.259	3.909	(8,2)	83.698,3	76.182,9	77.554,2	(9,0)	(7,3)
PR	9.734,1	9.771,6	9.771,7	0,4	0,4	4.202	3.846	(8,5)	40.899,7	37.579,8	37.580,0	(8,1)	(8,1)
SC	1.312,8	1.260,5	1.311,1	(4,0)	(0,1)	5.311	4.684	(11,8)	6.972,6	5.872,4	6.173,8	(15,8)	(11,5)
RS	8.606,9	8.502,6	8.715,1	(1,2)	1,3	4.162	3.864	(7,2)	35.826,0	32.730,7	33.800,4	(8,6)	(5,7)
NORTE/NORDESTE	10.787,3	10.983,3	11.293,2	1,8	4,7	2.569	2.430	(5,4)	27.707,8	26.633,8	27.492,2	(3,9)	(0,8)
CENTRO-SUL	50.103,4	49.926,7	50.776,6	(0,4)	1,3	4.197	3.939	(6,1)	210.305,9	196.661,4	200.044,7	(6,5)	(4,9)
BRASIL	60.890,7	60.910,0	62.069,8	-	1,9	3.909	3.666	(6,2)	238.013,7	223.295,2	227.536,9	(6,2)	(4,4)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.





6. CRÉDITO RURAL

A Conab acompanha os movimentos relacionados com o crédito rural no sentido de compreender o comportamento e a intenção dos produtores rurais no financiamento da safra agrícola.

O crédito utilizado pelo produtor tem como origem o sistema financeiro e outros agentes (tradings, cooperativas, indústrias, revenda de insumos, produtores etc.) que, juntos, oferecem recursos financeiros com pagamento em espécie ou troca, com fornecimento de insumos e uso de pacotes tecnológicos, contra entrega de determinado percentual do produto colhido como pagamento, geralmente com preços preestabelecidos.

Nesse espaço, a intenção é comentar a respeito das informações coletadas pela Conab junto aos diversos informantes nos estados produtores, em setembro de 2017.

No Acre, as informações dos produtores que possuem as maiores áreas de plantio de grãos são de que o acesso ao crédito agrícola está difícil, como ocorreu nos anos anteriores devido principalmente à burocracia e demora na liberação do custeio, o que tem levado os produtores a desistirem de acessar o crédito agrícola.

No Amazonas não há perspectivas, a curto prazo, de financiamento para as culturas de arroz, milho e feijão.

No Distrito Federal, a aquisição de crédito pelos pro-

dutores locais ocorreu dentro das necessidades e a demanda foi atendida. O crédito de custeio foi adquirido de forma antecipada e alguns produtores utilizam recursos próprios e recursos oriundos dos fornecedores de insumos, com troca de insumos por grãos a serem entregues por ocasião da colheita, com preços prefixados. As pendências financeiras envolvendo as dívidas passadas e as exigências de garantias dos produtores estão dificultando a efetivação de plantio.

Em Goiás, as informações são de que existe disponibilidade de recursos financeiros nos bancos oficiais para pré-custeio e custeio.

No Maranhão, pode-se perceber que o agricultor familiar dispõe de linhas de crédito basicamente do Pronaf. Por outro lado, os grandes produtores não utilizam de recursos próprios, recorrendo aos agentes financeiros e às tradings, dado que estas têm participação preponderante no financiamento rural.

Em Minas Gerais, de maneira geral, a oferta de crédito é considerada abundante, no tempo adequado e fluem dentro da normalidade. As linhas de financiamento, sejam elas bancárias ou via indústria de esmagamento e revenda de insumos, são oferecidas aos produtores mediante cadastro prévio, onde são levantadas informações como: situação econômico-financeiro do produtor, grau de endividamento, renegociação de dívida, capacidade de pagamento, garantias reais e avalistas.

Em Mato Grosso do Sul, pelas informações obtidas, em muitos municípios a maioria dos produtores já está com o crédito liberado e quase todo o estoque de insumos comprados. Há relatos de dificuldades em acessar o financiamento, principalmente por causa da exigência documental, de capacidade de pagamento e de garantias, o que tem conduzido à demora na avaliação do crédito e, consequentemente, atraso na aquisição dos insumos.

Ainda em Mato Grosso do Sul, a aquisição de insumos diretamente das fabricantes de insumos e de seus representantes, via garantia de produção, tem aumentado no estado, porque é uma opção para aquele produtor que não conseguiu acessar o crédito oficial ou quer travar o preço de venda. Na fonte privada de acesso ao custeio, tem-se informações de limitações devido à dificuldade de alguns produtores cumprirem os contratos da safra passada, principalmente por causa dos baixos preços do milho.

Em Mato Grosso, apesar do aumento dos recursos federais de pré-custeio, que incluem financiamento para aquisição de insumos para a lavoura, como sementes, fertilizantes e defensivos a juros subsidiados,

as tradings e revendas são as maiores finanziadoras das lavouras no estado.

Na Paraíba, a exemplo dos anos anteriores, não houve a contratação de custeio agrícola para as culturas de sequeiro de algodão, arroz, milho, feijão e sorgo. Tal situação é reflexo das deficiências pluviométricas e dos resultados negativos acumulados, que inviabilizaram a capacidade de pagamento dos tomadores dos empréstimos. Na incerteza do retorno dos recursos aplicados, os agentes financeiros não arriscam financiar as culturas de sequeiro.

No Piauí, com a confirmação da boa produtividade ocorrida na safra passada, os produtores puderam honrar em parte os seus compromissos junto às instituições financeiras, no intuito de garantir o financiamento desta safra. No entanto, há informações de que há restrições ao financiamento.

Em Rondônia, as lavouras de arroz são financiadas, em sua maioria, por cerealistas e atacadistas – em torno de 70% das necessidades do produtor. O crédito para o plantio de feijão é pouco acessado pelos produtores locais em virtude dos problemas de cultivo próprio da cultura, como, por exemplo, as adversidades climáticas e as pragas e doenças. O financiamento do milho e da soja, pelas informações obtidas, flui normalmente e os financiamentos têm origem nas instituições financeiras e *tradings*.

No Rio Grande do Sul, o financiamento do arroz é, em sua maioria, oriundo das indústrias, para entrega futura.

Em Santa Catarina, os produtores utilizam o financiamento oficial e de crédito privado via cooperativas e cerealistas com contrato de entrega futura, inclusive com preços previamente estabelecidos.

Em São Paulo, os produtores utilizam a oferta de crédito pelos agentes financeiros em sua grande parte (60%, aproximadamente), cooperativas (onde o produtor entrega a safra) e casas de revendas em menor escala. As informações são que os volumes de recursos estão disponíveis e o financiamento sendo realizado normalmente com garantias básicas (empenho da safra, terra, maquinários e outros).

Não houve relatos de problemas em relação ao crédito de custeio em Tocantins.

As informações a seguir têm origem no Sistema de Operações do Crédito Rural (Sicor) e do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro), que disponibiliza informações acerca de variados produtos, dentre eles os presentes neste levantamen-



to, como valores, quantidades, programas de custeio por região e unidade da federação. Nesse sentido, em 23/10/2017, foram extraídas as informações atualizadas até setembro de 2017 no endereço eletrônico do Banco Central do Brasil na internet.

As informações utilizadas para este documento são dos recursos oriundos do crédito oferecido pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e na modalidade Sem Vínculo a Programa Específico.

6.1. A CULTURA DO ALGODÃO

A cultura do algodão está fortemente concentrada na Bahia e Mato Grosso, principais produtores da fibra, com participação de 22,61% e 66,05%, respectivamente.

O financiamento de custeio para a cultura do algodão ocorre, prioritariamente, via aporte Sem Vínculo a Pro-

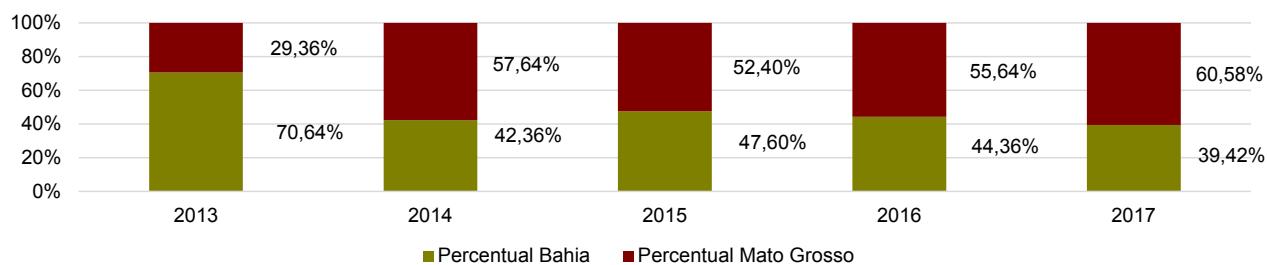
No acumulado, janeiro a setembro, o valor observado é de R\$ 44,01 bilhões, 10,07% superior ao montante utilizado no mesmo período no exercício de 2016 (40,01 bilhões de reais).

A safra brasileira tem na produção de algodão, feijão, milho e soja as principais culturas com relação direta à disponibilização de insumos para a indústria têxtil, à fonte de alimentação, tanto humana como animal, e o atendimento ao mercado externo. Nesse contexto, as análises a seguir serão focadas nessas culturas, que possuem distintas características e impactos na sociedade brasileira.

grama Específico, o que demonstra que a cultura exige alta tecnologia e presença de grandes produtores.

O Gráfico 41 corrobora a distribuição dos aportes pelos estados supracitados, ratificando a presença destacada de Mato Grosso, inclusive a tendência, na série apresentada, de crescimento em relação à Bahia.

Gráfico 41 – Distribuição do aporte total – Algodão – BA e MT

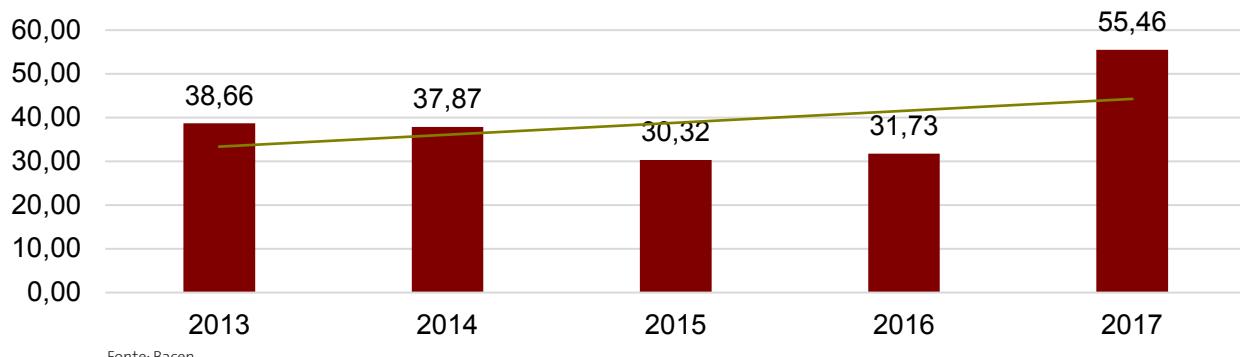


Fonte: Bacen.

O Gráfico 42 apresenta os valores acumulados de janeiro a setembro, para o conjunto de estados, apresentando tendência de crescimento nos últimos cinco

anos, com destaque para a variação observada entre 2016 e 2017, com um aumento de 74,80%.

Gráfico 42 - Total de aporte – Algodão – BA e MT – Janeiro a agosto



Fonte: Bacen.

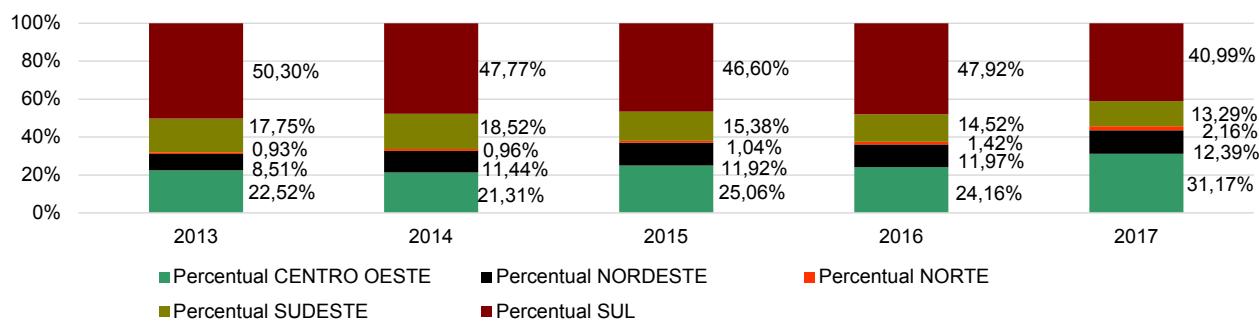


Além disso, para cada Unidade da Federação em específico, observa-se aumento na obtenção de crédito de custeio, no acumulado janeiro a setembro, em comparação com o mesmo período do ano anterior. O Mato Grosso apresenta R\$ 33,6 milhões e a Bahia com R\$

6.2. A CULTURA DO MILHO

A cultura do milho se apresenta em duas safras; a primeira com início de plantio em julho para o Centro-Sul e Setembro no Norte-Nordeste. Já a segunda safra é plantada no verão. A análise terá como foco a Região Centro-Sul, que é a maior produtora de milho na primeira safra.

Gráfico 43 – Distribuição do aporte – Milho - Regiões – janeiro a agosto – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

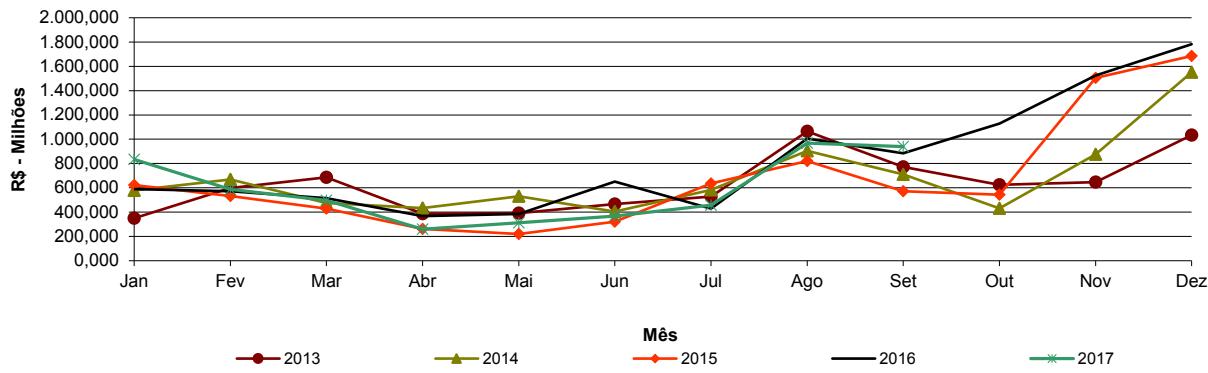
No ano de 2017 – janeiro a setembro - os recursos utilizados no custeio de milho atingiram o montante de 5,2 bilhões de reais. O comportamento do crédito em 2017 é de redução de aproximadamente 3% em relação ao mesmo período de 2016.

A partir de abril se percebe aumento no uso do crêdi-

to, 21,9 milhões; valores que representam crescimento de 90,23% e 55,33%, respectivamente. No primeiro levantamento da safra de grãos, a Conab observou intenção de aumento de área para o algodão.

O Gráfico 43 apresenta a distribuição do crédito pelas regiões brasileiras entre 2013 e 2017 (janeiro a setembro), corroborando a forte participação das Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Gráfico 44 – Total de investimentos – Milho – Janeiro a setembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

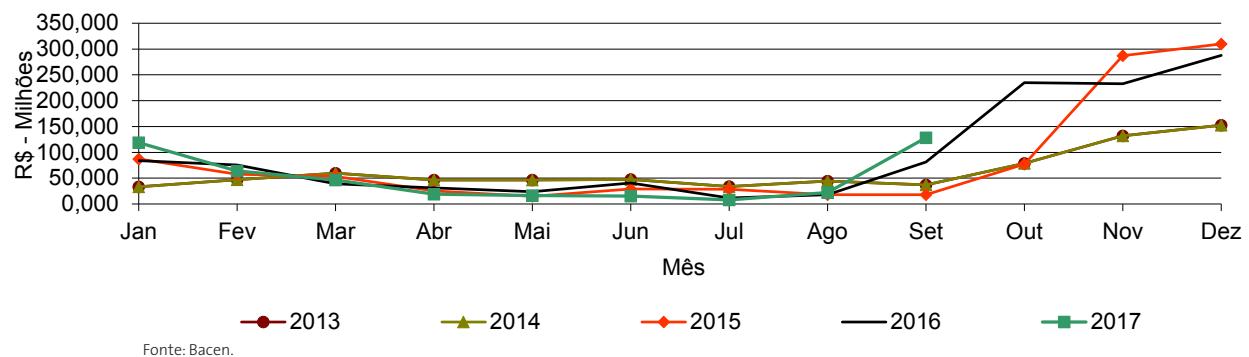
Os Gráficos de 45 a 49 apresentam os valores mensais aportados, de 2013 a 2017, para Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, respectivamente, que são grandes produtores de milho na primeira

safra. No primeiro levantamento de intenção de plantio de milho primeira safra a previsão é de redução de área.

safra. No primeiro levantamento de intenção de plantio de milho primeira safra a previsão é de redução de área.

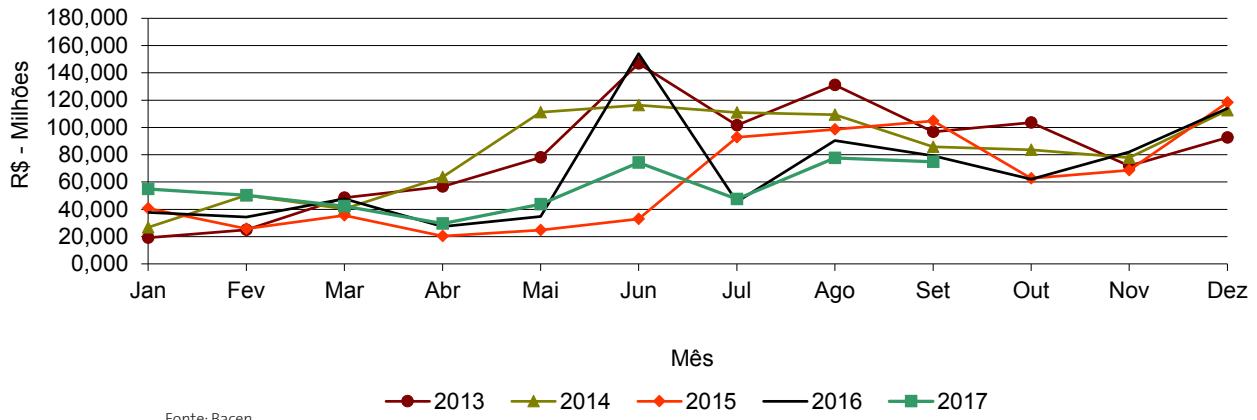


Gráfico 45 - Série temporal do aporte – Milho – Goiás – 2013 a 2017



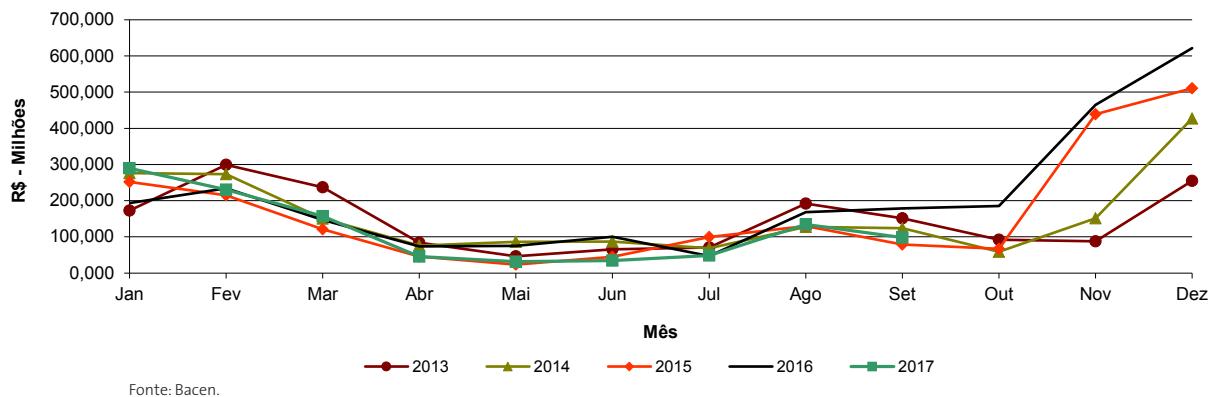
Fonte: Bacen.

Gráfico 46 - Série temporal do aporte – Milho – Minas Gerais – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 47 - Série temporal do aporte – Milho – Paraná – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 48 - Série temporal do aporte – Milho – Rio Grande do Sul – 2013 a 2017

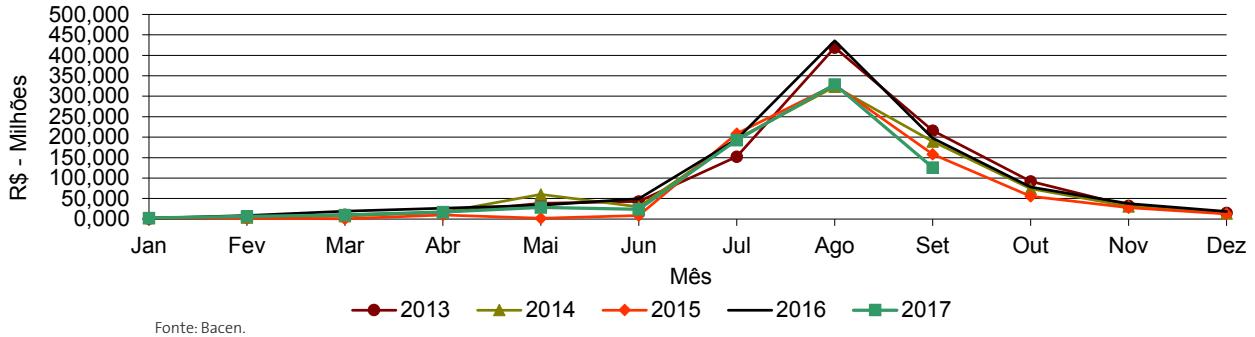
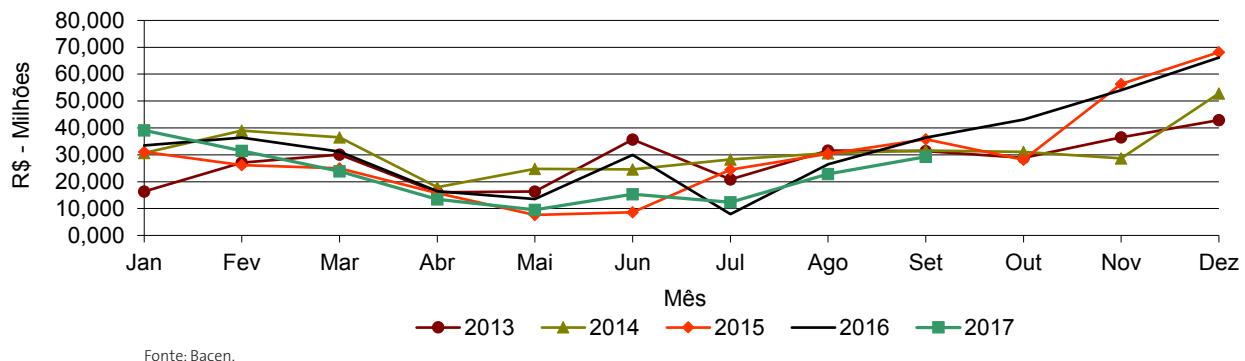


Gráfico 49 - Série temporal do aporte – Milho – São Paulo – 2013 a 2017

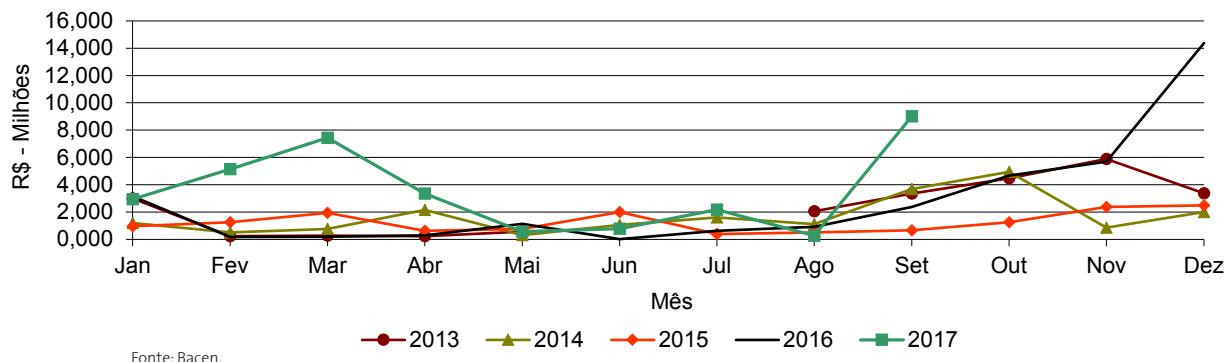


Fonte: Bacen.

A partir das informações gráficas acima apresentadas, pode-se depreender uma tendência de crescimento na tomada de crédito para Goiás em relação aos demais anos da série em análise e uma desaceleração em Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. O processo de financiamento tem início a partir de

julho, o que é compatível com o calendário de plantio. Deve-se destacar o Gráfico 50 com a representação da série temporal de aporte de crédito Pará. Foi destacada, pois tem-se observado o crescimento de produção nessa Unidade da Federação.

Gráfico 50 - Série temporal do Aporte – Milho – Pará – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

6.3. A CULTURA DO FEIJÃO

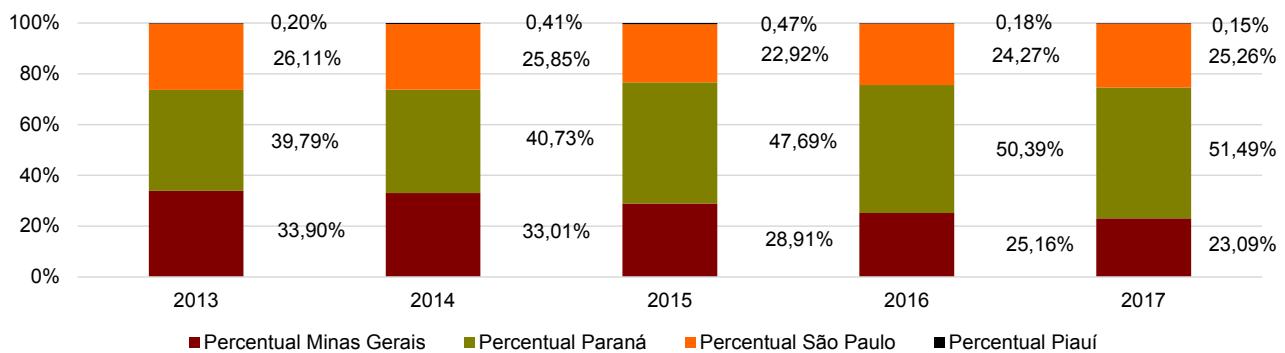
A cultura do feijão apresenta peculiaridades que a tornam singular na produção de grãos brasileira: a presença de três distintas safras e o seu cultivo em todo o território nacional. Por isso, em distintas regiões brasileiras podem ocorrer em paralelo ao plantio e à colheita.

Isso posto, a presença da cultura em todas regiões brasileiras se faz salutar apresentar os dados referentes ao crédito de custeio para as principais Unidades da Federação produtoras: Minas Gerais e São Paulo (feijão cores), Paraná (feijão preto e cores) e Piauí (feijão caupi).

O total aportado para o conjunto de Unidades da Federação supracitado, no acumulado de janeiro a setembro de 2017, foi de R\$ 329 milhões (31% maior, quando comparado ao mesmo período do ano anterior). Além disso, é importante salientar a tendência de crescimento do Paraná no conjunto de crédito fornecido aos quatro estados em conjunto, conforme apresentado no Gráfico 11, além da superioridade do valor aportado em São Paulo, quando comparado com Minas Gerais, esse fato corroborado pela superioridade, também, no montante da produção daquele em relação ao estado mineiro.



Gráfico 51 - Distribuição do aporte – Feijão – SP, MG, PI e PR – Janeiro a setembro– 2013 a 2017

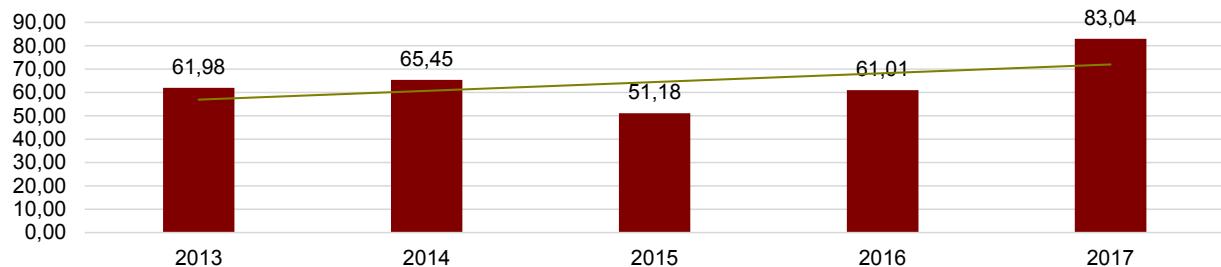


Fonte: Bacen.

Os Gráficos de 52 a 56 apresentam as representações gráficas dos totais aportados das Unidades da Federação em análise. Depreende-se das imagens uma tendência de crescimento na busca pelo fomento via

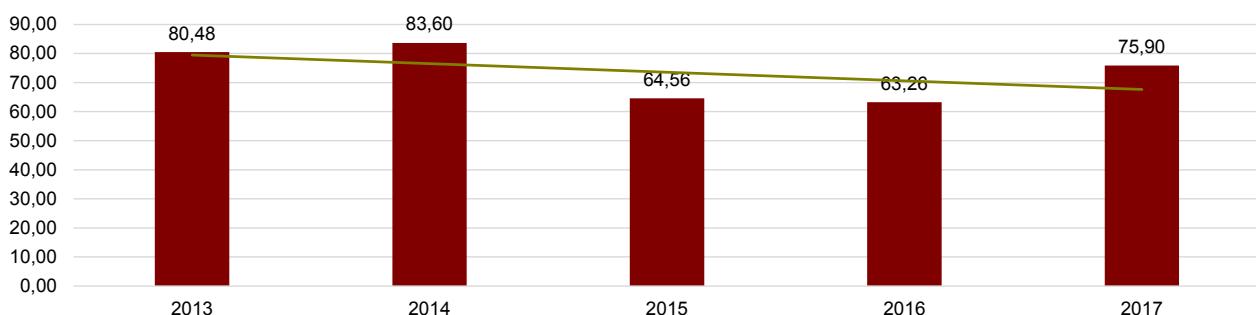
a modalidade de custeio em análise no Paraná e São Paulo, além de retomada no valor de crédito aportado no Piauí e em Minas Gerais, de 2017 em relação à 2016.

Gráfico 52 - Total do aporte – Feijão – São Paulo– Janeiro a setembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

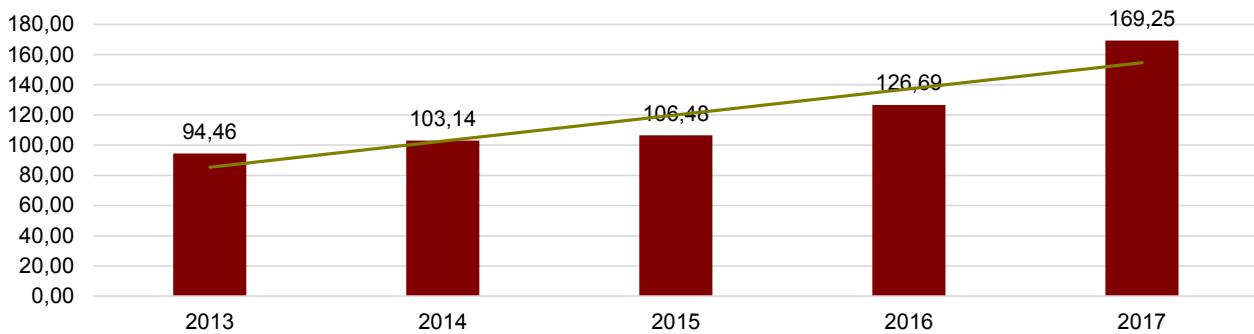
Gráfico 53 - Total do aporte – Feijão – Minas Gerais – Janeiro a setembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

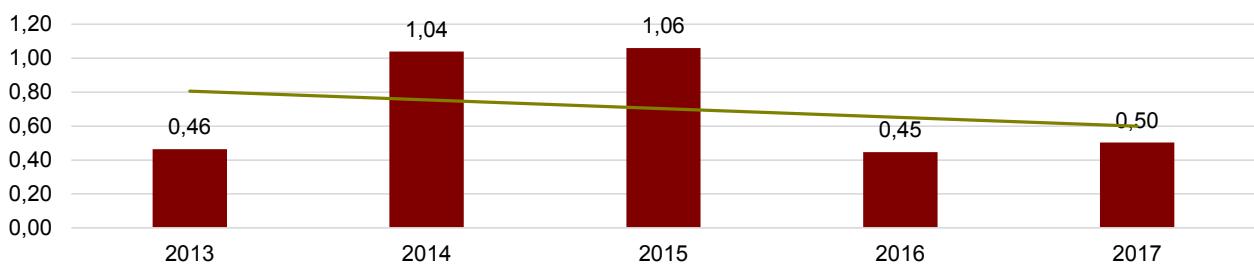


Gráfico 54 - Total do aporte – Feijão – Paraná – Janeiro a setembro – 2013 a 2017



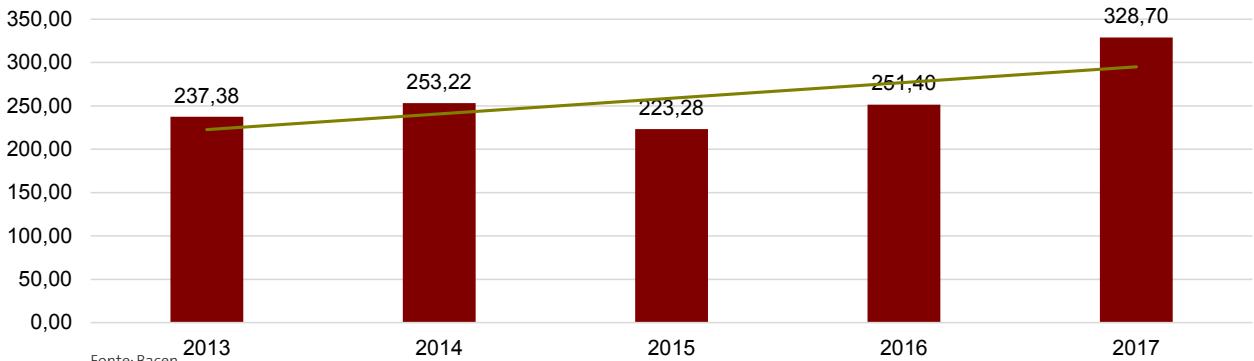
Fonte: Bacen.

Gráfico 55 - Total do aporte – Feijão – Piauí – Janeiro a setembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 56 - Total do aporte – Feijão – São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Piauí – Janeiro a setembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Em resumo, a magnitude dos constantes aumentos observados para o Paraná consegue, no conjunto, apresentar uma tendência de crescimento para o to-

tal aportado nos quatro estados. A perspectiva é de aumento na produção de feijão-comum preto (primeira safra).

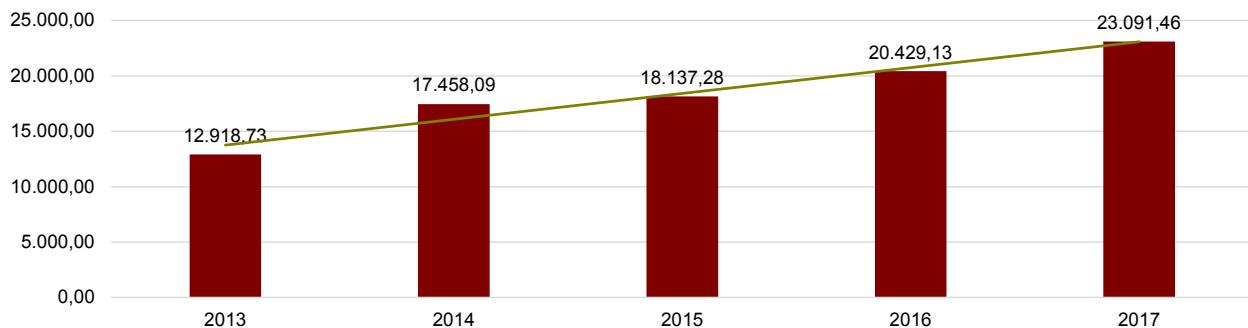


6.4. A CULTURA DA SOJA

O Gráfico 57 nos indica o aumento no uso do crédito em 2017 para a cultura da soja. Deve-se ressaltar que

o valor é o maior na série em análise. O incremento é de aproximadamente 12% em relação ao ano passado.

Gráfico 57 - Total do aporte – Soja – Janeiro a setembro – 2013 a 2017

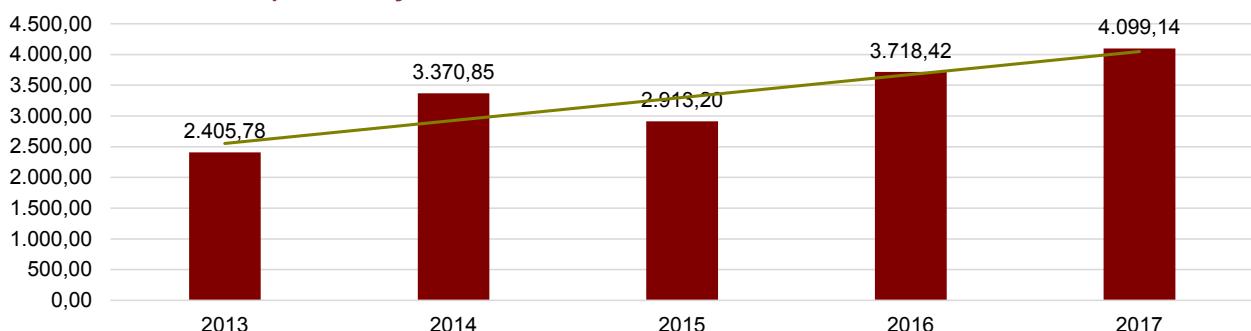


Fonte: Bacen.

O incremento no valor acumulado de janeiro a setembro para o custeio da soja no país também é percebido na tendência de crescimento no maior estado produtor do grão no Brasil, o Mato Grosso. Isso posto, o Gráfico 58 apresenta os totais aportados de 2013 a

2017, janeiro a setembro, na qual observa-se forte tendência de crescimento, com crescimento de 10,24% quando comparamos os valores de 2017 e 2016, por exemplo.

Gráfico 58 - Total do aporte – Soja – Mato Grosso - Janeiro a setembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.





7. MERCADO DE INSUMOS E CUSTOS DE PRODUÇÃO

O custo de produção é essencial para a escolha do produtor a respeito do plantio, pois seus componentes podem refletir em maior ou menor rentabilidade e liquidez. Outro fator preponderante é o pacote tecnológico que pode ser utilizado em contrapartida à produtividade esperada.

As decisões do produtor também têm relação com a possibilidade de utilização de crédito para o custeio e investimento do seu plantio. Os custos de produção têm parte essencial no financiamento do cultivo e, por conseguinte, na relação econômica com os fornecedores de máquinas, implementos, sementes, insumos e com o processo de comercialização.

De maneira geral, o produtor é tomador de preços dos insumos agropecuários, pois o fornecedor tem conhecimento do processo produtivo, da rentabilidade, dos resultados das safras anteriores e das expectativas futuras de comercialização. Além disso, os produtores trabalham com estoques mínimos para o seu uso no momento exigido no ciclo de plantio e colheita, o que reflete na definição de preços pelo fornecedor dos insumos dada à procura momentânea (Conab, 2017)¹.

Nesse contexto, na tabela abaixo demonstram-se os resultados dos custos variáveis das principais culturas de verão, base agosto de 2016 e setembro de 2017. Tais

¹ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Perspectivas de diversificação e de investimentos na produção de arroz - trigo - feijão:** Estudo preliminar. Brasília: CONAB. 51 p. (Compêndio de Estudos Conab, v. 1). Organizador: Aroldo Antônio de Oliveira Neto.

informações têm origem nos custos elaborados pela Conab e pretende-se demonstrar uma variável essencial para a escolha pelo produtor. Além disso, a infor-

mação e sua análise devem ser observadas como parte do processo de conhecimento a respeito do plantio da safra brasileira.

Tabela 5 - Custos de produção variáveis de algodão, arroz, milho e soja, em agosto 2016 e setembro/2017

Produto	Município	UF	Unidade de medida	CV 2016	CV 2017	Variação
Algodão em pluma	Barreiras	BA	R\$/@	50,72	54,70	↑
Algodão em pluma	Cristalina	GO	R\$/@	48,00	51,35	↑
Algodão em pluma	Chapadão do Sul	MS	R\$/@	49,81	51,11	↑
Algodão em pluma	Campo Novo do Parecis	MT	R\$/@	64,52	64,63	↑
Arroz irrigado	Pelotas	RS	R\$/50kg	35,49	35,26	↓
Arroz irrigado	Uruguaiana	RS	R\$/50kg	35,64	34,83	↓
Milho	Barreiras	BA	R\$/60kg	22,17	21,89	↓
Milho	Balsas	MA	R\$/60kg	21,84	20,61	↓
Milho	Campo Mourão	PR	R\$/60kg	19,25	18,66	↓
Milho	Passo Fundo	RS	R\$/60kg	20,94	20,23	↓
Milho	Unaí	MG	R\$/60kg	21,73	21,20	↓
Milho	Chapadão do Sul	MS	R\$/60kg	16,61	16,28	↓
Soja	Barreiras	BA	R\$/60kg	35,94	35,84	↓
Soja	Brasília	DF	R\$/60kg	40,49	42,15	↑
Soja	Cristalina	GO	R\$/60kg	36,35	36,67	↑
Soja	Balsas	MA	R\$/60kg	36,88	35,47	↓
Soja	Unaí	MG	R\$/60kg	41,46	40,17	↓
Soja	Chapadão do Sul	MS	R\$/60kg	41,70	37,82	↓
Soja	Campo Novo do Parecis	MT	R\$/60kg	42,46	42,40	↓
Soja	Campo Mourão	PR	R\$/60kg	28,17	27,93	↓
Soja	Cruz Alta	RS	R\$/60kg	37,74	37,31	↓
Soja	Pedro Afonso	TO	R\$/60kg	39,24	42,55	↑

Fonte: Conab.

A respeito dos resultados constantes da tabela, cabe observar que para o plantio de algodão, com resultados compensadores, exige-se a utilização de alto nível de tecnologia. Os principais componentes nos custos são os agrotóxicos e os fertilizantes. Além disso, as operações de máquinas, o beneficiamento, a utilização de sementes e a depreciação são componentes importantes dos custos de produção (Conab, 2017)². Somente na localidade de Campo Novo do Parecis é que há estabilidade dos custos. Para os demais, a exigência tecnológica, os bons resultados da safra anterior e as expectativas futuras podem explicar os aumentos dos custos.

No caso do arroz, o peso das operações de máquinas, sua manutenção e depreciação, dadas às condições propícias aos desgastes no processo produtivo e às características de alta abrasividade do arroz em casca,

além da participação das sementes, dos fertilizantes e dos agrotóxicos são componentes de destaque nos custos de produção (Conab, 2017)³. De forma geral, os custos ficaram estáveis no período analisado. Cabe comentar que a situação atual dos preços recebidos pelo produtor, o processo de financiamento e a característica de tomador de preço, podem ser hipóteses prováveis para a situação observada.

Com relação ao milho percebe-se que todos os custos em 2017 são inferiores a 2016. Os principais itens na composição dos custos são os fertilizantes, os agrotóxicos, sementes e operações com máquinas. O produtor é tomador de preços tanto a montante quanto a jusante do processo produtivo (Conab, 2017)⁴. Essa característica pode ser a melhor hipótese para os resultados dos custos, que, inclusive estão estáveis.

² COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **A Cultura do Algodão:** análise dos custos de produção e da rentabilidade nos anos-safra 2006/07 a 2016/17 . Brasília: CONAB, 2017. 31 p. (Compêndio de Estudos Conab, v. 8). Organizador: Aroldo Antônio de Oliveira Neto.

³ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Evolução dos custos de produção e rentabilidade do arroz irrigado gaúcho nos anos-safra 2006/07 a 2016/17.** Brasília: CONAB, 2017. 30 p. (Compêndio de Estudos Conab, v. 11). Organizador: Aroldo Antônio de Oliveira Neto.

⁴ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Análise dos custos de produção e rentabilidade da cultura do milho.** Brasília: CONAB, 2016. 36 p. (Compêndio de Estudos Conab, v. 3). Organizador: Aroldo Antônio de Oliveira Neto.

Em se tratando da soja, os fertilizantes, os agrotóxicos, as operações com máquinas, as sementes e a depreciação de máquinas e implementos têm forte participação nos custos de produção da oleaginosa (Conab, 2017)⁵. No processo de financiamento do plantio é co-

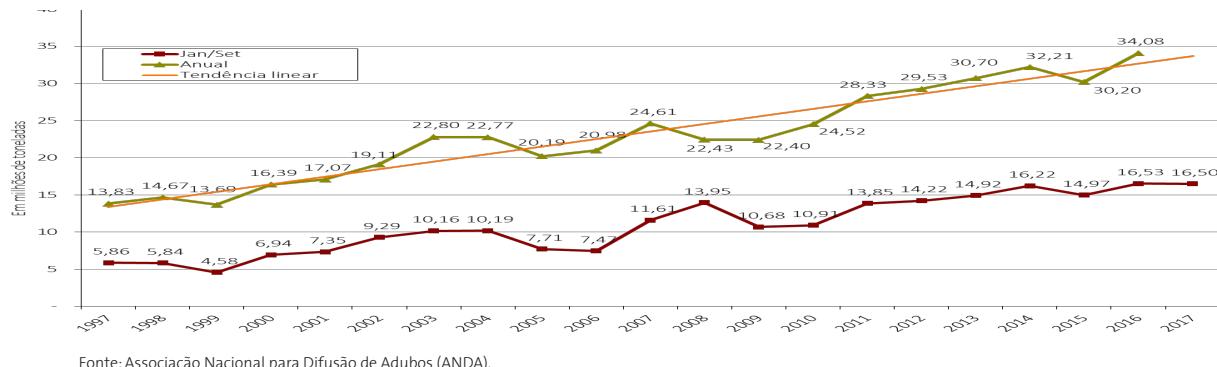
mum a troca de insumos e uso de pacotes tecnológicos, contra entrega de produto com preço preestabelecido. A relação custos x preços de comercialização podem ter reflexos nos resultados apresentados.

7.1. FERTILIZANTES

Em setembro de 2017, as entregas de fertilizantes ao consumidor final totalizaram 4,23 milhões de toneladas, ou seja, elas foram 4,4% superiores aos 4,05 milhões de toneladas registradas em agosto e representam o acréscimo de 5,3% em relação ao volume de 4,02 milhões de toneladas em setembro do ano passado.

No período de janeiro a setembro de 2017, as entregas somaram 24,79 milhões de toneladas, superiores em 1,3% do volume de igual período de 2016, quando foram comercializados 24,47 milhões de toneladas, recorde histórico até então registrado para o mesmo período.

Gráfico 59 - Fertilizantes entregues ao consumidor - 1997 a 2017



Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

Segundo informações da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), "O Mato Grosso concentrou o maior volume de entregas no período, alcançando 5.262 mil toneladas (21,2%), seguido do Paraná

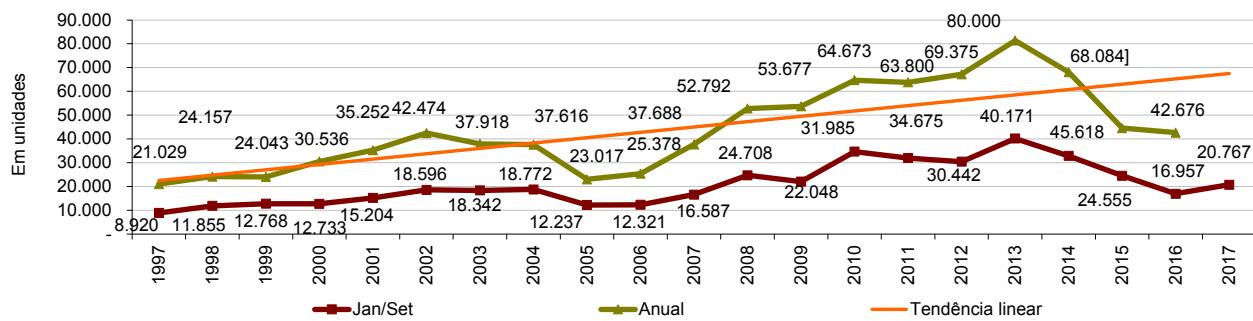
com 3.204 mil toneladas (12,9%), São Paulo com 3.010 mil toneladas (12,1%), Rio Grande do Sul com 2.904 mil toneladas (11,7%) e Minas Gerais com 2.558 mil toneladas (10,3%)".

7.2. MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Em setembro de 2017, as vendas internas no atacado de máquinas agrícolas (tratores de rodas e de esteiras, colhedoras, cultivadores motorizados e retroescavadeiras) foram de 4,3 mil unidades, superiores em 7,49% ao volume comercializado em agosto, que foi

de 4 mil unidades. O acumulado do ano (janeiro a setembro), registra que as vendas foram de 33,58 mil máquinas, representando um acréscimo de 8,42% relativamente ao quantitativo comercializado em igual período do ano anterior, que foi de 30,97 mil unidades.

Gráfico 60 - Tratores e colhedoras entregues ao consumidor - 1997 a 2017



Fonte: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA).

⁵ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Evolução dos custos de produção de soja no Brasil**. Brasília: CONAB, 2016. 22 p. (Compêndio de Estudos Conab, v. 3). Organizador: Araldo Antônio de Oliveira Neto.





8. SEMENTES

8.1. IMPORTÂNCIA DA UMIDADE DURANTE A SEMEADURA

A produtividade das culturas agrícolas é influenciada pelo estabelecimento das plantas no campo, que dependem do manejo e da qualidade das sementes utilizadas. No entanto, os diferentes cultivos estão sujeitos às condições adversas no campo, por exemplo, a disponibilidade hídrica durante o período da semeadura, que poderá afetar a germinação das sementes, crescimento inicial do sistema radicular e emergência das plântulas.

Considera-se a água como elemento essencial para o processo de germinação das sementes. Ao se hidratarem ocorre a reativação de diversas enzimas e síntese de outras, que irão desdobrar as substâncias de reservas, as quais são essenciais à retomada de crescimento do embrião da semente.

A primeira etapa da germinação se processa com a absorção de água pela semente, mediante embebição. A embebição de água resulta na reidratação dos tecidos, com a consequente intensificação da respiração e de todas as demais atividades metabólicas que culminam com o fornecimento de energia e de nutrientes necessários para a retomada do crescimento do eixo embrionário e emissão da raiz primária.

A duração de cada estágio depende das propriedades inerentes às sementes, como a composição química, permeabilidade do tegumento, tamanho das sementes e absorção de oxigênio. Também há a dependência por condições de hidratação, como temperatura, umidade e composição do solo.

A quantidade total de água usada pelas sementes durante a embebição geralmente não excede duas a três vezes a massa da semente seca. Para desencadear-se o processo de germinação de sementes de milho é necessário haver embebição de 30 a 35% de água em relação a sua massa seca, enquanto que para sementes de soja é necessário haver embebição ao redor de 50% de água em relação a sua massa seca (PESKE; PESKE, 2011).

A disponibilidade de água do solo para a semente é determinada pelo potencial hídrico ou a força com que a água é retida pelo solo. Assim, um solo rico em argila retém muito mais a água do que um solo arenoso.

A diferença no potencial hídrico entre a semente e o solo é que irá determinar a disponibilidade e a taxa de transferência da água do solo para a semente. Pode-se assumir que o solo sempre terá água para a semente germinar, entretanto a quantidade irá variar em virtude da umidade do solo. Mesmo num solo com umidade no ponto de murcha permanente, a semente irá embeber água, porém tão lentamente que terá dificuldade de alcançar o grau de umidade necessária.

8.2. SEMEADURA DA SOJA

Aproximadamente 90% do peso da planta de soja é constituído por água, a qual participa em praticamente em todos os processos fisiológicos e bioquímicos da planta, sendo responsável por diversas reações, cuja exigência se intensifica principalmente em dois períodos: germinação-emergência e floração-enchimento dos grãos (FERRARI et al., 2015).

Durante o primeiro período, tanto o excesso como a falta de água são prejudiciais ao estabelecimento da cultura e à obtenção de uma boa uniformidade na população de plantas, sendo o excesso hídrico mais limitante do que o deficit.

Entre os principais fatores do clima que determinam a melhor época de semeadura da soja está a umidade e a temperatura do solo por ocasião da implantação da cultura e, especialmente, durante a fase reprodu-

rio para desencadear o processo de germinação. Isso pode ocasionar a rápida deterioração das sementes.

A tolerância das sementes à escassez hídrica varia conforme a variedade utilizada, visto que, quanto mais baixo o vigor da semente maior será a intolerância ao déficit hídrico. Quando é realizado semeaduras antecipadas e ocorre déficit hídrico, as sementes que possuem vigor reduzido priorizariamente apresentam alterações fisiológicas, pois as mudanças bioquímicas mais comuns são a diminuição do metabolismo respiratório, ocorrendo com a baixa absorção de oxigênio, maior permeabilidade das membranas celulares, levando à perda de metabólitos e à diminuição da síntese de proteínas (FERRARI, et al., 2015).

Já o contrário, o excesso de chuva, logo após a semeadura, pode ser um fator limitante à produção, por causar deterioração das sementes, levando à menor emergência das plântulas. O suprimento limitado de oxigênio para as sementes durante o processo de embebição induz uma alteração da via respiratória, podendo levar ao declínio do poder germinativo.

O solo com excesso de água também provoca injúrias pelo volume e pela velocidade de entrada de água nas sementes. Isso se dá pela diferença do potencial hídrico do interior das sementes e o meio. Dessa forma, a semente danificada tem menor quantidade de energia disponível para germinar, refletindo na redução do vigor.

tiva. Para que isso ocorra favoravelmente deve haver adequada condição de umidade e aeração do solo e a semeadura deve propiciar o melhor contato possível entre solo e semente.

A semeadura da soja em solo com insuficiência hídrica, ou “no pó”, prejudica o processo de germinação, podendo torná-lo mais lento, expondo as sementes às pragas e aos micro-organismos do solo, reduzindo a chance de obtenção da população de plantas desejada, em número e uniformidade. Embora não recomendado, em caso de se ter que semear nessa condição é imprescindível o tratamento de sementes com fungicidas, para prolongar por alguns dias a capacidade de germinação destas, até a próxima chuva, TECNOLOGIA¹ citado por GARCIA et al., 2007.

As sementes de soja necessitam absorver, no mínimo,

¹ TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO. Boletim de Pesquisa de Soja, Rondonópolis, n.10, p.54-112, 2006.

50% de seu peso em água, para assegurar uma boa germinação. Nessa fase, o conteúdo de água no solo não dever exceder a 85% do total máximo disponível e nem ser inferior a 50% da sua capacidade de retenção de água (FARIAS, et al., 2007).

De modo geral, semeaduras em épocas anteriores ou posteriores ao período mais indicado para uma dada região podem afetar o porte, o ciclo e o rendimento das plantas e aumentar as perdas na colheita. Isso porque a época de semeadura determina a exposição das plantas às variações na distribuição dos fatores climáticos limitantes ao crescimento e ao rendimento de grãos, contribuindo fortemente para a definição do resultado em termos de altura de planta e de produção. Ou seja, a melhor época de semeadura para soja é a que permite, na maioria dos anos, que a implantação da lavoura, o crescimento e a reprodução das plantas ocorram sob as condições favoráveis de umidade e temperatura, conforme exigido por essa espécie. Na maioria das regiões produtoras, o melhor período de semeadura da soja é aquele que se inicia assim que as chuvas da primavera repuserem a umidade do solo e a temperatura permitir uma germinação e emergência das plântulas.

A antecipação de semeadura da cultura da soja pode ocasionar uma condição temporária de escassez de água para a planta na fase inicial do seu desenvolvimento, que compreende os estádios da germinação,

emergência da plântula até a emissão do segundo trifólio, visto que esse período cerca de duas a três semanas após a semeadura. Esse estádio coincide com a etapa de estabelecimento do estande na lavoura.

Apesar do risco de queda na produtividade, a antecipação da semeadura, na região norte do Mato Grosso, é uma estratégia de manejo recomendada para o escape dos períodos de maior infecção pela ferrugem da soja, que é considerada a doença mais importante nessa região.

Embora o vasto conhecimento sobre o desenvolvimento das culturas, resultando na tecnificação das lavouras, a disponibilidade hídrica durante o desenvolvimento e o crescimento constitui-se, ainda, na principal limitação à expressão do potencial de rendimento da cultura e na maior causa da variabilidade da produtividade entre anos-safras.

Alguns fatores devem ser considerados para enfrentar a falta de umidade no solo durante a semeadura: a) semear em época recomendada e de menor risco climático; b) utilizar cultivares de alta qualidade e vigor, com maior tolerância ao déficit hídrico e com sistema radicular robusto e eficiente; c) tratar as sementes com fungicidas; d) semear em solos com maiores teores de matéria orgânica que propiciam maior capacidade de retenção de água e f) utilizar práticas agrícolas do plantio direto.

8.3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIAS, J.R.B.; NEPOMUCENO, A.L.; NEUMAIER, N. *Ecofisiologia da Soja*. Londrina: Embrapa Soja. 2007. 8 p. (Embrapa soja. Circular técnica, 48).
- FERRARI, E.; PAZ, A.; SILVA, A.C. Déficit hídrico no metabolismo da soja em semeaduras antecipadas no Mato Grosso. *Nativa*, Sinop, v.3, n.1, p.67-77. 2015.
- GARCIA, A.; PÍPOLO, A. E.; LOPES, I. de O.N.; PORTUGAL, F.A. F. *Instalação da lavoura de soja: época, cultivares, espaçamento e população de plantas*. Londrina: Embrapa Soja. 2007. 11 p. (Embrapa Soja. Circular técnica, 51).
- PESKE, S.T.; PESKE, F. B. Absorção de água sob estresse. *Seed News*, Pelotas, maio/jun. 2011.



9. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

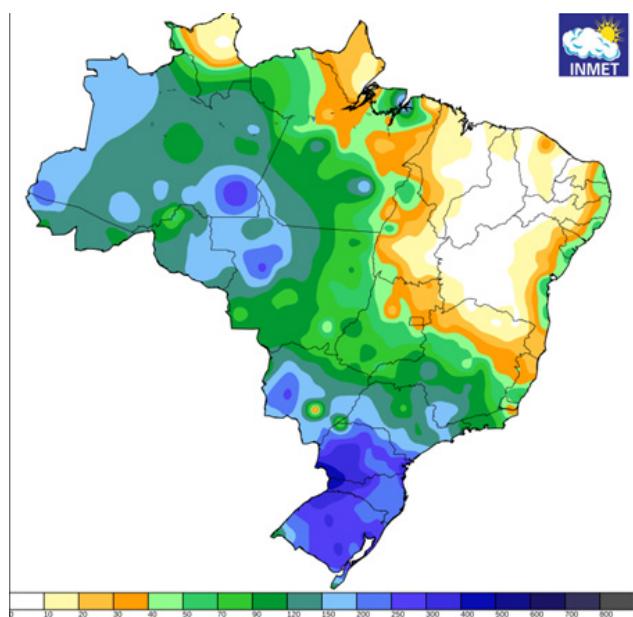
9.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE OUTUBRO

Em outubro, as chuvas ficaram concentradas principalmente na Região Sul, onde os volumes ficaram entre 150 e 400 mm, e em São Paulo e Mato Grosso do Sul, com volumes variando entre 30 e 100 mm (Figura 1), resultando em áreas com acumulados acima da média (Figura 2). Na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, o acumulado superou os 250 mm, bem acima dos 145 mm da média do mês, para esta localidade. Nos outros estados das Regiões Sudeste e Centro-Oeste, a ocorrência de chuvas foi mais irregular em relação às outras áreas, resultando em acumulados de precipitação entre 30 e 150 mm, consideravelmente inferiores à média do mês na maior parte do território desses estados.

Na região do Matopiba houve atraso no início do período chuvoso. No município de Barreiras, na Bahia, por exemplo, cuja média histórica das chuvas em outubro é de aproximadamente 90 mm, não houve qualquer registro de precipitação na estação meteorológica do Inmet durante todo o mês. Mesmo nas localidades da região onde foram observadas chuvas, os volumes acumulados, entre 30 e 70 mm, ficaram bem abaixo da média climatológica, que está entre 90 e 160 mm, dependendo da localidade.

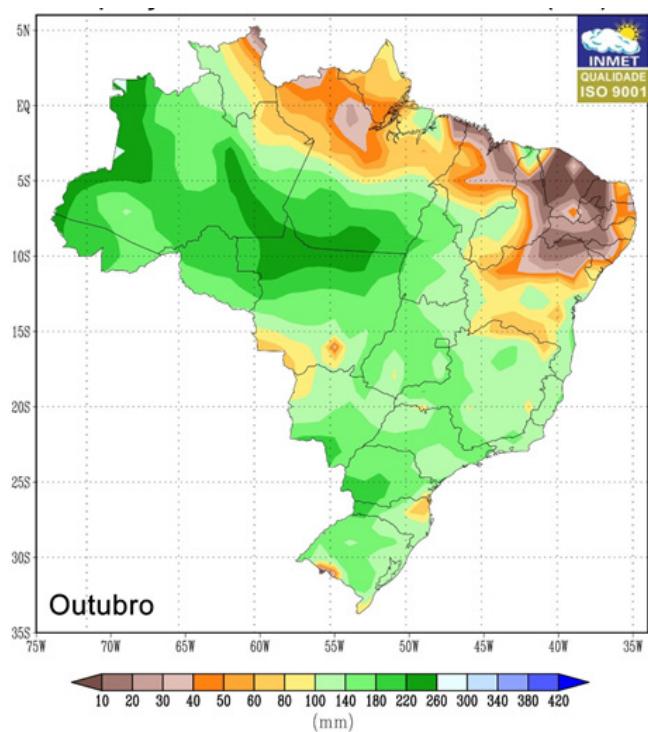
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meterologista do Inmet-Brasília

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em outubro de 2017 no Brasil



Fonte: Inmet.

Figura 2 - Normal climatológica de precipitação em outubro



Fonte: Inmet.

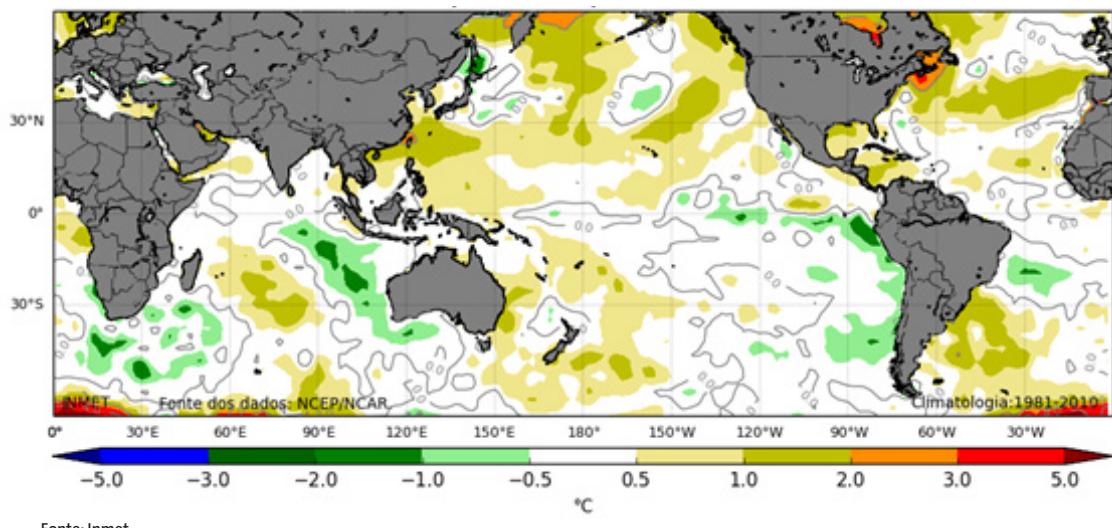


9.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da primeira quinzena de outubro (Figura 3) mostra a manutenção de algumas áreas com anomalias negativas em torno de -1°C no Oceano Pacífico Equatorial, principalmente próximo ao litoral do Peru. Apesar desse resfriamento, não se pode afirmar que se encontra em curso o fenômeno La Niña, pois as condições de neutralidade permanecem nas demais áreas do Pacífico Equatorial. Além disso, essa

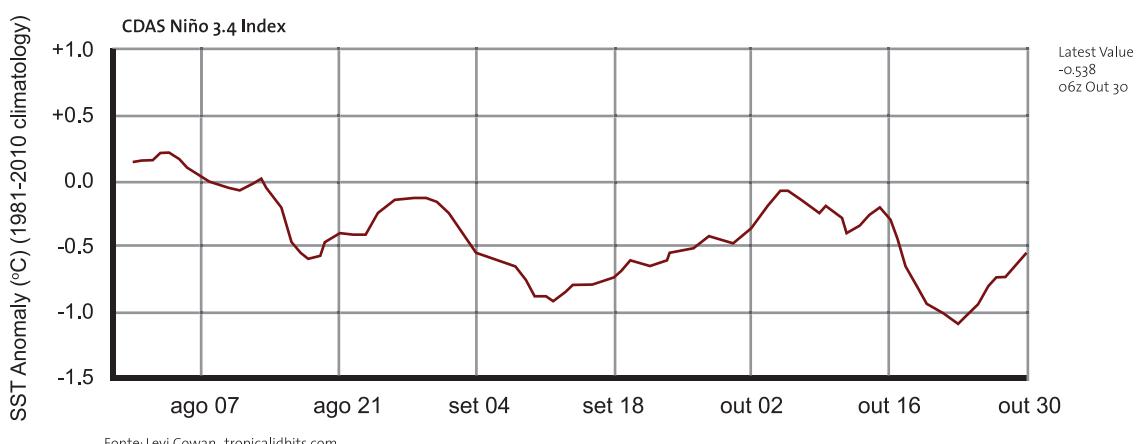
região oceânica tem apresentado forte oscilação nos últimos três meses, com mudanças bruscas de sinal observadas no gráfico de índice diário da região 3.4 do El Niño (entre 170°W - 120°W) até o dia 30 de outubro (Gráfico 1). Para se considerar a atuação de um La Niña, o índice tem que persistir com valor negativo de pelo menos meio grau por alguns meses seguidos. A faixa de neutralidade está entre $+0,5$ e $-0,5^{\circ}\text{C}$.

Figura 3 - Mapa de anomalias da temperatura da superfície do mar no período de 1º a 15 de outubro/2017



Fonte: Inmet.

Gráfico 61 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



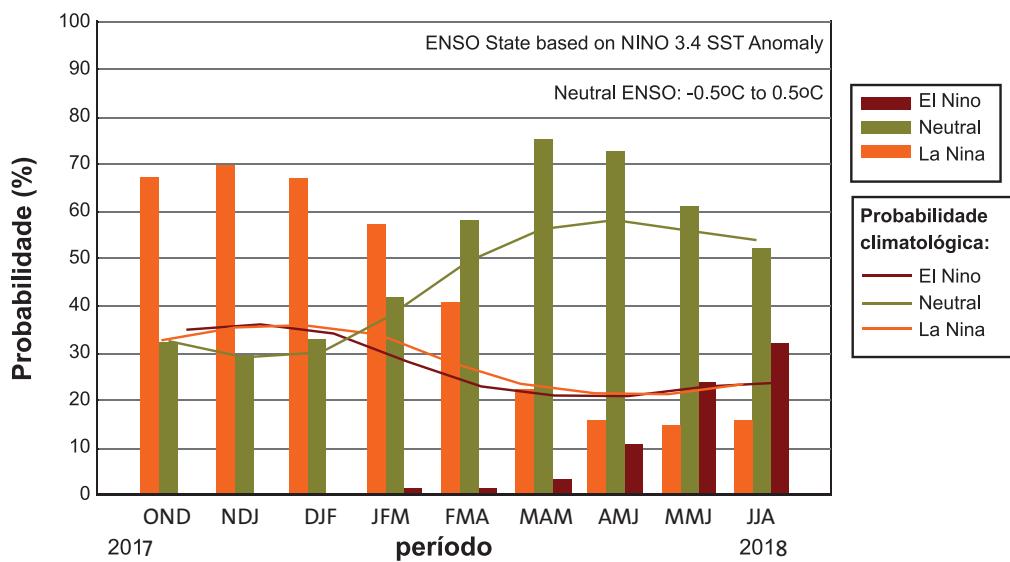
Fonte: Levi Cowan -tropicalidbits.com

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma maior probabilidade de ocorrência de um La Niña, até início de 2018 (Gráfico 2). Porém, devido à forte oscilação das temperaturas na superfície

do Pacífico Equatorial, esses prognósticos devem ser vistos com cautela, seguidos de acompanhamento constante das condições térmicas no Pacífico e das atualizações dos modelos de previsão de TSM.



Gráfico 62 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.

9.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO NOVEMBRO-DEZEMBRO/2017-JANEIRO/2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas ficarão dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades. Entretanto, o início do trimestre deve apresentar baixa precipitação, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet apresenta áreas com maior probabilidade de precipitação acima ou dentro da faixa normal, principalmente no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Há possibilidade de chuvas abaixo da faixa normal, porém com desvios negativos não muito acentuados em algumas áreas nos demais estados.

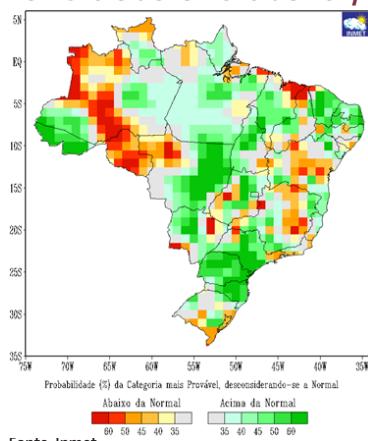
Na Região Nordeste e no Matopiba, o prognóstico cli-

mático indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas. Há maior probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal do trimestre em áreas do semiárido da Bahia e sudeste do Piauí. Nas demais localidades das regiões, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal, podendo ocorrer acumulados acima da média em algumas localidades.

Quanto à temperatura, os modelos indicam que elas devem prevalecer acima da faixa normal na maioria das localidades do Brasil durante o trimestre.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (www.inmet.gov.br).

Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre Novembro e dezembro de 2017 e janeiro de 2018



Fonte: Inmet.





10. VAZIO SANITÁRIO

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Nesse período apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura.

10.1. SOJA

Na soja o vazio sanitário visa reduzir a quantidade de uredósporos (esporos que aparecem na fase epidêmica da doença) no ambiente durante a entressafra e, dessa forma, diminuir a possibilidade de incidência precoce da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, que já provocou um prejuízo de bilhões de reais à sojicultura brasileira, seja pela perda de produtividade, seja pelo aumento do custo de produção. A pesquisa identificou que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa¹) é de 55 dias. Por isso, o período mínimo de vazio sanitário da soja é de 60 dias, podendo alcançar 90 dias em alguns estados. Atualmente 13 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

¹ As plantas voluntárias que germinam por si só na lavoura, a partir de grãos perdidos na colheita e assim, tornam-se hospedeiras de doenças.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Amapá, Piauí e Rio Grande do Sul. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema (www.cnpso.embrapa.br/alerta), a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido a sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro) e, por isso, não adota o vazio sanitário. No Piauí a região produtora sofre escassez de chuvas e

temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (Meyer, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o Consórcio Antiferrugem, não houve relato de foco da doença nas últimas safras no estado. No Rio Grande do Sul as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então se optou pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Quadro 1 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Quinz.	2ª Quinz.												
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Nordeste													01/09	30/10
PA/Noroeste													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste													15/08	15/10
BA													01/07	07/10
MT													15/06	15/09
MS														
GO														
DF													01/07	30/09
MG														
SP													15/06	15/09
PR													10/06	10/09
SC													15/06	15/09
PARAGUAI													01/06	30/08

Legenda: PA/Sul: microrregiões de Conceição do Araguaia, Redenção, Marabá, São Félix do Xingu, Parauapebas, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão) e de Altamira (Distritos e Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

PA/Nordeste: microrregiões de Paragominas, Bragantina, Guamá, Tomé-Açu, Salgado, Tucuruí, Castanhal, Arari, Salgado, Belém, Cametá, Furos de Breves e de Portel

PA/Noroeste: microrregião de Santarém, Almeirim, Óbidos, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), e de Altamira (com exceção dos Distritos de Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

10.2. ALGODÃO

Para o algodão, o vazio sanitário é uma das medidas fitossanitárias para a prevenção e controle do Bicudo do Algodoeiro (*Anthonomus grandis*), visando proteger a produção do estado de prejuízos ocasionados pela praga. Considerado a principal praga da cultura, além de grande capacidade destrutiva, possui habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90 esse estado era o maior pro-

dutor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto em Mato Grosso, por exemplo, plantava-se cerca de 30 mil hectares. Na safra 2014/15 o Mato Grosso, maior produtor do país, plantou 562,7 mil hectares, enquanto a área do Paraná não chega a 1.000 hectares. Dos estados que adotam o vazio sanitário, a Bahia é o único onde ele é opcional. Os outros que também adotam o período de vazio sanitário são: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.



Quadro 2 – Período de vazio sanitário para o algodão

UF	JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim
	2 ^a Dez	3 ^a Dez	1 ^a Dez	2 ^a Dez	3 ^a Dez	1 ^a Dez	2 ^a Dez	3 ^a Dez	1 ^a Dez	2 ^a Dez	3 ^a Dez	1 ^a Dez	2 ^a Dez	3 ^a Dez	1 ^a Dez	2 ^a Dez	3 ^a Dez	1 ^a Dez	2 ^a Dez		
BA – Extremo Oeste																					
BA – Centro-Sul ¹																				20/09 20/11	
MT																				01/10 30/11	
MS																				15/09 30/11	
GO – Região 1																				05/09 25/11	
GO – Região 2																				10/09 30/11	
GO – Região 3																				15/09 05/12	
GO – Região 4																				20/08 10/11	
GO – Região 5																				01/11 20/01	
MG																				20/09 20/11	
SP																				10/07 10/10	
PR																				10/07 20/09	

Legenda: GO 1: Acreúna, Bom Jesus de Goiás, Buriti Alegre, Cachoeira Dourada, Campo Alegre de Goiás, Cesária, Edealina, Edeia, Firminópolis, Goiatuba, Inaciolândia, Indiara, Ipameri, Jandaia, Itumbiara, Joviânia, Maurilândia, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Palminópolis, Panamá, Piracanjuba, Pontalina, Porteirão, Santa Helena de Goiás, Santo Antônio da Barra, São João da Paraúna, Santo Antônio de Goiás, Trindade, Turvelândia, Vicentinópolis e as lavouras localizadas nos municípios de Paraúna e Caiapônia que estiverem abaixo de 600 metros de altitude.

GO 2: Chapadão do Céu, Doverlândia, Jataí, Mineiros, Montividiu, Rio Verde, Santa Rita do Araguaia, e as Lavouras localizadas em Paraúna e Caiapônia que estiverem acima de 600 metros de altitude.

GO 3: Perolândia, Portelândia e Mineiros, exceto a porção de área descontínua limítrofe com o município de Chapadão do Céu, que segue a mesma data de vazia de GO 2.

GO 4: Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Silvânia e Minaçu.

GO 5: Britânia, Jussara, Matrinchá, Montes Claros de Goiás, Santa Fé de Goiás e São Miguel do Araguaia.

Nota: (i) não haverá vazio sanitário, no entanto entre o dia 20/09 e 20/11 não serão permitidos a presença de estruturas reprodutivas (botão floral e maçã).

Fonte: Conab.

10.3. FEIJÃO

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas nesse período evita que o inseto se mantenha ativo e

provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da succção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.



Quadro 3 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez		
GO 1													05/09	05/10
GO 2														
DF													20/09	20/10
MG 3														

Legenda: GO 1: sudoeste, sul e sudeste;

GO 2: entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiania;

MG 3: noroeste.

Fonte: Conab.

O descumprimento de qualquer vazio sanitário acarreta multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das

propriedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazio sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.





11. ANÁLISE DAS CULTURAS

11.1 CULTURAS DE VERÃO

11.1.1. ALGODÃO

A segunda intenção de plantio da lavoura de algodão aponta para crescimento na área, variando de 6 a 15,8% em relação ao exercício anterior. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas de mercado, vêm gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada apresentar intervalo de crescimento na área plantada, podendo crescer até 9,4%, quando comparado com o exercício anterior. Em Mato Grosso, maior produtor nacional, após o bom desempenho da safra passada, a tendência é de forte incremento de área na atual temporada. Contudo, o atraso no plantio da soja pode afetar o cronograma previsto para o algodão de segunda safra, principalmente na região oeste do estado, limitando assim, a expansão do cultivo, cuja janela ideal de plantio é até 15 de fevereiro.

Em Mato Grosso do Sul há uma tendência de aumento da área com a cultura devido às boas perspectivas de mercado, que tiveram influências com os problemas climáticos ocorridos nos Estados Unidos. Estima-se até o momento uma área plantada de 30 mil hectares, um número que poderá atingir 5% acima do ocorrido na safra anterior. O plantio ocorreu apenas no município de Aral Moreira, numa área de 110 hectares, porque nessa região já terminou o período do vazio sanitário. Em Chapadão do Sul e Costa Rica, maiores produtores

da cultura no estado, o vazio sanitário comprehende o período entre 15 de setembro e 30 de novembro e atualmente os produtores estão envolvidos com as tarefas de processamento do produto recém-colhido, comercializando a produção e destruindo as soqueiras da cultura anterior.

Em Goiás, estima-se que as condições climáticas permaneçam favoráveis até dezembro, o que pode tornar sugestivo a manutenção de área de algodão verão no estado. Nas últimas safras a cultura tem sido viabilizada na safrinha, visto os bons rendimentos da soja no plantio de verão. A maior parte das áreas de algodão no estado são cultivadas como segunda safra. No momento, o foco dos produtores é o plantio de soja e feijão nessas áreas, o que num segundo momento receberão a cultura do algodão. Na região sul, os primeiros plantios estão previstos ocorrerem a partir do dia 5 de dezembro, estes, considerados plantios de verão. Na região leste, o período de vazio sanitário se encerrou no dia 30 de outubro de 2017, de forma a depender somente do período chuvoso para o início do plantio. Está previsto ocorrer uma transferência significativa de área de cultivo do município de Luziânia para Cristalina, onde há somente dois produtores para a cultura do algodão.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte crescimento, estimado entre 44 e 51,6%, segurado pelas novas áreas em São Paulo e Minas Gerais. Em Minas Gerais, as expectativas para o cultivo do algodão seguem otimista, com previsão de aumento de área variando de 30 a 38% em relação à safra anterior. Ainda que prematura, a estimativa de crescimento reflete os bons preços alcançados pelos cotonicultores do estado, ao longo de 2017, e às boas expectativas de mercado para a safra 2017/18. O rendimento deve ser incrementado em 6,7% em relação à safra anterior em razão do emprego de irrigação e maiores investimentos na lavoura. Como o plantio só deve ser iniciado após 20 de novembro, quando se encerra o período do vazio sanitário, o presente prognóstico, que aponta para a lavoura, a implantação no intervalo de 20,3 a 21,5 mil hectares, ainda é passível de reavaliações.

Em São Paulo, na maior região produtora do estado – município de Avaré e adjacências, houve uma retomada significativa do plantio. O interesse pela cultura para essa safra está diretamente ligada aos bons preços praticados na temporada que se encerrou, estimulando

os produtores. O plantio se encontra totalmente realizado. A colheita deverá ser antecipada, estando prevista para o começo de abril de 2018.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa inicial é de forte ganho na área a ser plantada, variando de 20,5 a 32,1%, passando para o intervalo entre 278 e 305 mil hectares, sustentado pelas boas perspectivas de mercado. Com isso, os produtores devem recuperar as áreas que deixaram de ser cultivadas com algodão e cedidas para a soja, nas duas últimas safras.

Na Bahia, a área de plantio para o algodão está estimada entre 245,5 e 271,4 mil hectares, podendo crescer de 21,8% a 34,6% em relação à área cultivada na safra passada. Esta estimativa se deve aos bons resultados na comercialização da safra que findou e ao otimismo gerado no ambiente da cotonicultura. A produção de algodão deve voltar a crescer em razão das boas expectativas futuras de mercado, mas ainda não deve alcançar a área recorde estadual, quando ultrapassou os 300 mil hectares plantados. Não há relatos de novos produtores da cultura, ou seja, o incremento é resultado do aumento de área dos produtores que plantaram na safra passada. Cerca de 40% da pluma está comercializada. Os plantios deverão ocorrer a partir de 20 de novembro razão do vazio sanitário, com pacotes tecnológicos que podem atingir até 310 @/ha de algodão em caroço. O programa de combate à praga do bicho do algodoeiro estabelece o vazio sanitário de 20 de setembro a 20 de novembro, não sendo permitido a presença de plantas vivas nos campos de cultivo.

No Maranhão, os cultivos de algodão se concentram nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos pertencentes ao Bioma Cerrado. O município de Balsas vem experimentando o cultivo de segunda safra, com resultados relativamente satisfatórios. A área plantada, nessa safra, deve ter um aumento expressivo, passando de 22,5 mil hectares para o intervalo de 25 a 25,9 mil hectares. As diferenças observadas em relação à safra passada se deram nos municípios de Tasso Fragoso e Balsas, onde as áreas plantadas passaram de 12.300 para 14.760 hectares, e de 4.700 para 5.170 hectares, respectivamente. Com relação à área plantada, na sequência, deve permanecer no mesmo patamar da safra anterior, onde foram cultivados 3.600 hectares, no município de Balsas.



Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Algodão

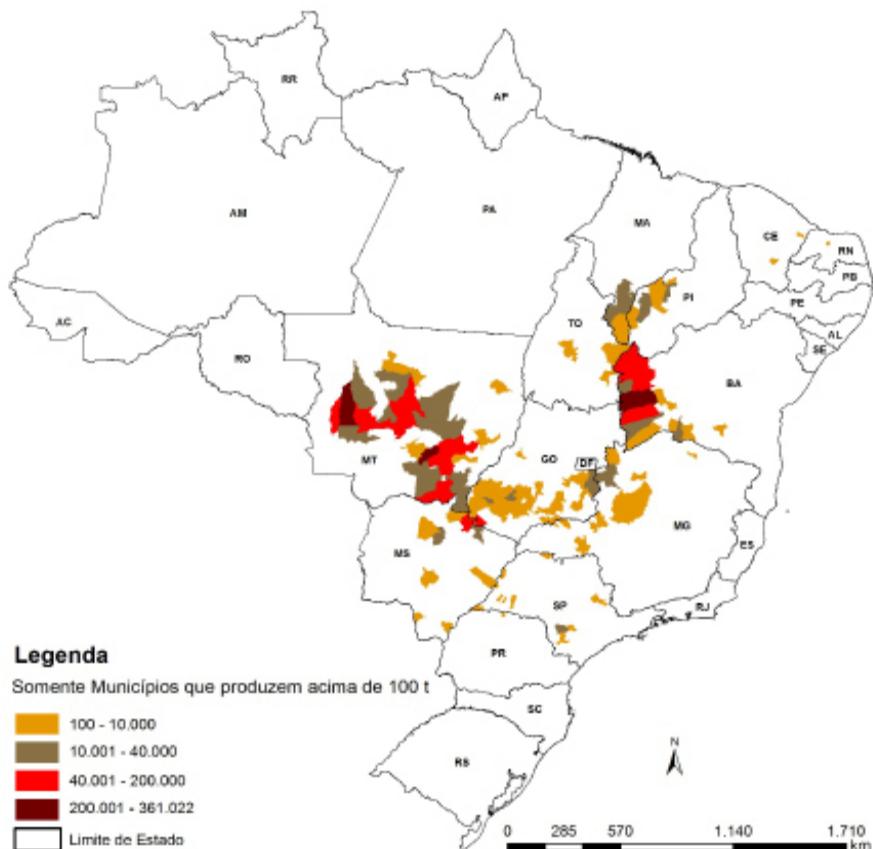


Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	7,3	7,8	-	6,8	3.540	3.478	(1,7)	25,8	25,5	27,1	(1,2)	5,0
RR	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
TO	4,8	4,8	5,3	-	10,0	3.196	3.220	0,8	15,3	15,5	17,1	1,3	11,8
NORDESTE	230,8	278,0	305,0	20,5	32,1	4.226	3.961	(6,3)	975,3	1.101,1	1.208,1	12,9	23,9
MA	22,5	25,0	25,9	11,0	15,0	3.915	4.122	5,3	88,1	103,1	106,8	17,0	21,2
PI	5,6	6,4	6,6	15,0	18,0	3.514	3.851	9,6	19,7	24,6	25,4	24,9	28,9
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	1.083	625	(42,3)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	819	669	(18,3)	0,3	0,3	0,3	-	-
BA	201,6	245,5	271,4	21,8	34,6	4.293	3.957	(7,8)	865,5	971,4	1.073,9	12,2	24,1
CENTRO-OESTE	682,6	683,2	746,8	0,1	9,4	4.042	4.113	1,8	2.758,9	2.810,3	3.071,4	1,9	11,3
MT	627,8	627,8	690,6	-	10,0	4.027	4.100	1,8	2.528,2	2.574,0	2.831,5	1,8	12,0
MS	28,6	29,2	30,0	2,0	5,0	4.350	4.425	1,7	124,4	129,2	132,8	3,9	6,8
GO	26,2	26,2	26,2	-	-	4.056	4.087	0,8	106,3	107,1	107,1	0,8	0,8
SUDESTE	18,4	26,5	27,9	44,0	51,6	3.684	3.614	(1,9)	67,8	95,8	100,8	41,3	48,7
MG	15,6	20,3	21,5	30,0	38,0	3.739	3.675	(1,7)	58,3	74,6	79,0	28,0	35,5
SP	2,8	6,2	6,4	120,0	130,0	3.377	3.413	1,1	9,5	21,2	21,8	123,2	129,5
NORTE/NORDESTE	238,1	285,3	312,8	19,8	31,4	4.205	3.948	(6,1)	1.001,1	1.126,6	1.235,2	12,5	23,4
CENTRO-SUL	701,0	709,7	774,7	1,2	10,5	4.032	4.095	1,5	2.826,7	2.906,1	3.172,2	2,8	12,2
BRASIL	939,1	995,0	1.087,5	6,0	15,8	4.076	4.053	(0,6)	3.827,8	4.032,7	4.407,4	5,4	15,1

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	7,3	7,8	-	6,8	1.387	1.365	(1,6)	10,1	10,0	10,6	(1,0)	5,0
RR	2,5	2,5	2,5	-	-	1.596	1.520	(4,8)	4,0	3,8	3,8	(5,0)	(5,0)
TO	4,8	4,8	5,3	-	10,0	1.278	1.288	0,8	6,1	6,2	6,8	1,6	11,5
NORDESTE	230,8	278,0	305,0	20,5	32,1	1.693	1.587	(6,3)	390,7	441,1	483,9	12,9	23,9
MA	22,5	25,0	25,9	11,0	15,0	1.566	1.649	5,3	35,2	41,2	42,7	17,0	21,3
PI	5,6	6,4	6,6	15,0	18,0	1.511	1.656	9,6	8,5	10,6	10,9	24,7	28,2
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	379	219	(42,2)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	0,5	-	-
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	295	241	(18,3)	0,1	0,1	0,1	-	-
BA	201,6	245,5	271,4	21,8	34,6	1.717	1.583	(7,8)	346,2	388,6	429,6	12,2	24,1
CENTRO-OESTE	682,6	683,2	746,8	0,1	9,4	1.615	1.646	1,9	1.102,3	1.124,8	1.229,2	2,0	11,5
MT	627,8	627,8	690,6	-	10,0	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.029,6	1.132,6	1,8	12,0
MS	28,6	29,2	30,0	2,0	5,0	1.784	1.814	1,7	49,1	53,0	54,4	7,9	10,8
GO	26,2	26,2	26,2	-	-	1.598	1.610	0,8	41,9	42,2	42,2	0,7	0,7
SUDESTE	18,4	26,5	27,9	44,0	51,6	1.435	1.438	0,2	26,4	38,1	40,1	44,3	51,9
MG	15,6	20,3	21,5	30,0	38,0	1.496	1.470	(1,7)	22,7	29,8	31,6	31,3	39,2
SP	2,8	6,2	6,4	120,0	130,0	1.317	1.331	1,1	3,7	8,3	8,5	124,3	129,7
NORTE/NORDESTE	238,1	285,3	312,8	19,8	31,4	1.683	1.581	(6,1)	400,8	451,1	494,5	12,5	23,4
CENTRO-SUL	701,0	709,7	774,7	1,2	10,5	1.610	1.639	1,8	1.128,7	1.162,9	1.269,3	3,0	12,5
BRASIL	939,1	995,0	1.087,5	6,0	15,8	1.629	1.622	(0,4)	1.529,5	1.614,0	1.763,8	5,5	15,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	7,3	7,8	-	6,8	2.153	2.113	(1,8)	15,7	15,5	16,5	(1,3)	5,1
RR	2,5	2,5	2,5	-	-	2.604	2.480	(4,8)	6,5	6,2	6,2	(4,6)	(4,6)
TO	4,8	4,8	5,3	-	10,0	1.918	1.932	0,7	9,2	9,3	10,3	1,1	12,0
NORDESTE	230,8	278,0	305,0	20,5	32,1	2.533	2.374	(6,3)	584,6	660,0	724,2	12,9	23,9
MA	22,5	25,0	25,9	11,0	15,0	2.349	2.473	5,3	52,9	61,9	64,1	17,0	21,2
PI	5,6	6,4	6,6	15,0	18,0	2.003	2.195	9,6	11,2	14,0	14,5	25,0	29,5
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	704	406	(42,3)	0,2	0,2	0,2	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	0,9	12,5	12,5
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	524	428	(18,3)	0,2	0,2	0,2	-	-
BA	201,6	245,5	271,4	21,8	34,6	2.576	2.374	(7,8)	519,3	582,8	644,3	12,2	24,1
CENTRO-OESTE	682,6	683,2	746,8	0,1	9,4	2.424	2.467	1,8	1.656,6	1.685,5	1.842,2	1,7	11,2
MT	627,8	627,8	690,6	-	10,0	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.544,4	1.698,9	1,8	12,0
MS	28,6	29,2	30,0	2,0	5,0	2.567	2.611	1,7	75,3	76,2	78,4	1,2	4,1
GO	26,2	26,2	26,2	-	-	2.458	2.477	0,8	64,4	64,9	64,9	0,8	0,8
SUDESTE	18,4	26,5	27,9	44,0	51,6	2.215	2.176	(1,8)	41,4	57,7	60,7	39,4	46,6
MG	15,6	20,3	21,5	30,0	38,0	2.243	2.205	(1,7)	35,6	44,8	47,4	25,8	33,1
SP	2,8	6,2	6,4	120,0	130,0	2.060	2.082	1,1	5,8	12,9	13,3	122,4	129,3
NORTE/NORDESTE	238,1	285,3	312,8	19,8	31,4	2.522	2.367	(6,1)	600,3	675,5	740,7	12,5	23,4
CENTRO-SUL	701,0	709,7	774,7	1,2	10,5	2.419	2.456	1,5	1.698,0	1.743,2	1.902,9	2,7	12,1
BRASIL	939,1	995,0	1.087,5	6,0	15,8	2.445	2.431	(0,6)	2.298,3	2.418,7	2.643,6	5,2	15,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)										RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO					ALGODÃO EM PLUMA							
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,8	25,5	27,1	(1,2)	5,0	10,1	10,0	10,6	(1,0)	5,0	39,2	39,2	-
RR	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)	4,0	3,8	3,8	(5,0)	(5,0)	38,0	38,0	-
TO	15,3	15,5	17,1	1,3	11,8	6,1	6,2	6,8	1,6	11,5	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.101,1	1.208,1	12,9	23,9	390,7	441,1	483,9	12,9	23,9	40,1	40,1	-
MA	88,1	103,1	106,8	17,0	21,2	35,2	41,2	42,7	17,0	21,3	40,0	40,0	-
PI	19,7	24,6	25,4	24,9	28,9	8,5	10,6	10,9	24,7	28,2	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7	0,5	0,5	0,5	-	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	0,1	0,1	0,1	-	-	36,0	36,0	-
BA	865,5	971,4	1.073,9	12,2	24,1	346,2	388,6	429,6	12,2	24,1	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	2.810,3	3.071,4	1,9	11,3	1.102,3	1.124,8	1.229,2	2,0	11,5	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	2.574,0	2.831,5	1,8	12,0	1.011,3	1.029,6	1.132,6	1,8	12,0	40,0	40,0	-
MS	124,4	129,2	132,8	3,9	6,8	49,1	53,0	54,4	7,9	10,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	107,1	107,1	0,8	0,8	41,9	42,2	42,2	0,7	0,7	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	95,8	100,8	41,3	48,7	26,4	38,1	40,1	44,3	51,9	39,8	39,8	-
MG	58,3	74,6	79,0	28,0	35,5	22,7	29,8	31,6	31,3	39,2	40,0	40,0	-
SP	9,5	21,2	21,8	123,2	129,5	3,7	8,3	8,5	124,3	129,7	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.126,6	1.235,2	12,5	23,4	400,8	451,1	494,5	12,5	23,4	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	2.906,1	3.172,2	2,8	12,2	1.128,7	1.162,9	1.269,3	3,0	12,5	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.032,7	4.407,4	5,4	15,1	1.529,5	1.614,0	1.763,8	5,5	15,3	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

11.1.2. AMENDOIM

11.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A intenção de plantio da lavoura de amendoim sinaliza com estabilidade na área a ser plantada, em todo o Brasil.

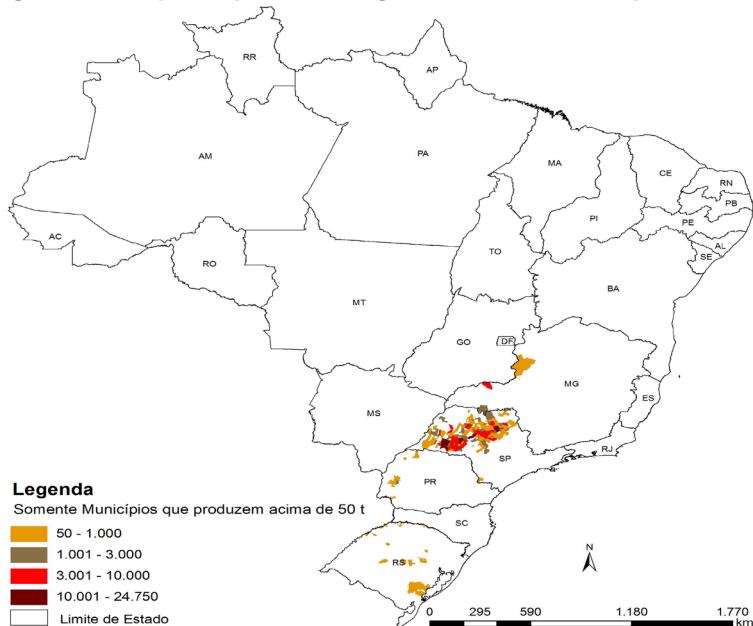
Em São Paulo, o amendoim é plantado entre setembro e outubro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte daquela matéria-prima, e tem sua colheita entre os meses de março e abril, quando alcança sua plena maturação. Posteriormente, o produtor devolve a terra arrendada, onde será retomado um novo plantio da cana destinada à produção de etanol e açúcar. Como essa cultura entra como rotação com a cana, é importante que as cultivares de amendoim sejam de ciclo compatível com a duração do período de rotação do canavial. O constante melhoramento genético de variedades rasteiras, que proporcionam maior produtividade das lavouras, tem sido um dos motivos fundamentais para o salto na produtividade/produção do amendoim paulista. Apresenta estabilidade na área, com incremento de 1,3%.

Em Minas Gerais estima-se para a cultura do amendoim uma redução de área na ordem de 3,8%, quando comparada à safra anterior. A cultura do amendoim no estado se concentra principalmente na região do Triângulo Mineiro, que em 2017, respondeu por aproximadamente 93% da área e 99% da produção estadual. Estimando-se uma produtividade média de 3.723 kg/ha, e na produção uma variação entre retração 1,1% a incremento de 3,2%.

No Paraná amendoim é uma cultura de pouca expressão econômica e se concentra na região de Paranavaí. Normalmente se estabelece em áreas de rotação com canavial e pastagens. O plantio teve início em setembro e deve se estender até meados de novembro. A área atual é de apenas 1.673 hectares, queda de 18,5% em relação à safra passada, motivada essencialmente por redução na renovação dos canaviais. A produtividade estimada foi ajustada para 2.690 kg/ha, levando em consideração a média histórica dos últimos seis anos. As lavouras encontram-se em germinação e desenvolvimento vegetativo, estando em boas condições fitossanitárias.



Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas

Condiçãoável

Alta restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=florização; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 10 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
		(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)
SUDESTE	112,9	113,9	116,2	0,9	2,9	3.721	3.611	(3,0)	420,2	411,2	419,6	(2,1)	(0,1)
MG	2,6	2,5	2,6	(3,8)	-	3.615	3.723	3,0	9,4	9,3	9,7	(1,1)	3,2
SP	110,3	111,4	113,6	1,0	3,0	3.724	3.608	(3,1)	410,8	401,9	409,9	(2,2)	(0,2)
SUL	5,4	5,1	5,3	(5,6)	(1,9)	3.447	3.217	(6,7)	18,6	16,4	17,1	(11,8)	(8,1)
PR	2,0	1,7	1,7	(16,8)	(16,8)	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	5,3	(22,1)	(22,1)
RS	3,4	3,4	3,6	-	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,1	11,8	(5,9)	-
CENTRO-SUL	118,3	119,0	121,5	0,6	2,7	3.709	3.594	(3,1)	438,8	427,6	436,7	(2,6)	(0,5)
BRASIL	118,3	119,0	121,5	0,6	2,7	3.709	3.594	(3,1)	438,8	427,6	436,7	(2,6)	(0,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra

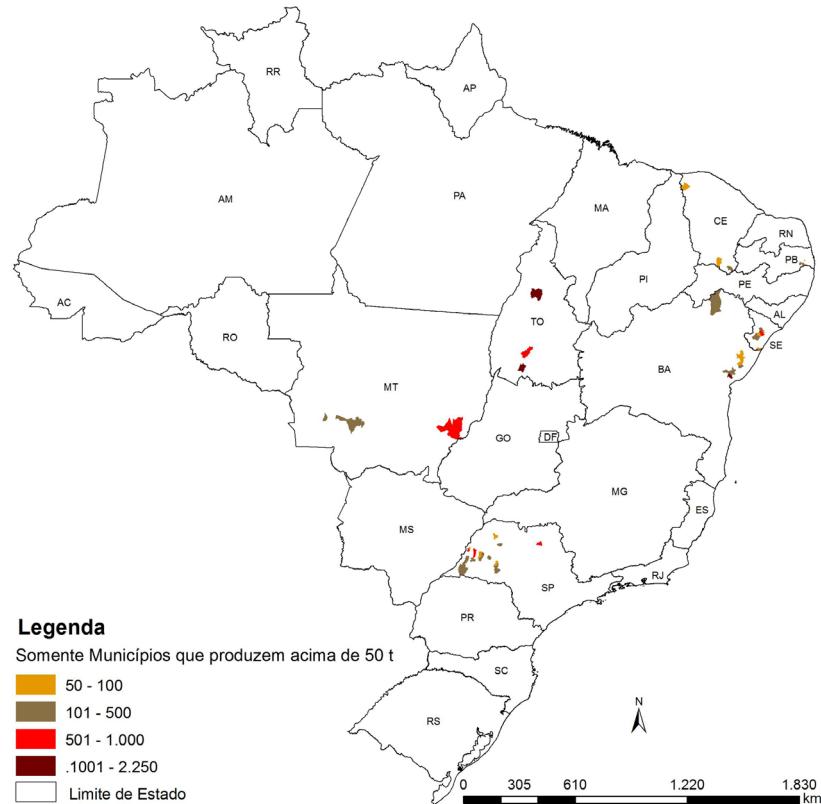


Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)						
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 17/18	Var. %	Safra 16/17	Safra 17/18		Var. %		
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	3,6	(10,0)	(10,0)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	942	957	1,6	1,4	1,4	1,4	-	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
MS	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
SUDESTE	4,9	4,9	4,9	-	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	11,8	2,6	2,6
SP	4,9	4,9	4,9	-	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	11,8	2,6	2,6
NORTE/NORDESTE	3,6	3,6	3,6	-	-	1.410	1.320	(6,4)	5,4	4,7	4,7	(13,0)	(13,0)
CENTRO-SUL	7,4	7,4	7,4	-	-	2.978	2.945	(1,1)	22,0	21,8	21,8	(0,9)	(0,9)
BRASIL	11,0	11,0	11,0	-	-	2.494	2.413	(3,3)	27,4	26,5	26,5	(3,3)	(3,3)

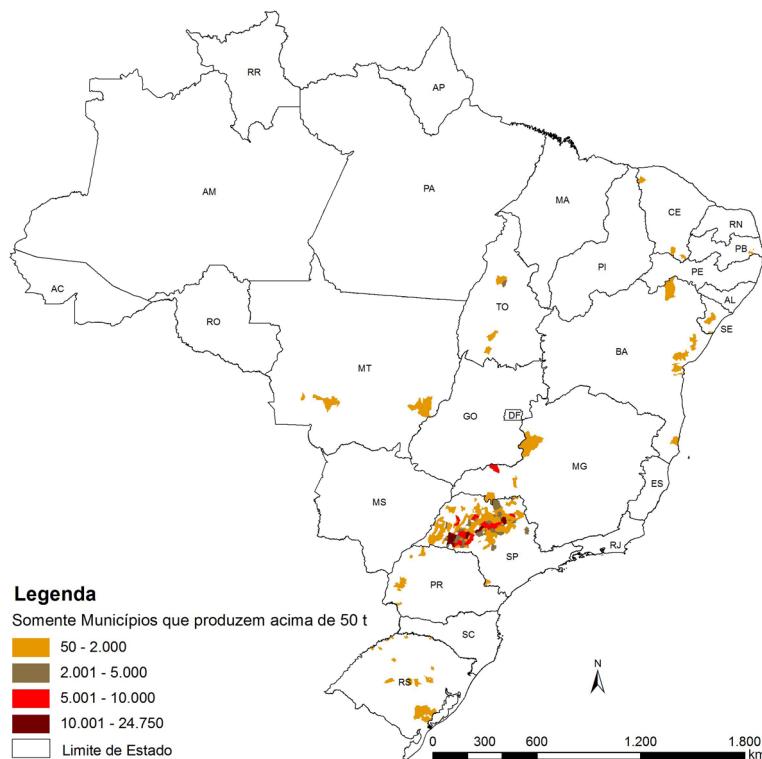
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 8 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		
		(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.667	(23,6)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	3,6	(10,0)	(10,0)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.269	1.000	(21,2)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	985	750	(23,9)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.613	1.455	(9,8)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	942	933	(0,9)	1,4	1,4	1,4	-	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
MS	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
SUDESTE	117,8	118,8	121,1	0,8	2,8	3.665	3.561	(2,8)	431,7	423,0	431,4	(2,0)	(0,1)
MG	2,6	2,5	2,6	-	-	3.615	3.725	3,1	9,4	9,3	9,7	(1,1)	3,2
SP	115,2	116,3	118,5	-	-	3.666	3.558	(2,9)	422,3	413,7	421,7	(2,0)	(0,1)
SUL	5,4	5,1	5,3	(5,6)	(1,9)	3.447	3.217	(6,7)	18,6	16,4	17,1	(11,8)	(8,1)
PR	2,0	1,7	1,7	-	-	3.406	3.118	(8,5)	6,8	5,3	5,3	(22,1)	(22,1)
RS	3,4	3,4	3,6	-	-	3.471	3.271	(5,7)	11,8	11,1	11,8	(5,9)	-
NORTE/NORDESTE	3,6	3,6	3,6	-	-	1.501	1.320	(12,1)	5,4	4,7	4,7	(13,0)	(13,0)
CENTRO-SUL	125,7	126,4	128,9	0,6	2,5	3.666	3.556	(3,0)	460,8	449,4	458,5	(2,5)	(0,5)
BRASIL	129,3	130,0	132,5	0,5	2,5	3.606	3.495	(3,1)	466,2	454,1	463,2	(2,6)	(0,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.3. ARROZ

O segundo levantamento da cultura de arroz da safra 2017/18 indicam que a área plantada deverá estar no intervalo entre 1.911,4 a 1.986,1 mil hectares. Na produtividade, a previsão da média nacional é de 5.969 kg/ha, redução de 4,1% em relação à última safra. A mesma tendência pode ser verificada na estimativa de produção, onde os números nacionais apontam para redução entre 7,4% a 3,8% em relação à safra passada.

Na Região Norte, a avaliação é de que a área plantada seja em torno de 264,5 mil hectares, variando entre 257,9 e 271,1 mil hectares. Com isso, a região configura-se como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima, o arroz é dividido em arroz de verão e arroz de inverno, ambos em manejo de irrigação. No momento, o cultivo de verão está em processo de plantio. A previsão é de que a área não sofra alterações em relação à última safra, no entanto, a queda no preço do arroz tem desestimulado alguns produtores. Estima-se que o plantio atingiu 3,8 mil hectares, dos 9,8 mil previstos. A estimativa de produção para o estado é de 87,3 mil toneladas do grão.

Em Rondônia, o calendário agrícola segue o ritmo normal uma vez que os planejamentos da porteira para dentro estão fluindo sem percalços. Os insumos utilizados para a produção já estão no solo ou, no caso da maioria das áreas destinadas à cultura, aguardando condições pluviométricas favoráveis para o início da semeadura. A previsão é que o pico do plantio aconteça em meados de novembro. A área estimada para a implantação da cultura na safra 2017/18 é de 38,9 mil hectares. O estado tem registrado sucessivas reduções em relação à área cultivada com arroz ao longo das safras. Muitos produtores utilizam a cultura em áreas recém-abertas, seja pousio, seja em áreas de pastagem degradada, já no segundo ano cultivam soja e o arroz se torna uma opção para a rotação/sucessão de culturas. A variedade de arroz mais cultivada no estado é a Cambará, com ciclo precoce e com ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas de Rondônia. As chuvas que ocorrem no estado estão em grande parte atrasadas, irregulares e com intensidade variável. 5% das lavouras de arroz no estado são financiadas por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financeiros. A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente. Esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos. Nesse contexto as tradings e empresas estaduais entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro

para custear as lavouras.

No Acre, o plantio do arroz de sequeiro acontece no início do período chuvoso, entre outubro e dezembro, quando o solo apresenta umidade adequada para o desenvolvimento da cultura. A perspectiva é de manutenção da área plantada devido à dificuldade de acesso ao crédito agrícola e ao custo de produção elevado.

No Amazonas, a estimativa é que a área plantada seja igual à da safra passada, estimada em 3,2 mil hectares. Espera-se uma produtividade 3% maior, quando comparada à safra 2016/17

No Pará, a expectativa do setor é que a área a ser plantada, nessa safra, supere a safra anterior, motivada pela demanda de mercado. Esse aumento de área é esperado em áreas de arroz de sequeiro, enquanto o arroz irrigado, concentrado na Mesorregião do Marajó, deverá manter a área da safra passada.

Em Tocantins, a previsão é de que a área do arroz de sequeiro deve sofrer pequena variação, entre 24,6 mil hectares e 29,5 mil hectares. No estado, a cultura é semeada tanto por agricultores familiares, para subsistência e alimentação de pequenos animais, quanto pelos produtores empresariais em áreas de primeiro cultivo. Para esses, a área cultivada é mais flutuante de uma safra para outra, visto que alguns produtores já estão optando por plantar soja nas áreas de primeiro cultivo, com emprego de alta tecnologia. Para aqueles, a tendência é de manutenção de área com pouca variação. Com relação ao plantio irrigado, a estimativa é de queda de 0,5% a aumento de 4% da área, em relação à safra passada. Há uma tendência inicial de aumento na área cultivada, porém a efetivação desse crescimento depende de outras variáveis, como o poder aquisitivo dos produtores.

Na Região Nordeste, a expectativa é de aumento da área plantada, tanto com arroz de sequeiro quanto com o irrigado.

No Maranhão, as lavouras de arroz de terras altas devem experimentar ligeiros incrementos na área plantada, favorecidos principalmente pelas condições climáticas favoráveis à semeadura e ao estabelecimento da cultura, a exemplo do observado na safra anterior. Nos cultivos de arroz de terras altas, onde é cultivado o arroz de sequeiro, a tendência é de aumento das áreas a serem plantadas, motivados principalmente pelas condições climáticas favoráveis. A área plantada deve passar de 140,2 mil hectares para 147,5 mil hectares, o que representa um aumento de 5,2%, quando



comparado à safra passada, mantendo-se, com produtividade média de 1.541 kg/ha. Já a área plantada com arroz irrigado, em relação à safra anterior, deve aumentar, passando a ser de 2,9 mil hectares, com produtividade média de 4.321 kg/ha. As lavouras foram bem estabelecidas e encontram-se em sua totalidade no estádio de desenvolvimento vegetativo.

Em Sergipe, o calendário de plantio avançou outros 10% da área total em outubro, impulsionado pelas boas perspectivas de preço e produção, estando semeados atualmente 100% das lavouras. O excesso de chuvas na região, ocorridos em setembro, dificultou a conclusão do plantio, contudo, pôde ser finalizada na primeira quinzena de outubro. Apesar de alguns relatos pontuais de ataques de lesma e ocorrência de Brusone, a situação das lavouras é muito boa, com grandes áreas prevendo produtividade média em torno de 8.000 kg/ha. A produção esperada é de 35,4 mil toneladas, cerca de 5,1% menor que a última safra, em virtude da redução da área plantada em Brejo Grande, decorrente da salinização e avanço do mar nas áreas outrora cultivadas. Contudo, o rendimento médio aumentou 3,9% em relação à safra passada, passando para 7.540 kg/ha, enquanto que a área cultivada foi atualizada para 4,7 mil hectares. De modo geral, as lavouras são consideradas boas, e foram utilizados apenas sementes certificadas de primeira geração, estando 10% em estágio de germinação, 50% em desenvolvimento vegetativo, 30% em floração e outros 10% em granação.

Na Bahia, na região do oeste baiano, a cultura do arroz é cultivada nos territórios de Rio Corrente e Rio Grande, sendo tradição o cultivo em áreas recém-abertas, devido principalmente à sua tolerância a acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. A estimativa é de redução de área. Na safra anterior a foram cultivados 8,1 mil hectares. No entanto, para a atual safra, a estimativa é de que sejam cultivados entre 7,1 e 7,9 mil hectares. Essa redução deve-se basicamente a redução da velocidade de abertura de novas áreas.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é de que ocorra redução na área plantada, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro quanto nas destinadas a arroz irrigado.

Em Mato Grosso, estima-se que a área plantada seja entre 147,2 mil hectares e 162,3 mil hectares. O plantio de arroz de sequeiro acontece a partir de novembro. A expectativa é que a área dedicada ao arroz de sequeiro fique entre 136,3 mil hectares e 151,4 mil hectares, de forma que não supere a área plantada na safra passada, pois as novas áreas de abertura agrícola,

cada vez mais são cultivadas diretamente com soja. Tal tendência é observada nas últimas safras, com a redução do plantio de arroz, para descompactação de solo e controle de doenças causadas por nematoides.

Em Mato Grosso do Sul, com grande parte da área já plantada, o mercado do arroz em casca até o momento apresenta baixa liquidez e um custo de produção elevado em relação a outras culturas. Fatores como a outorga de recursos hídricos, monitoramento constante da cultura e aplicações aéreas de agroquímicos fazem com que este custo aumente a cada ano. Alguns produtores têm pouco capital de giro dado aos custos elevados, outros fazem as operações de barter com indústrias que fornecem insumos e fertilizantes, fechando os pacotes tecnológicos, tal como ocorre com as culturas de soja e milho. Os produtores mais tradicionais conseguem o financiamento, pelo fato de possuírem a outorga de recursos hídricos a longo prazo, e outros que pretendem entrar no ramo orizícola encontrarem dificuldades para acesso desse recurso financeiro. No levantamento atual, pelo fato do plantio ser escalonado, grande parte da área encontra-se ainda em estádio de germinação, e cerca de 30% já em desenvolvimento vegetativo, apresentando uma área em torno de 14,3 mil hectares, cerca de 8,5% menor que na safra passada, estimando-se uma produtividade média de 6.100 kg/ha.

Em Goiás, o cultivo do arroz de sequeiro se resume em áreas de assentamentos rurais ou cooperados, atendidos pelo Programa Lavoura Comunitária, executado pela Secretaria de Agricultura juntamente com a Emater. Os produtores ainda aguardam aprovação dos projetos pela Emater bem como o recebimento de sementes para o plantio, que deve ocorrer em dezembro. O cultivo de arroz irrigado localiza-se, em sua maioria, na região leste e parte norte do estado. A expectativa é de manutenção da área cultivada em relação à safra passada. A previsão é de manutenção da área, tanto para o arroz de sequeiro quanto para o arroz irrigado.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ser ligeiramente maior que a área da última safra.

Em Minas Gerais, a área estimada é de 6 mil ha, sendo 78% em sistema de sequeiro e 22% de arroz irrigado. Nas áreas irrigadas a produtividade chega a 7.000 kg/ha. Por outro lado, o cultivo de sequeiro apresenta rendimento baixíssimo com grande ocorrência de perda de área plantada devido à falta de chuvas.

Em São Paulo, a estimativa é de estabilidade na área. O produtor tende a migrar para outras culturas de maior rentabilidade. Entretanto, apesar do recuo de área ao longo dos últimos anos, essa atividade tem



um papel importante na economia regional, principalmente na região do Vale do Paraíba, que participa com mais de 60% da produção do estado.

Na Região Sul, onde o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a área deve sofrer pequena redução, quando comparada à safra passada, principalmente no Paraná, sobretudo nas áreas de arroz de sequeiro.

No Paraná, a área total cultivada com arroz é estimada em 24 mil hectares. O cultivo de arroz de sequeiro está em constante diminuição de área. A retração para esta safra é de aproximadamente 26,8%, atingindo 3,8 mil hectares. A produtividade estimada é de 1.916 kg/ha e, apesar da redução, considera-se que esse rendimento está dentro do normal, considerando a média obtida nas últimas 6 safras. O arroz de cultivo irrigado, diferentemente do arroz de sequeiro, é altamente tecnificado. Houve redução na área da região litorânea, em relação à safra passada. Mesmo obtendo altas produtividades, os produtores estão optando por cultivos de maior rentabilidade, como a fruticultura. No entanto, na principal região produtora do estado, a noroeste, às margens dos rios Ivaí e Paraná, houve incremento de área. A semeadura evolui de forma satisfatória e deve finalizar no em novembro. Grande parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo e em boas condições. A área com arroz irrigado, estimada em 20,2 mil hectares, já foi semeada. A produtividade esperada é de 7.255 kg/ha.

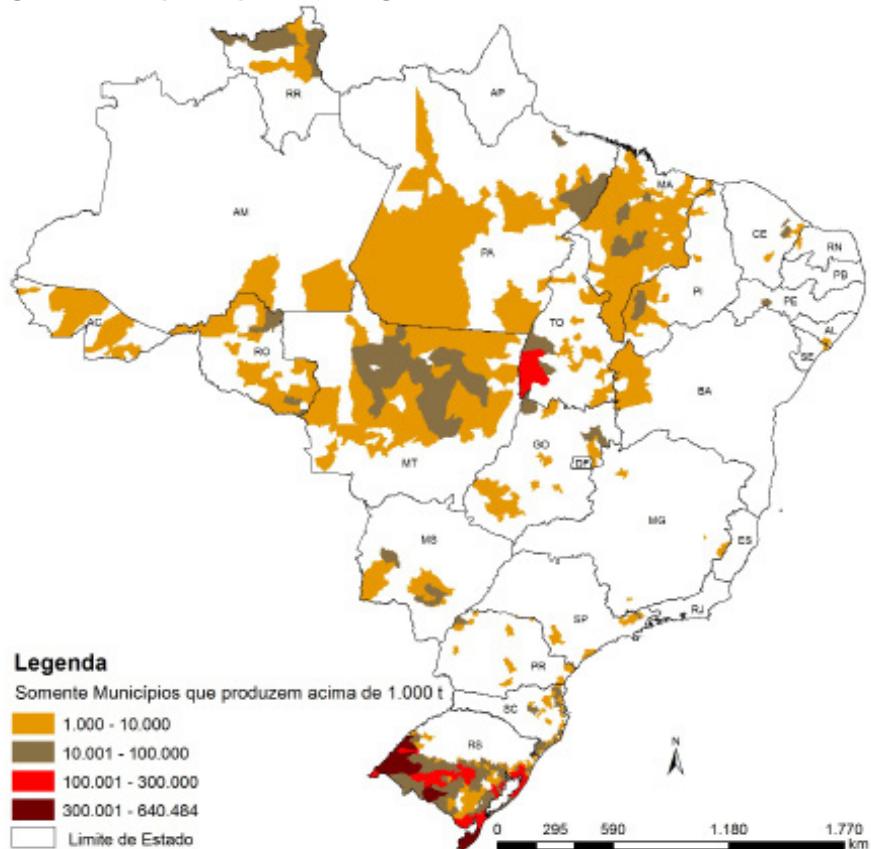
Em Santa Catarina, o plantio do arroz começou um pouco mais cedo, se comparado à safra anterior, devido ao clima favorável, com inverno ameno. No momento do levantamento de informações, cerca de 85% das lavouras de arroz já estavam implantadas enquanto que no ano anterior, nessa mesma época, esse índice era de aproximadamente 70%. Estima-se que o plantio deve ocorrer até meados de novembro na região sul do estado, enquanto que na região norte o mesmo encontra-se praticamente concluído. De forma geral, o clima está favorável para o desenvolvimento da cultura. No último mês, as chuvas ocorreram de forma regular, o que facilitou a implantação e o manejo inicial das lavouras. Em relação ao estádio de desenvolvimento da cultura, observamos que a sua totalidade se encontra em estágio vegetativo, sendo que as lavouras mais adiantadas devem entrar

na fase de diferenciação floral no início de novembro. Até o momento não foram verificados problemas com doenças e pragas. Em relação à área de plantio, não foram observadas alterações significativas em relação à safra passada, estimada entre 146,1 e 147,5 mil hectares. Os créditos de custeio estão sendo oferecidos dentro da normalidade, assim como a liberação de financiamento de maquinários, equipamentos e a oferta de insumos.

No Rio Grande do Sul, as lavouras de arroz enfrentam sérios problemas na sua implantação. Não obstante as áreas tenham sido preparadas com antecedência em grande parte da região produtora, o período de semeadura foi afetado pelo excesso de precipitações que impediram a evolução como o esperado. A região que atingiu o percentual maior até o momento foi a Fronteira Oeste, totalizando 53% dos pouco mais de 300 mil hectares semeados. A situação das demais regiões até o momento, é a seguinte: Zona Sul 38%, Planície Costeira Interna 23%, Campanha 18%, Central 12% e Planície Costeira Externa somente 10%, totalizando no estado cerca de 30% do total previsto. Caso a chuva não cesse por tempo suficiente, há grande risco de se perder o período ideal para a operação. Em algumas regiões, como a Planície Costeira Externa e Litoral Sul, até mesmo o preparo do solo encontra-se atrasado, apenas 50%, e muitas áreas terão de ser ressemeadas ou, até mesmo, mudar de área em função do avanço da Lagoa Mirim em Jaguarão. Foi verificada uma mudança quanto ao uso do cultivar IRGA 424 RI, que deverá sofrer uma diminuição de até 5% no seu uso devido aos problemas de comercialização que ocorreram na última safra. A substituição deve ser pelo cultivar Guri ou IRGA 429, que são preferenciais pela indústria. Cerca de 2 a 3% deve ser cultivado com híbridos. O atraso na semeadura também tem levado alguns agricultores a utilizar outras culturais mais precoces. Outro fator a considerar é a qualidade da operação de semeadura, já que muitos produtores têm realizado através de semeadura a lanço, para acelerar a operação, mas o resultado nesse caso não é como o esperado. A expectativa é que novembro seja mais seco e os produtores consigam colocar os trabalhos em dia. A área estimada de arroz está entre 1.055,6 e 1.099,6 mil hectares, redução em relação à safra passada em função dos preços baixos e atraso na semeadura. A cotação do arroz em outubro foi de R\$ 35,41.



Figura 9 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
Legendas:	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	263,0	256,7	268,9	(2,4)	2,2	4.129	4.096	(0,8)	1.085,8	1.055,5	1.097,7	(2,8)	1,1
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	87,3	0,3	0,3
RO	40,6	38,7	39,1	(4,7)	(3,7)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,1	124,4	2,6	3,7
AC	4,3	4,3	4,3	-	-	1.399	1.375	(1,7)	6,0	5,9	5,9	(1,7)	(1,7)
AM	3,2	3,2	3,2	-	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	7,2	2,9	2,9
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	68,8	68,8	72,0	-	4,7	2.728	2.648	(3,0)	187,7	182,4	190,5	(2,8)	1,5
TO	132,3	127,9	136,5	(3,3)	3,2	5.115	5.027	(1,7)	676,7	648,2	681,0	(4,2)	0,6
NORDESTE	229,2	235,3	239,6	2,7	4,5	1.908	1.625	(14,8)	437,3	383,1	389,1	(12,4)	(11,0)
MA	141,6	148,7	152,2	5,0	7,5	1.807	1.595	(11,8)	255,9	237,2	242,6	(7,3)	(5,2)
PI	65,2	65,2	65,2	-	-	1.629	1.151	(29,3)	106,2	75,1	75,1	(29,3)	(29,3)
CE	4,7	4,7	4,7	-	-	2.076	2.262	9,0	9,7	10,7	10,7	10,3	10,3
RN	1,0	1,0	1,0	-	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	3,3	(13,2)	(13,2)
PB	0,9	0,9	0,9	-	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
PE	0,2	0,2	0,2	-	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	1,1	37,5	37,5
AL	2,8	2,8	2,8	-	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	16,2	(6,9)	(6,9)
SE	4,7	4,7	4,7	-	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	33,5	(5,4)	(5,4)
BA	8,1	7,1	7,9	(12,3)	(2,5)	900	741	(17,7)	7,3	5,3	5,9	(27,4)	(19,2)
CENTRO-OESTE	199,4	183,0	198,3	(8,2)	(0,6)	3.672	3.553	(3,2)	732,3	653,4	701,4	(10,8)	(4,2)
MT	162,3	147,2	162,3	(9,3)	-	3.266	3.129	(4,2)	530,0	460,8	507,5	(13,1)	(4,2)
MS	15,5	14,2	14,4	(8,4)	(7,1)	6.000	6.137	2,3	93,0	87,1	88,4	(6,3)	(4,9)
GO	21,6	21,6	21,6	-	-	5.059	4.884	(3,5)	109,3	105,5	105,5	(3,5)	(3,5)
SUDESTE	16,1	16,6	16,6	3,1	3,1	3.399	3.377	(0,6)	54,7	56,1	56,1	2,6	2,6
MG	6,0	6,0	6,0	-	-	2.534	2.322	(8,4)	15,2	13,9	13,9	(8,6)	(8,6)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	0,2	-	-
RJ	0,3	0,8	0,8	166,7	166,7	3.667	3.194	(12,9)	1,1	2,6	2,6	136,4	136,4
SP	9,7	9,7	9,7	-	-	3.935	4.055	3,0	38,2	39,4	39,4	3,1	3,1
SUL	1.273,2	1.242,2	1.271,1	(2,4)	(0,2)	7.868	7.572	(3,8)	10.017,7	9.405,0	9.625,3	(6,1)	(3,9)
PR	25,1	24,0	24,0	(4,4)	(4,4)	6.506	6.410	(1,5)	163,3	153,9	153,9	(5,8)	(5,8)
SC	147,4	146,1	147,5	(0,9)	0,1	7.638	7.235	(5,3)	1.125,8	1.057,0	1.067,2	(6,1)	(5,2)
RS	1.100,7	1.072,1	1.099,6	(2,6)	(0,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.194,1	8.404,2	(6,1)	(3,7)
NORTE/NORDESTE	492,2	492,0	508,5	-	3,3	3.095	2.923	(5,5)	1.523,1	1.438,6	1.486,8	(5,5)	(2,4)
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,8	1.486,0	(3,2)	(0,2)	7.258	7.001	(3,5)	10.804,7	10.114,5	10.382,8	(6,4)	(3,9)
BRASIL	1.980,9	1.933,8	1.994,5	(2,4)	0,7	6.223	5.962	(4,2)	12.327,8	11.553,1	11.869,6	(6,3)	(3,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	140,6	134,3	142,3	(4,5)	1,2	2.526	2.556	1,2	355,1	343,3	361,4	(3,3)	1,8
RO	40,6	38,7	39,1	(4,7)	(3,8)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,1	124,4	2,6	3,7
AC	4,3	4,3	4,3	-	-	1.399	1.375	(1,7)	6,0	5,9	5,9	(1,7)	(1,7)
AM	3,2	3,2	3,2	-	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	7,2	2,9	2,9
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	63,7	63,7	66,9	-	5,0	2.592	2.518	(2,9)	165,1	160,4	168,5	(2,8)	2,1
TO	27,3	22,9	27,3	(16,3)	-	2.036	1.977	(2,9)	55,6	45,3	54,0	(18,5)	(2,9)
NORDESTE	213,3	217,9	222,2	2,2	4,2	1.623	1.359	(16,3)	346,2	296,2	302,2	(14,4)	(12,7)
MA	140,2	145,8	149,3	4,0	6,5	1.775	1.541	(13,2)	248,9	224,7	230,1	(9,7)	(7,6)
PI	60,0	60,0	60,0	-	-	1.384	978	(29,3)	83,0	58,7	58,7	(29,3)	(29,3)
CE	4,1	4,1	4,1	-	-	1.516	1.652	9,0	6,2	6,8	6,8	9,7	9,7
PB	0,9	0,9	0,9	-	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
BA	8,1	7,1	7,9	(12,0)	(2,8)	900	741	(17,7)	7,3	5,3	5,9	(27,4)	(19,2)
CENTRO-O-ESTE	158,1	143,0	158,1	(9,6)	-	3.187	3.048	(4,3)	503,8	435,9	482,6	(13,5)	(4,2)
MT	151,4	136,3	151,4	(10,0)	-	3.226	3.089	(4,2)	488,4	421,0	467,7	(13,8)	(4,2)
GO	6,7	6,7	6,7	-	-	2.300	2.220	(3,5)	15,4	14,9	14,9	(3,2)	(3,2)
SUDESTE	7,1	7,6	7,6	7,0	7,0	2.093	2.090	(0,1)	14,8	15,9	15,9	7,4	7,4
MG	4,7	4,7	4,7	-	-	1.563	1.432	(8,4)	7,3	6,7	6,7	(8,2)	(8,2)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	0,2	-	-
RJ	0,3	0,8	0,8	150,0	150,0	3.667	3.194	(12,9)	1,1	2,6	2,6	136,4	136,4
SP	2,0	2,0	2,0	-	-	3.082	3.178	3,1	6,2	6,4	6,4	3,2	3,2
SUL	5,3	3,8	3,8	(28,3)	(28,3)	2.032	1.916	(5,7)	10,8	7,3	7,3	(32,4)	(32,4)
PR	5,3	3,8	3,8	(26,8)	(26,8)	2.032	1.916	(5,7)	10,8	7,3	7,3	(32,4)	(32,4)
NORTE/NORDESTE	353,9	352,2	364,5	(0,5)	3,0	1.982	1.815	(8,4)	701,3	639,5	663,6	(8,8)	(5,4)
CENTRO-SUL	170,5	154,4	169,5	(9,4)	(0,6)	3.105	2.973	(4,3)	529,4	459,1	505,8	(13,3)	(4,5)
BRASIL	524,4	506,6	534,0	(3,4)	1,8	2.347	2.168	(7,6)	1.230,7	1.098,6	1.169,4	(10,7)	(5,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	122,4	122,4	126,6	-	3,4	5.970	5.819	(2,5)	730,7	712,2	736,3	(2,5)	0,8
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	87,3	0,3	0,3
PA	5,1	5,1	5,1	-	-	4.433	4.307	(2,8)	22,6	22,0	22,0	(2,7)	(2,7)
TO	105,0	105,0	109,2	-	4,0	5.915	5.742	(2,9)	621,1	602,9	627,0	(2,9)	0,9
NORDESTE	15,9	17,4	17,4	9,4	9,4	5.732	4.990	(13,0)	91,1	86,9	86,9	(4,6)	(4,6)
MA	1,4	2,9	2,9	107,1	107,1	5.020	4.321	(13,9)	7,0	12,5	12,5	78,6	78,6
PI	5,2	5,2	5,2	-	-	4.453	3.147	(29,3)	23,2	16,4	16,4	(29,3)	(29,3)
CE	0,6	0,6	0,6	-	-	5.900	6.430	9,0	3,5	3,9	3,9	11,4	11,4
RN	1,0	1,0	1,0	-	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	3,3	(13,2)	(13,2)
PE	0,2	0,2	0,2	-	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	1,1	37,5	37,5
AL	2,8	2,8	2,8	-	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	16,2	(6,9)	(6,9)
SE	4,7	4,7	4,7	-	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	33,5	(5,4)	(5,4)
CENTRO-OESTE	41,3	40,0	40,2	(3,1)	(2,7)	5.532	5.440	(1,7)	228,5	217,5	218,8	(4,8)	(4,2)
MT	10,9	10,9	10,9	-	-	3.815	3.653	(4,2)	41,6	39,8	39,8	(4,3)	(4,3)
MS	15,5	14,2	14,4	(8,5)	(7,0)	6.000	6.137	2,3	93,0	87,1	88,4	(6,3)	(4,9)
GO	14,9	14,9	14,9	-	-	6.300	6.082	(3,5)	93,9	90,6	90,6	(3,5)	(3,5)
SUDESTE	9,0	9,0	9,0	-	-	4.429	4.464	0,8	39,9	40,2	40,2	0,8	0,8
MG	1,3	1,3	1,3	-	-	6.043	5.538	(8,4)	7,9	7,2	7,2	(8,9)	(8,9)
SP	7,7	7,7	7,7	-	-	4.157	4.283	3,0	32,0	33,0	33,0	3,1	3,1
SUL	1.267,9	1.238,4	1.267,3	(2,3)	-	7.893	7.589	(3,9)	10.006,9	9.397,7	9.618,0	(6,1)	(3,9)
PR	19,8	20,2	20,2	2,0	2,0	7.704	7.255	(5,8)	152,5	146,6	146,6	(3,9)	(3,9)
SC	147,4	146,1	147,5	(0,9)	0,1	7.638	7.235	(5,3)	1.125,8	1.057,0	1.067,2	(6,1)	(5,2)
RS	1.100,7	1.072,1	1.099,6	(2,6)	(0,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.194,1	8.404,2	(6,1)	(3,7)
NORTE/NORDESTE	138,3	139,8	144,0	1,1	4,1	5.943	5.716	(3,8)	821,8	799,1	823,2	(2,8)	0,2
CENTRO-SUL	1.318,2	1.287,4	1.316,5	(2,3)	(0,1)	7.795	7.500	(3,8)	10.275,3	9.655,4	9.877,0	(6,0)	(3,9)
BRASIL	1.456,5	1.427,2	1.460,5	(2,0)	0,3	7.619	7.325	(3,9)	11.097,1	10.454,5	10.700,2	(5,8)	(3,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

11.1.4. FEIJÃO

11.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A segunda avaliação do cultivo de feijão primeira safra indica que a área semeada poderá variar de 989,4 a 1.032,6 mil hectares, com uma produtividade esti-

mada de 1.180 kg/ha, redução de 3,6% em relação à safra passada.

Feijão-comum cores

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser entre 40,9 mil hectares e 45,3 mil hectares, representando uma variação negativa entre 28,2% e 20,6% em relação à safra passada. Essa redução deve-se ao ajuste de área cultivada, informando o cultivo separando em primeira e segunda safra.

Em Mato Grosso, o feijão-comum cores primeira safra será semeado somente em novembro, o cultivo será dividido entre os tipos feijão-comum cores e o feijão-caupi. A produção atende principalmente a sementeiras. Contudo, a cultura pode perder área para o cultivo da soja, tendência verificada há alguns anos no esta-

do, através do arredamento das pequenas propriedades.

Em Goiás, algumas áreas no estado já foram cultivadas, porém, a falta de chuvas, têm prejudicado a fase de desenvolvimento da cultura. A expectativa dos produtores é que os preços possam ser mais atrativos com a colheita no verão. Muitos produtores tradicionais de algodão safrinha cultivam feijão-comum cores na primeira safra, principalmente no sudoeste Goiano. Na região leste do estado, produtores ainda estão incertos sobre área a ser cultivada, principalmente devido a desestabilidade do mercado para a



cultura, enquanto em alguns municípios há um registro de aumento de área, e em outros há a redução na intenção de plantio.

No Distrito Federal, 90% da área de feijão primeira safra é destinado ao plantio de feijão-comum cores. Nessa safra, é estimado a manutenção da área a ser semeada, quando comparada com a safra anterior. Os preparativos para o plantio ainda são muito incipientes, dado, sobretudo o final do período de vazio sanitário, que foi de 20 de setembro a 20 de outubro de 2017. Essa medida quebra o ciclo de vida do vetor, responsável pelo desenvolvimento de doenças. No caso do vírus causador do mosaico dourado, o vetor é a mosca-branca. Esse procedimento reduz a população da mosca-branca, e beneficia os produtores com a redução do uso de fungicidas, inseticidas e de custos. A área estimada é de 10,9 mil hectares.

Em Minas Gerais, projeta-se manutenção ou redução de área de até 5,7% em relação à safra anterior, motivada principalmente pelo atraso do plantio devido à falta de chuvas e pela instabilidade de preços, que tem desestimulado alguns produtores. Com relação à produtividade, estima-se um incremento de 7,6% em relação à safra passada. O plantio já começou em algumas áreas do sul, centro-oeste e central do estado,

mas ainda sem muita expressividade. Na região sul, onde a cultura principal é o café, o feijão é plantado nos espaçamentos das lavouras, o que não garante boa produtividade. Já na região central, a tecnologia já se encontra presente, o que permite um maior rendimento para as lavouras.

Em São Paulo, as áreas onde o feijão primeira safra (feijão das águas) estão sob irrigação as lavouras seguem em excelentes condições. O feijão está com boas perspectivas inclusive, para a produtividade. A região onde o plantio de feijão primeira safra é mais intenso, fica nos municípios de Itapeva, Itaí, Taquarituba e Paranapanema. Na região de Paranapanema, os produtores, em sua maioria de origem Holandesa, aumentaram muito o interesse pelo produto devido aos bons preços. A colheita, em algumas áreas desse município, já foi iniciada, aproveitando os bons preços praticados. Vale ressaltar que nas demais regiões, a entrada significativa da safra acontece em novembro e dezembro e as condições das lavouras estão excelentes. O que se viu, foram lavouras sob pivô, e com possibilidades de produtividades boas. O rendimento estimado é de 2.772 kg/ha. Nesse 2º levantamento apresenta um recuo médio de 25% na área, em relação à safra passada, basicamente na região de Itapeva.

Figura 10 - Feijão-comum cores, em Itapeva-SP



Fonte: Conab.



Em Santa Catarina, há uma tendência de aumento da intenção de plantio nessa safra. O plantio atinge, até o momento, em torno de 23%, haja vista que grande parte de sua área de produção se concentra na região do Planalto Sul e Meio-oeste, onde as temperaturas são mais baixas nesta época, e o plantio se dá mais tarde, chegando a entrar no mês de janeiro. As lavouras implantadas até o momento encontram-se em estádio inicial, com 37% em emergência/germinação e 63% em estádio de desenvolvimento vegetativo. As condições são boas, favorecidas pelas chuvas ocorridas nos últimos dias. Grande parte dos produtores devem buscar recursos nas instituições bancárias para implantar as lavouras, principalmente os que se encaixam no Pronaf, no qual estão concentrados a grande maioria dos produtores de feijão, haja vista este ser

Feijão-comum preto

Em Minas gerais, o feijão-comum preto é cultivado especialmente na região Central e Zona da Mata. A estimativa da área é de manutenção, podendo ter redução de até 5,8%, e aumento de 5,6% na produtividade, comparado com a safra anterior. O que ocorre, principalmente devido à insegurança em relação ao clima, que causou perdas na safra anterior e causa atrasos de plantio na safra atual.

No Rio de Janeiro, o plantio ainda não foi iniciado, devido à estiagem, principalmente nas regiões Serrana, Norte e Nordeste do estado. A estimativa é de manutenção da área plantada em relação à safra passada, avaliada em 0,6 mil hectares.

No Paraná, o plantio dessa cultura já está quase concluído. O feijão-comum preto deverá apresentar um aumento de área de aproximadamente 5% em relação à safra passada, chegando aos 117,5 mil hectares. O aumento da área de feijão-comum preto ocorre em detrimento da cultura do milho, pois é mais viável economicamente. Apesar das adversidades climáticas no início do plantio (período seco), as lavouras são consideradas boas. A maior parte delas está em germinação e desenvolvimento vegetativo e pequena parcela em floração. A perspectiva de produtividade é menor que a da safra anterior pois aquela foi recorde. Estima-se rendimento de 1.753 kg/ha, valor próximo da média histórica.

Em Santa Catarina, aproximadamente 75% das lavouras encontram-se semeadas. Os estádios variam desde germinação até início de floração, esta observada na região Oeste do estado, onde o plantio tem início mais cedo devido ao clima mais ameno no final do inverno, e representa em torno de 0,3% da área implantada até o momento. O restante encontra-se em estádio vegetativo (86%) e germinação/emergência

cultivado, em grande parte, nas pequenas propriedades e da agricultura familiar. Grande também é o uso de sementes próprias ou adquiridas de outras fontes, que não as empresas produtoras de sementes, como cerealistas e de outros produtores. O aumento da intenção de cultivo do feijão se explica, em parte, pelo menor tempo de retorno do investimento e a possibilidade de realizar uma segunda safra com a mesma cultura, em sucessão.

No Rio Grande do Sul ainda não foi iniciada a semeadura na região dos Campos de Cima da Serra e Serra, principal região produtora, que tende a se concentrar após a semeadura da soja. A expectativa é de manutenção da área em relação à safra passada.

(13,7%). As condições das lavouras são consideradas boas, apesar das baixas temperaturas ocorridas na última semana de outubro, causada pela passagem de uma frente fria que trouxe chuvas e, em alguns pontos, geadas de fraca intensidade, mas que podem ter afetado algumas lavouras em estádio inicial. Apesar da ocorrência de chuvas em volumes dentro do normal, sua frequência é considerada instável, com períodos longos entre uma precipitação e outra, o que pode afetar o pleno desenvolvimento das áreas já implantadas. As informações levantadas até o momento indicam um aumento do cultivo em relação à área semeada na safra passada, cuja área deve migrar, em parte, do milho e, em alguns casos, do feijão carioca, nos municípios que cultivam as duas classes. Ademais, com a restrição do calendário de plantio da soja safrinha para meados de fevereiro, o produtor decidiu investir mais na cultura do feijão de primeira safra, cuja colheita em meados de janeiro deve favorecer a implantação da soja mais cedo, de modo a se adequar ao período legal de plantio. Por se tratar de uma cultura, em grande parte, cultivada em pequenas e médias propriedades, principalmente pela agricultura familiar, o uso de insumos e sementes certificadas ainda é considerado aquém do necessário para uma máxima produtividade. O Pronaf é um dos recursos buscados pelos produtores para custear suas lavouras, mas não é raro o uso de recursos próprios para a implantação da lavoura, muitas vezes, com uso de sementes próprias.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do feijão já foi concluída na região noroeste do estado, apresentando-se, atualmente, no estádio de desenvolvimento vegetativo, e segue em evolução nas demais regiões. Canguçu tem cerca de 26% semeado, Santa Maria 68% e a região nordeste do estado acaba de iniciar o plantio. A estimativa é que a área plantada seja entre 30,2 mil



hectares e 33,4 mil hectares.

Feijão-caupi

Em Tocantins, é esperado manutenção na área cultivada em relação à safra passada. Por ser uma cultura de menor resultado econômico sua atratividade é bastante baixa, sendo cultivada basicamente pelos agricultores familiares, em lavouras de menor tamanho com vistas à subsistência e pequena porção destinada à comercialização.

No Maranhão, a ausência de chuvas, até o momento da pesquisa em campo, não possibilitou o início do plantio. A área total plantada é estimada em 36,5 mil hectares, com produtividade média 530 kg/ha. A produção estimada, de 19,3 mil toneladas, da safra atual deve ser 6,8% menor do que a última safra.

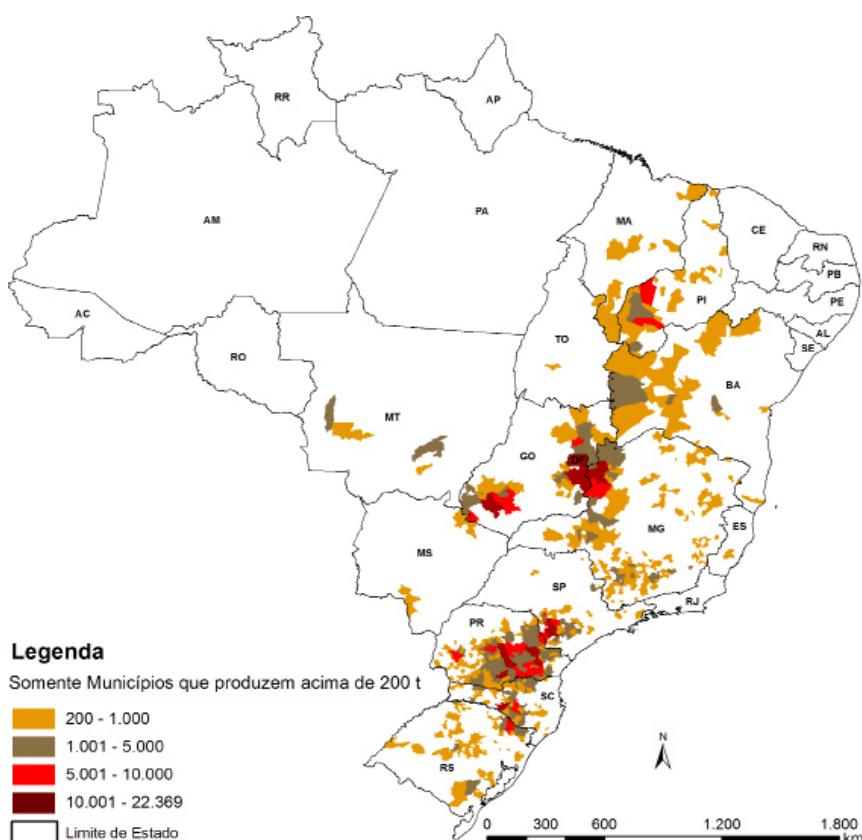
Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser entre 101,8 mil hectares e 112,6 mil hectares, representando uma variação negativa entre 40,1% e 33,7% em

relação à safra passada. Essa redução deve-se ao ajuste de área cultivada, informando o cultivo separado em primeira e segunda safra.

Em Mato Grosso, o plantio do feijão-caupi ocorrerá a partir de novembro. A expectativa é que a área plantada seja entre 3 e 4,4 mil hectares.

Em Minas Gerais, o feijão-caupi tem estimativa de área variando entre a manutenção da área da safra anterior até a redução de 5,9%, especialmente nos municípios mais atingidos pela seca. Na safra passada perdeu-se 30% da área plantada, sendo que em alguns municípios as perdas chegaram a 80% não compensando a colheita. Caso as condições climáticas sejam boas, espera-se uma produtividade média de 559 kg/ha.

Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense					DV	F	F/FR/M	M/C				
	Norte Mato-grossense					DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal			P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Norte de Minas			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Oeste de Minas			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Campo das Vertentes			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Zona da Mata			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR	M	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	PP	P/G	F/FR	FR/M	FR/M	M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
RS	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,8	4,5	4,5	(6,3)	(6,3)	649	642	(1,2)	3,1	2,9	2,9	(6,5)	(6,5)
TO	4,8	4,5	4,5	(6,3)	(6,3)	649	642	(1,2)	3,1	2,9	2,9	(6,5)	(6,5)
NORD-ESTE	490,2	406,1	421,3	(17,2)	(14,1)	453	321	(29,2)	222,1	129,6	136,0	(41,6)	(38,8)
MA	36,4	36,5	36,5	0,3	0,3	570	530	(7,0)	20,7	19,3	19,3	(6,8)	(6,8)
PI	226,9	226,9	226,9	-	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	50,1	(24,9)	(24,9)
BA	226,9	142,7	157,9	(37,1)	(30,4)	594	422	(29,0)	134,7	60,2	66,6	(55,3)	(50,6)
CENTRO-OESTE	81,5	75,8	81,3	(7,0)	(0,2)	2.203	2.244	1,8	179,5	171,2	181,1	(4,6)	0,9
MT	10,8	7,0	10,8	(35,2)	-	1.525	1.585	3,9	16,5	11,2	17,0	(32,1)	3,0
MS	0,8	0,6	0,6	(25,0)	(25,0)	1.800	1.868	3,8	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
GO	57,8	56,1	57,8	(2,9)	-	2.400	2.400	-	138,7	134,6	138,7	(3,0)	-
DF	12,1	12,1	12,1	-	-	1.895	2.011	6,1	22,9	24,3	24,3	6,1	6,1
SUDESTE	247,3	213,8	231,1	(13,5)	(6,6)	1.651	1.595	(3,4)	408,3	339,1	370,4	(16,9)	(9,3)
MG	161,0	151,8	161,0	(5,7)	-	1.213	1.304	7,6	195,2	198,0	210,0	1,4	7,6
ES	4,6	4,6	4,6	-	-	1.174	1.113	(5,2)	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)
RJ	0,6	0,6	0,6	-	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	0,6	(14,3)	(14,3)
SP	81,1	56,8	64,9	(30,0)	(20,0)	2.552	2.383	(6,6)	207,0	135,4	154,7	(34,6)	(25,3)
SUL	287,2	292,2	295,1	1,7	2,8	1.907	1.804	(5,4)	547,6	526,8	532,4	(3,8)	(2,8)
PR	194,1	197,4	197,5	1,7	1,8	1.880	1.751	(6,8)	364,8	345,7	345,9	(5,2)	(5,2)
SC	51,3	52,0	53,1	1,4	3,5	2.160	2.026	(6,2)	110,8	105,3	107,6	(5,0)	(2,9)
RS	41,8	42,8	44,5	2,4	6,5	1.721	1.773	3,0	72,0	75,8	78,9	5,3	9,6
NORTE/NORDESTE	495,0	410,6	425,8	(17,1)	(14,0)	455	325	(28,7)	225,2	132,5	138,9	(41,2)	(38,3)
CENTRO-SUL	616,0	581,8	607,5	(5,6)	(1,4)	1.843	1.784	(3,2)	1.135,4	1.037,1	1.083,9	(8,7)	(4,5)
BRASIL	1.111,0	992,4	1.033,3	(10,7)	(7,0)	1.225	1.181	(3,6)	1.360,6	1.169,6	1.222,8	(14,0)	(10,1)

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	1,2	-	-	1.850	1.750	(5,4)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
DF	1,2	1,2	1,2	-	-	1.850	1.750	(5,4)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
SUDESTE	9,8	9,4	9,8	(4,1)	-	965	981	1,7	9,5	9,2	9,5	(3,2)	-
MG	6,9	6,5	6,9	(5,8)	-	838	885	5,6	5,8	5,8	6,1	-	5,2
ES	2,3	2,3	2,3	-	-	1.304	1.237	(5,1)	3,0	2,8	2,8	(6,7)	(6,7)
RJ	0,6	0,6	0,6	-	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	0,6	(14,3)	(14,3)
SUL	163,7	170,7	172,9	4,3	5,6	1.880	1.781	(5,3)	307,8	304,1	307,9	(1,2)	-
PR	112,0	117,4	117,5	4,8	4,9	1.929	1.795	(6,9)	216,0	210,7	210,9	(2,5)	(2,4)
SC	19,9	20,5	21,4	3,0	7,5	2.200	2.063	(6,2)	43,8	42,3	44,1	(3,4)	0,7
RS	31,8	32,8	34,0	3,0	7,0	1.508	1.557	3,2	48,0	51,1	52,9	6,5	10,2
CENTRO-SUL	174,7	181,3	183,9	3,8	5,3	1.829	1.739	(4,9)	319,5	315,4	319,5	(1,3)	-
BRASIL	174,7	181,3	183,9	3,8	5,3	1.829	1.739	(4,9)	319,5	315,4	319,5	(1,3)	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,4	0,1	0,1	(75,0)	(75,0)	1.080	1.110	2,8	0,4	0,1	0,1	(75,0)	(75,0)
TO	0,4	0,1	0,1	(75,0)	(75,0)	1.080	1.110	2,8	0,4	0,1	0,1	(75,0)	(75,0)
NORDESTE	57,0	40,9	45,3	(28,2)	(20,5)	862	600	(30,4)	49,1	24,5	27,2	(50,1)	(44,6)
BA	57,0	40,9	45,3	(28,2)	(20,6)	862	600	(30,4)	49,1	24,5	27,2	(50,1)	(44,6)
CENTRO-OESTE	73,9	70,6	73,7	(4,5)	(0,3)	2.296	2.324	1,2	169,6	164,1	171,1	(3,2)	0,9
MT	4,4	3,0	4,4	(31,8)	-	1.998	2.067	3,5	8,8	6,2	9,1	(29,5)	3,4
MS	0,8	0,6	0,6	(25,0)	(25,0)	1.800	1.868	3,8	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
GO	57,8	56,1	57,8	(2,9)	-	2.400	2.400	-	138,7	134,6	138,7	(3,0)	-
DF	10,9	10,9	10,9	-	-	1.900	2.040	7,4	20,7	22,2	22,2	7,2	7,2
SUDESTE	223,4	191,1	207,2	(14,5)	(7,3)	1.752	1.696	(3,2)	391,5	322,5	353,0	(17,6)	(9,8)
MG	140,0	132,0	140,0	(5,7)	-	1.301	1.400	7,6	182,1	184,8	196,0	1,5	7,6
ES	2,3	2,3	2,3	-	-	1.043	989	(5,2)	2,4	2,3	2,3	(4,2)	(4,2)
SP	81,1	56,8	64,9	(30,0)	(20,0)	2.552	2.383	(6,6)	207,0	135,4	154,7	(34,6)	(25,3)
SUL	123,5	121,5	122,2	(1,6)	(1,1)	1.941	1.835	(5,5)	239,8	222,8	224,4	(7,1)	(6,4)
PR	82,1	80,0	80,0	(2,6)	(2,6)	1.812	1.687	(6,9)	148,8	135,0	135,0	(9,3)	(9,3)
SC	31,4	31,5	31,7	0,2	0,9	2.134	2.001	(6,2)	67,0	63,0	63,4	(6,0)	(5,4)
RS	10,0	10,0	10,5	-	5,0	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	26,0	3,3	8,3
NORTE/NORDESTE	57,4	41,0	45,4	(28,6)	(20,9)	864	601	(30,4)	49,5	24,6	27,3	(50,3)	(44,8)
CENTRO-SUL	420,8	383,2	403,1	(8,9)	(4,2)	1.903	1.854	(2,6)	800,9	709,4	748,5	(11,4)	(6,5)
BRASIL	478,2	424,2	448,5	(11,3)	(6,2)	1.779	1.730	(2,7)	850,4	734,0	775,8	(13,7)	(8,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,4	4,4	4,4	-	-	610	631	3,4	2,7	2,8	2,8	3,7	3,7
TO	4,4	4,4	4,4	-	-	610	631	3,4	2,7	2,8	2,8	3,7	3,7
NORDESTE	433,2	365,2	376,0	(15,7)	(13,2)	400	289	(27,7)	173,0	105,0	108,8	(39,3)	(37,1)
MA	36,4	36,5	36,5	0,4	0,4	570	530	(7,0)	20,7	19,3	19,3	(6,8)	(6,8)
PI	226,9	226,9	226,9	-	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	50,1	(24,9)	(24,9)
BA	169,9	101,8	112,6	(40,1)	(33,7)	504	350	(30,6)	85,6	35,6	39,4	(58,4)	(54,0)
CENTRO-OESTE	6,4	4,0	6,4	(37,5)	-	1.200	1.242	3,5	7,7	5,0	7,9	(35,1)	2,6
MT	6,4	4,0	6,4	(37,5)	-	1.200	1.242	3,5	7,7	5,0	7,9	(35,1)	2,6
SUDESTE	14,1	13,3	14,1	(5,7)	-	519	559	7,7	7,3	7,4	7,9	1,4	8,2
MG	14,1	13,3	14,1	(5,9)	-	519	559	7,7	7,3	7,4	7,9	1,4	8,2
NORTE/NORDESTE	437,6	369,6	380,4	(15,5)	(13,1)	402	293	(27,1)	175,7	107,8	111,6	(38,6)	(36,5)
CENTRO-SUL	20,5	17,3	20,5	(15,6)	-	732	747	2,1	15,0	12,4	15,8	(17,3)	5,3
BRASIL	458,1	386,9	400,9	(15,5)	(12,5)	416	315	(24,5)	190,7	120,2	127,4	(37,0)	(33,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

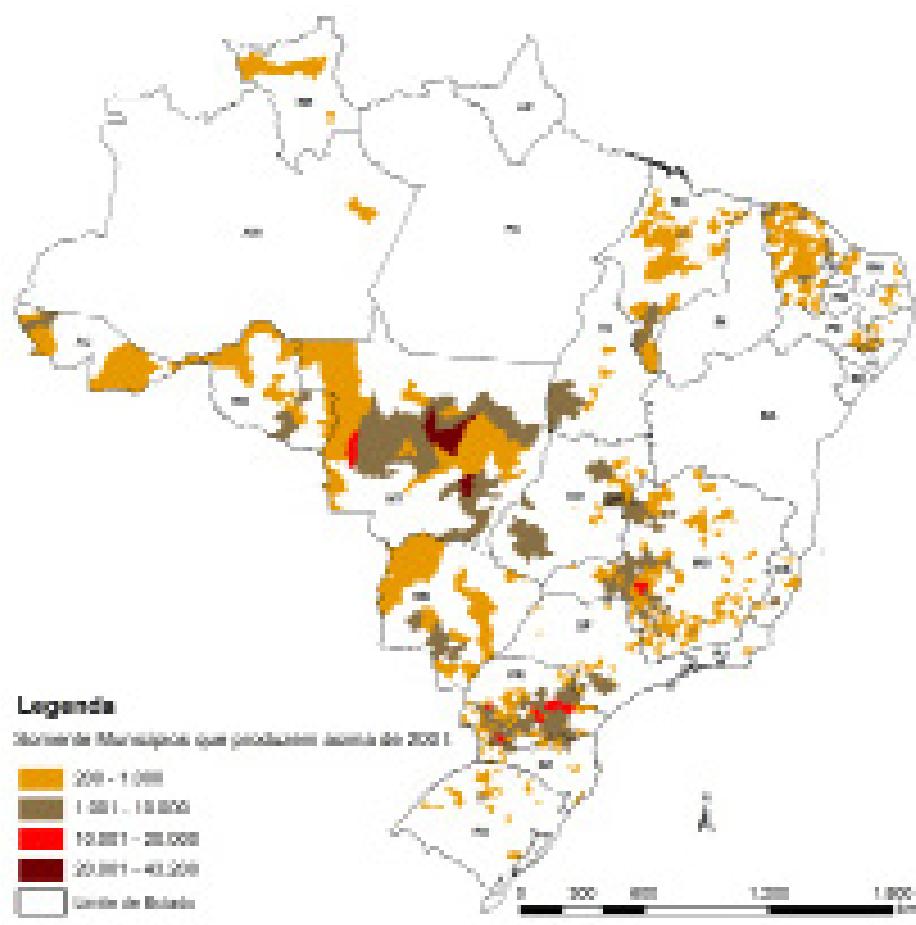


Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	55,9	55,9	55,9	-	-	1.171	972	(17,0)	65,4	54,4	54,4	(16,8)	(16,8)
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	593	605	2,1	4,5	4,6	4,6	2,2	2,2
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	23,8	23,8	23,8	-	-	1.520	1.187	(21,9)	36,2	28,3	28,3	(21,8)	(21,8)
NORDESTE	669,0	726,0	732,0	8,5	9,4	307	337	9,6	205,6	242,8	248,4	18,1	20,8
MA	51,4	51,4	51,4	-	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	26,3	(26,7)	(26,7)
PI	6,3	6,3	6,3	-	-	572	588	2,8	3,6	3,7	3,7	2,8	2,8
CE	407,0	407,0	407,0	-	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	111,4	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	90,0	90,0	90,0	-	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	25,5	(10,2)	(10,2)
PE	78,5	78,5	78,5	-	-	83	133	60,8	6,5	10,5	10,5	61,5	61,5
BA	-	57,0	63,0	-	-	-	933	-	-	53,2	58,8	-	-
CENTRO-OESTE	276,6	276,6	276,6	-	-	1.264	1.254	(0,7)	349,6	346,9	346,9	(0,8)	(0,8)
MT	230,7	230,7	230,7	-	-	1.172	1.196	2,0	270,3	275,8	275,8	2,0	2,0
MS	26,0	26,0	26,0	-	-	1.692	1.441	(14,8)	44,0	37,5	37,5	(14,8)	(14,8)
GO	19,0	19,0	19,0	-	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	31,9	(4,2)	(4,2)
DF	0,9	0,9	0,9	-	-	2.189	1.935	(11,6)	2,0	1,7	1,7	(15,0)	(15,0)
SUDESTE	138,8	138,8	138,8	-	-	1.367	1.371	0,3	189,7	190,4	190,4	0,4	0,4
MG	116,8	116,8	116,8	-	-	1.331	1.342	0,9	155,4	156,8	156,8	0,9	0,9
ES	6,1	6,1	6,1	-	-	1.049	1.013	(3,4)	6,4	6,2	6,2	(3,1)	(3,1)
RJ	1,2	1,2	1,2	-	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	1,2	-	-
SP	14,7	14,7	14,7	-	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	26,2	(1,9)	(1,9)
SUL	286,6	286,6	286,6	-	-	1.363	1.473	8,1	390,6	422,3	422,3	8,1	8,1
PR	249,0	249,0	249,0	-	-	1.370	1.474	7,6	341,2	367,1	367,1	7,6	7,6
SC	18,3	18,3	18,3	-	-	1.417	1.439	1,6	25,9	26,3	26,3	1,5	1,5
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	28,9	23,0	23,0
NORTE/NORDESTE	724,9	781,9	787,9	7,9	8,7	374	382	2,2	271,0	297,2	302,8	9,7	11,7
CENTRO-SUL	702,0	702,0	702,0	-	-	1.325	1.367	3,2	929,9	959,6	959,6	3,2	3,2
BRASIL	1.426,9	1.483,9	1.489,9	4,0	4,4	842	847	0,6	1.200,9	1.256,8	1.262,4	4,7	5,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
CENTRO-OESTE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.555	1.330	(14,5)	1,7	1,5	1,5	(11,8)	(11,8)
MS	1,0	1,0	1,0	-	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	1,3	(13,3)	(13,3)
DF	0,1	0,1	0,1	-	-	2.100	1.856	(11,6)	0,2	0,2	0,2	-	-
SUDESTE	10,1	10,1	10,1	-	-	937	930	(0,8)	9,5	9,4	9,4	(1,1)	(1,1)
MG	6,4	6,4	6,4	-	-	931	939	0,9	6,0	6,0	6,0	-	-
ES	2,5	2,5	2,5	-	-	920	888	(3,5)	2,3	2,2	2,2	(4,3)	(4,3)
RJ	1,2	1,2	1,2	-	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	1,2	-	-
SUL	122,4	122,4	122,4	-	-	1.378	1.501	9,0	168,6	183,8	183,8	9,0	9,0
PR	88,6	88,6	88,6	-	-	1.418	1.525	7,5	125,6	135,1	135,1	7,6	7,6
SC	14,5	14,5	14,5	-	-	1.343	1.364	1,6	19,5	19,8	19,8	1,5	1,5
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	28,9	23,0	23,0
NORTE/NORDESTE	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
CENTRO-SUL	133,6	133,6	133,6	-	-	1.346	1.457	8,2	179,8	194,7	194,7	8,3	8,3
BRASIL	134,7	134,7	134,7	-	-	1.338	1.448	8,2	180,2	195,1	195,1	8,3	8,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	32,2	32,2	32,2	-	-	956	837	(12,4)	30,7	27,0	27,0	(12,1)	(12,1)
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,3	3,1	3,1
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	2,1	2,1	2,1	-	-	1.312	1.025	(21,9)	2,8	2,2	2,2	(21,4)	(21,4)
NORDESTE	32,1	41,6	42,6	29,6	32,7	414	668	61,3	13,3	27,4	29,0	106,0	118,0
CE	2,8	2,8	2,8	-	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
PB	25,7	25,7	25,7	-	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	10,3	(10,4)	(10,4)
PE	3,6	3,6	3,6	-	-	62	101	62,9	0,2	0,4	0,4	100,0	100,0
BA	-	9,5	10,5	-	-	-	1.600	-	-	15,2	16,8	-	-
CENTRO-OESTE	73,2	73,2	73,2	-	-	1.769	1.677	(5,2)	129,6	122,8	122,8	(5,2)	(5,2)
MT	28,4	28,4	28,4	-	-	1.831	1.869	2,1	52,0	53,1	53,1	2,1	2,1
MS	25,0	25,0	25,0	-	-	1.700	1.448	(14,8)	42,5	36,2	36,2	(14,8)	(14,8)
GO	19,0	19,0	19,0	-	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	31,9	(4,2)	(4,2)
DF	0,8	0,8	0,8	-	-	2.200	1.945	(11,6)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
SUDESTE	128,6	128,6	128,6	-	-	1.401	1.406	0,4	180,1	180,9	180,9	0,4	0,4
MG	110,3	110,3	110,3	-	-	1.354	1.366	0,9	149,3	150,7	150,7	0,9	0,9
ES	3,6	3,6	3,6	-	-	1.139	1.100	(3,4)	4,1	4,0	4,0	(2,4)	(2,4)
SP	14,7	14,7	14,7	-	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	26,2	(1,9)	(1,9)
SUL	164,2	164,2	164,2	-	-	1.352	1.452	7,4	222,1	238,5	238,5	7,4	7,4
PR	160,4	160,4	160,4	-	-	1.344	1.446	7,6	215,6	231,9	231,9	7,6	7,6
SC	3,8	3,8	3,8	-	-	1.700	1.726	1,5	6,5	6,6	6,6	1,5	1,5
NORTE/NORDESTE	64,3	73,8	74,8	14,8	16,3	685	741	8,2	44,0	54,4	56,0	23,6	27,3
CENTRO-SUL	366,0	366,0	366,0	-	-	1.453	1.481	2,0	531,8	542,2	542,2	2,0	2,0
BRASIL	430,3	439,8	440,8	2,2	2,4	1.338	1.356	1,4	575,8	596,6	598,2	3,6	3,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	23,7	23,7	23,7	-	-	1.463	1.156	(21,0)	34,7	27,4	27,4	(21,0)	(21,0)
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	630	643	2,1	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	21,7	21,7	21,7	-	-	1.540	1.203	(21,9)	33,4	26,1	26,1	(21,9)	(21,9)
NORDESTE	635,8	683,3	688,3	7,5	8,3	302	317	4,8	191,9	215,0	219,0	12,0	14,1
MA	51,4	51,4	51,4	-	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	26,3	(26,7)	(26,7)
PI	6,3	6,3	6,3	-	-	572	588	2,8	3,6	3,7	3,7	2,8	2,8
CE	404,2	404,2	404,2	-	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	109,9	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	63,2	63,2	63,2	-	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	14,8	(10,3)	(10,3)
PE	74,9	74,9	74,9	-	-	84	135	60,7	6,3	10,1	10,1	60,3	60,3
BA	-	47,5	52,5	-	-		800	-	-	38,0	42,0	-	-
CENTRO-OESTE	202,3	202,3	202,3	-	-	1.079	1.101	2,0	218,3	222,7	222,7	2,0	2,0
MT	202,3	202,3	202,3	-	-	1.079	1.101	2,0	218,3	222,7	222,7	2,0	2,0
SUDESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,1	0,1	0,1	-	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NORDESTE	659,5	707,0	712,0	7,2	8,0	344	345	0,3	226,6	242,4	246,4	7,0	8,7
CENTRO-SUL	202,4	202,4	202,4	-	-	1.079	1.101	2,0	218,4	222,8	222,8	2,0	2,0
BRASIL	861,9	909,4	914,4	5,5	6,1	516	512	(0,8)	445,0	465,2	469,2	4,5	5,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	52,2	52,2	52,2	-	-	1.190	968	(18,7)	62,2	50,6	50,6	(18,6)	(18,6)
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	34,3	34,3	34,3	-	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	24,5	(13,4)	(13,4)
TO	15,5	15,5	15,5	-	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	24,5	(24,1)	(24,1)
NORDESTE	386,8	386,8	386,8	-	-	649	613	(5,6)	251,1	237,2	237,2	(5,5)	(5,5)
PE	107,6	107,6	107,6	-	-	478	494	3,3	51,4	53,1	53,1	3,3	3,3
AL	40,1	40,1	40,1	-	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	18,0	(13,5)	(13,5)
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	223,9	223,9	223,9	-	-	740	696	(6,0)	165,7	155,8	155,8	(6,0)	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,8	116,8	116,8	-	-	2.632	2.621	(0,4)	307,4	306,2	306,2	(0,4)	(0,4)
MT	53,7	53,7	53,7	-	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	123,5	(2,9)	(2,9)
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	173,3	1,3	1,3
DF	3,1	3,1	3,1	-	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	9,4	2,2	2,2
SUDESTE	82,2	82,2	82,2	-	-	2.586	2.605	0,7	212,6	214,2	214,2	0,8	0,8
MG	70,4	70,4	70,4	-	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	187,0	1,4	1,4
SP	11,8	11,8	11,8	-	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	27,2	(3,5)	(3,5)
SUL	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
PR	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	439,0	439,0	-	-	714	655	(8,2)	313,3	287,8	287,8	(8,1)	(8,1)
CENTRO-SUL	203,4	203,4	203,4	-	-	2.578	2.579	-	524,4	524,6	524,6	-	-
BRASIL	642,4	642,4	642,4	-	-	1.304	1.264	(3,1)	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	6,6	6,6	6,6	-	-	794	665	(16,3)	5,3	4,4	4,4	(17,0)	(17,0)
PA	6,1	6,1	6,1	-	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	3,4	(12,8)	(12,8)
TO	0,5	0,5	0,5	-	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	1,0	(28,6)	(28,6)
NORDESTE	329,5	329,5	329,5	-	-	679	639	(5,9)	223,8	210,6	210,6	(5,9)	(5,9)
PE	72,2	72,2	72,2	-	-	510	527	3,3	36,8	38,0	38,0	3,3	3,3
AL	29,8	29,8	29,8	-	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	12,6	(13,7)	(13,7)
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	212,3	212,3	212,3	-	-	750	705	(6,0)	159,2	149,7	149,7	(6,0)	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,3	116,3	116,3	-	-	2.634	2.623	(0,4)	306,3	305,1	305,1	(0,4)	(0,4)
MT	53,7	53,7	53,7	-	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	123,5	(2,9)	(2,9)
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	173,3	1,3	1,3
DF	2,6	2,6	2,6	-	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	8,3	2,5	2,5
SUDESTE	82,0	82,0	82,0	-	-	2.590	2.609	0,7	212,3	213,9	213,9	0,8	0,8
MG	70,2	70,2	70,2	-	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	186,7	1,4	1,4
SP	11,8	11,8	11,8	-	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	27,2	(3,5)	(3,5)
SUL	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
PR	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
NORTE/NORD-ESTE	336,1	336,1	336,1	-	-	682	640	(6,2)	229,1	215,0	215,0	(6,2)	(6,2)
CENTRO-SUL	202,7	202,7	202,7	-	-	2.581	2.581	-	523,0	523,2	523,2	-	-
BRASIL	538,8	538,8	538,8	-	-	1.396	1.370	(1,9)	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(1,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
PE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	0,6	-	-
DF	0,2	0,2	0,2	-	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	0,6	-	-
SUDESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	0,2	-	-
MG	0,2	0,2	0,2	-	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	0,2	-	-
NORTE/NORD-ESTE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
CENTRO-SUL	0,4	0,4	0,4	-	-	2.100	2.139	1,8	0,8	0,8	0,8	-	-
BRASIL	14,3	14,3	14,3	-	-	554	687	23,9	7,9	9,8	9,8	24,1	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

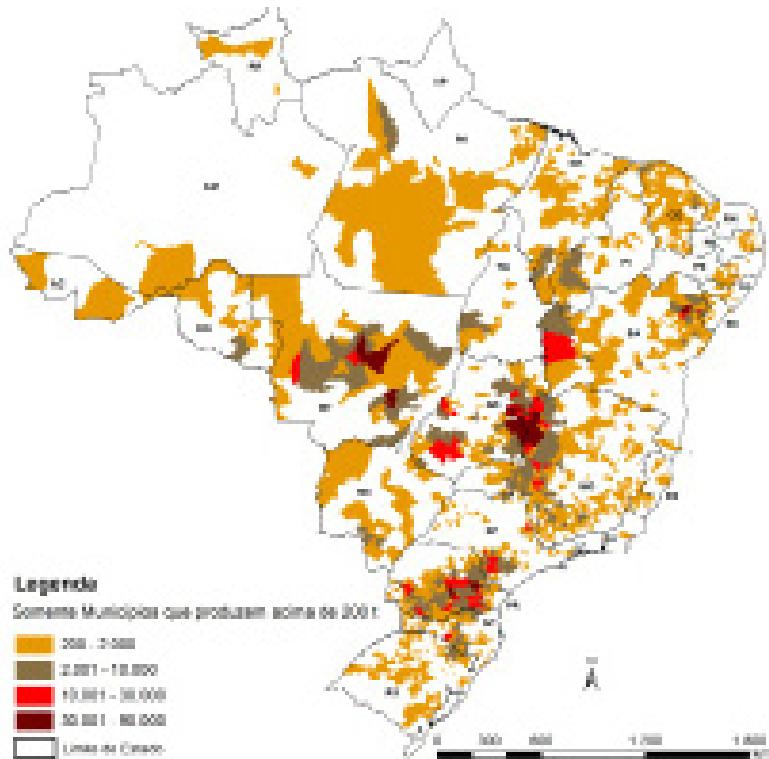
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)	
NORTE	45,6	45,6	45,6	-	-	1.247	1.012	(18,9)	56,9	46,2	46,2	(18,8)	(18,8)	
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-	
PA	28,2	28,2	28,2	-	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	21,1	(13,5)	(13,5)	
TO	15,0	15,0	15,0	-	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	23,5	(23,9)	(23,9)	
NORDESTE	43,4	43,4	43,4	-	-	466	405	(13,0)	20,2	17,6	17,6	(12,9)	(12,9)	
PE	21,5	21,5	21,5	-	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	6,1	(18,7)	(18,7)	
AL	10,3	10,3	10,3	-	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	5,4	(12,9)	(12,9)	
BA	11,6	11,6	11,6	-	-	558	525	(5,9)	6,5	6,1	6,1	(6,2)	(6,2)	
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-	
DF	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-	
NORTE/NOR-DESTE	89,0	89,0	89,0	-	-	866	716	(17,4)	77,1	63,8	63,8	(17,3)	(17,3)	
CENTRO-SUL	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-	
BRASIL	89,3	89,3	89,3	-	-	869	719	(17,2)	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(17,1)	

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

11.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lím Inf (b)	Lím Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lím Inf (g)	Lím Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	112,9	112,6	112,6	(0,3)	(0,3)	1.158	957	(17,3)	130,6	107,8	107,8	(17,5)	(17,5)
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	593	605	2,1	4,5	4,6	4,6	2,2	2,2
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	34,3	34,3	34,3	-	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	24,5	(13,4)	(13,4)
TO	44,1	43,8	43,8	(0,7)	(0,7)	1.622	1.270	(21,7)	71,5	55,6	55,6	(22,2)	(22,2)
NORDESTE	1.546,0	1.518,9	1.540,1	(1,8)	(0,4)	439	403	(8,4)	679,1	609,6	621,7	(10,2)	(8,5)
MA	87,8	87,9	87,9	0,1	0,1	646	519	(19,5)	56,7	45,7	45,7	(19,4)	(19,4)
PI	233,2	233,2	233,2	-	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	53,8	(23,5)	(23,5)
CE	407,0	407,0	407,0	-	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	111,4	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	90,0	90,0	90,0	-	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	25,5	(10,2)	(10,2)
PE	186,1	186,1	186,1	-	-	311	342	9,8	58,0	63,6	63,6	9,7	9,7
AL	40,1	40,1	40,1	-	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	18,0	(13,5)	(13,5)
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	450,8	423,6	444,8	(6,0)	(1,3)	667	634	(4,9)	300,5	269,1	281,2	(10,4)	(6,4)
CENTRO-OESTE	474,9	469,2	474,7	(1,2)	-	1.761	1.757	(0,2)	836,5	824,3	834,3	(1,5)	(0,3)
MT	295,2	291,4	295,2	(1,3)	-	1.402	1.409	0,5	414,0	410,4	416,3	(0,9)	0,6
MS	26,8	26,6	26,6	(0,7)	(0,7)	1.696	1.451	(14,4)	45,4	38,6	38,6	(15,0)	(15,0)
GO	136,8	135,1	136,8	(1,2)	-	2.507	2.515	0,3	343,0	339,9	344,0	(0,9)	0,3
DF	16,1	16,1	16,1	-	-	2.117	2.201	4,0	34,1	35,4	35,4	3,8	3,8
SUDESTE	468,3	434,8	452,1	(7,2)	(3,5)	1.731	1.712	(1,1)	810,6	743,6	774,9	(8,3)	(4,4)
MG	348,2	339,0	348,2	(2,6)	-	1.536	1.594	3,7	535,0	541,7	553,7	1,3	3,5
ES	10,7	10,7	10,7	-	-	1.103	1.056	(4,2)	11,8	11,3	11,3	(4,2)	(4,2)
RJ	1,8	1,8	1,8	-	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	1,8	(5,3)	(5,3)
SP	107,6	83,3	91,4	(22,6)	(15,1)	2.434	2.272	(6,7)	261,9	188,8	208,1	(27,9)	(20,5)
SUL	578,2	583,2	586,1	0,9	1,4	1.630	1.635	0,3	942,7	953,3	958,8	1,1	1,7
PR	447,5	450,8	450,9	0,7	0,8	1.588	1.590	0,2	710,5	716,9	717,1	0,9	0,9
SC	69,6	70,3	71,4	1,0	2,6	1.964	1.874	(4,6)	136,7	131,7	133,9	(3,7)	(2,0)
RS	61,1	62,1	63,8	1,6	4,4	1.563	1.688	8,0	95,5	104,7	107,8	9,6	12,9
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.631,5	1.652,7	(1,7)	(0,4)	488	441	(9,8)	809,7	717,4	729,5	(11,4)	(9,9)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.487,2	1.512,9	(2,2)	(0,6)	1.702	1.696	(0,3)	2.589,8	2.521,2	2.568,0	(2,6)	(0,8)
BRASIL	3.180,3	3.118,7	3.165,6	(1,9)	(0,5)	1.069	1.040	(2,7)	3.399,5	3.238,6	3.297,5	(4,7)	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	15,0	15,0	15,0	-	-	502	624	24,3	7,5	9,4	9,4	25,3	25,3
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
PE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	1.820	1.678	(7,8)	4,5	4,2	4,2	(6,7)	(6,7)
MS	1,0	1,0	1,0	-	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	1,3	(13,3)	(13,3)
DF	1,5	1,5	1,5	-	-	2.033	1.945	(4,3)	3,0	2,9	2,9	(3,3)	(3,3)
SUDESTE	20,1	19,7	20,1	(2,0)	-	953	957	0,4	19,2	18,8	19,1	(2,1)	(0,5)
MG	13,5	13,1	13,5	(3,0)	-	886	914	3,2	12,0	12,0	12,3	-	2,5
ES	4,8	4,8	4,8	-	-	1.104	1.055	(4,4)	5,3	5,0	5,0	(5,7)	(5,7)
RJ	1,8	1,8	1,8	-	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	1,8	(5,3)	(5,3)
SUL	286,1	293,1	295,3	2,4	3,2	1.665	1.665	-	476,4	487,9	491,7	2,4	3,2
PR	200,6	206,0	206,1	2,7	2,7	1.703	1.679	(1,4)	341,6	345,8	346,0	1,2	1,3
SC	34,4	35,0	35,9	1,7	4,4	1.839	1.777	(3,4)	63,3	62,1	63,9	(1,9)	0,9
RS	51,1	52,1	53,3	2,0	4,3	1.399	1.535	9,7	71,5	80,0	81,8	11,9	14,4
NORTE/NORDESTE	15,0	15,0	15,0	-	-	502	624	24,3	7,5	9,4	9,4	25,3	25,3
CENTRO-SUL	308,7	315,3	317,9	2,1	3,0	1.620	1.620	-	500,1	510,9	515,0	2,2	3,0
BRASIL	323,7	330,3	332,9	2,0	2,8	1.568	1.575	0,5	507,6	520,3	524,4	2,5	3,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	39,2	38,9	38,9	(0,8)	(0,8)	930	808	(13,1)	36,4	31,5	31,5	(13,5)	(13,5)
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,3	3,1	3,1
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	6,1	6,1	6,1	-	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	3,4	(12,8)	(12,8)
TO	3,0	2,7	2,7	(10,0)	(10,0)	1.513	1.218	(19,5)	4,6	3,3	3,3	(28,3)	(28,3)
NORDESTE	418,6	412,0	417,4	(1,6)	(0,3)	684	638	(6,7)	286,2	262,5	266,8	(8,3)	(6,8)
CE	2,8	2,8	2,8	-	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
PB	25,7	25,7	25,7	-	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	10,3	(10,4)	(10,4)
PE	75,8	75,8	75,8	-	-	489	507	3,7	37,0	38,4	38,4	3,8	3,8
AL	29,8	29,8	29,8	-	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	12,6	(13,7)	(13,7)
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	269,3	262,7	268,1	(2,5)	(0,4)	774	722	(6,7)	208,3	189,4	193,7	(9,1)	(7,0)
CENTRO-OESTE	263,4	260,1	263,2	(1,3)	(0,1)	2.299	2.276	(1,0)	605,5	592,0	599,0	(2,2)	(1,1)
MT	86,5	85,1	86,5	(1,6)	-	2.173	2.147	(1,2)	188,0	182,8	185,7	(2,8)	(1,2)
MS	25,8	25,6	25,6	(0,8)	(0,8)	1.703	1.458	(14,4)	43,9	37,3	37,3	(15,0)	(15,0)
GO	136,8	135,1	136,8	(1,2)	-	2.507	2.515	0,3	343,0	339,8	343,9	(0,9)	0,3
DF	14,3	14,3	14,3	-	-	2.139	2.242	4,8	30,6	32,1	32,1	4,9	4,9
SUDESTE	434,0	401,7	417,8	(7,4)	(3,7)	1.806	1.788	(1,0)	783,9	717,3	747,8	(8,5)	(4,6)
MG	320,5	312,5	320,5	(2,5)	-	1.609	1.668	3,7	515,5	522,2	533,4	1,3	3,5
ES	5,9	5,9	5,9	-	-	1.102	1.057	(4,1)	6,5	6,3	6,3	(3,1)	(3,1)
SP	107,6	83,3	91,4	(22,6)	(15,1)	2.434	2.272	(6,7)	261,9	188,8	208,1	(27,9)	(20,5)
SUL	292,1	290,1	290,8	(0,7)	(0,4)	1.596	1.605	0,6	466,3	465,5	467,1	(0,2)	0,2
PR	246,9	244,8	244,8	(0,9)	(0,9)	1.494	1.516	1,5	368,8	371,1	371,1	0,6	0,6
SC	35,2	35,3	35,5	0,3	0,9	2.087	1.971	(5,5)	73,5	69,6	70,0	(5,3)	(4,8)
RS	10,0	10,0	10,5	-	5,0	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	26,0	3,3	8,3
NORTE/NORDESTE	457,8	450,9	456,3	(1,5)	(0,3)	705	653	(7,4)	322,6	294,0	298,3	(8,9)	(7,5)
CENTRO-SUL	989,5	951,9	971,8	(3,8)	(1,8)	1.875	1.865	(0,5)	1.855,7	1.774,8	1.813,9	(4,4)	(2,3)
BRASIL	1.447,3	1.402,8	1.428,1	(3,1)	(1,3)	1.505	1.477	(1,9)	2.178,3	2.068,8	2.112,2	(5,0)	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

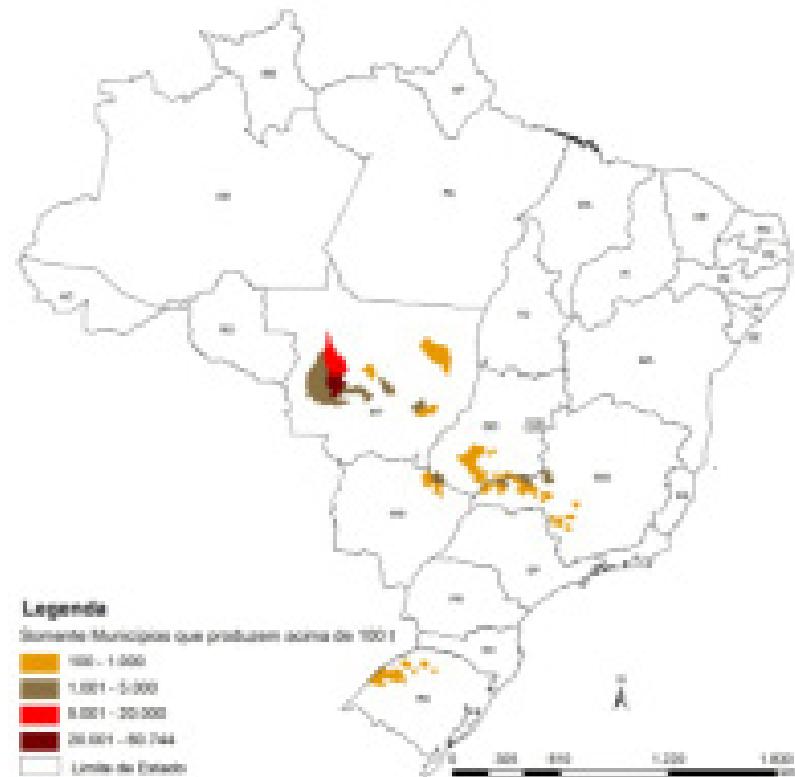
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	73,7	73,7	73,7	-	-	1.279	1.035	(19,0)	94,3	76,4	76,4	(19,0)	(19,0)
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	630	643	2,1	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	28,2	28,2	28,2	-	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	21,1	(13,5)	(13,5)
TO	41,1	41,1	41,1	-	-	1.630	1.274	(21,9)	67,0	52,4	52,4	(21,8)	(21,8)
NORDESTE	1.112,4	1.091,9	1.107,7	(1,8)	(0,4)	346	311	(10,3)	385,1	337,6	345,4	(12,3)	(10,3)
MA	87,8	87,9	87,9	0,1	0,1	646	519	(19,5)	56,6	45,6	45,6	(19,4)	(19,4)
PI	233,2	233,2	233,2	-	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	53,8	(23,5)	(23,5)
CE	404,2	404,2	404,2	-	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	109,9	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	63,2	63,2	63,2	-	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	14,8	(10,3)	(10,3)
PE	96,4	96,4	96,4	-	-	143	168	17,5	13,8	16,2	16,2	17,4	17,4
AL	10,3	10,3	10,3	-	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	5,4	(12,9)	(12,9)
BA	181,5	160,9	176,7	(11,3)	(2,6)	507	495	(2,4)	92,1	79,7	87,5	(13,5)	(5,0)
CENTRO-OESTE	209,0	206,6	209,0	(1,1)	-	1.083	1.105	2,0	226,5	228,2	231,1	0,8	2,0
MT	208,7	206,3	208,7	(1,1)	-	1.083	1.105	2,0	226,0	227,7	230,6	0,8	2,0
DF	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-
SUDESTE	14,2	13,4	14,2	(5,6)	-	522	562	7,6	7,4	7,5	8,0	1,4	8,1
MG	14,2	13,4	14,2	(5,6)	-	522	562	7,6	7,4	7,5	8,0	1,4	8,1
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.165,6	1.181,4	(1,7)	(0,4)	404	356	(11,9)	479,4	414,0	421,8	(13,6)	(12,0)
CENTRO-SUL	223,2	220,0	223,2	(1,4)	-	1.048	1.071	2,3	233,9	235,7	239,1	0,8	2,2
BRASIL	1.409,3	1.385,6	1.404,6	(1,7)	(0,3)	506	470	(7,2)	713,3	649,7	660,9	(8,9)	(7,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

11.1.5. GIRASSOL

Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	50,1	50,1	50,1	-	-	1.702	1.609	(5,4)	85,3	80,6	80,6	(5,5)	(5,5)
MT	31,8	31,8	31,8	-	-	1.670	1.617	(3,2)	53,1	51,4	51,4	(3,2)	(3,2)
MS	1,0	1,0	1,0	-	-	1.500	1.527	1,8	1,5	1,5	1,5	-	-
GO	16,6	16,6	16,6	-	-	1.750	1.579	(9,8)	29,1	26,2	26,2	(10,0)	(10,0)
DF	0,7	0,7	0,7	-	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
SUDESTE	9,3	9,3	9,3	-	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	12,3	(5,4)	(5,4)
MG	9,3	9,3	9,3	-	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	12,3	(5,4)	(5,4)
SUL	3,3	3,3	3,3	-	-	1.590	1.554	(2,3)	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)
RS	3,3	3,3	3,3	-	-	1.626	1.554	(4,4)	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)
CENTRO-SUL	62,7	62,7	62,7	-	-	1.653	1.564	(5,4)	103,7	98,0	98,0	(5,5)	(5,5)
BRASIL	62,7	62,7	62,7	-	-	1.653	1.564	(5,4)	103,7	98,0	98,0	(5,5)	(5,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

11.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18, de mamona, é de incremento de área plantada, que nessa primeira intenção vem apresentar um intervalo variando de 0,4 a 8,2%, comparado com o plantio da safra anterior, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 21,2 a 23,4 mil hectares. Podendo ocorrer variação entre 0,4% e 11% na área em relação à safra anterior, que foi de 21 mil hectares. De acordo com informações da região, há perspectiva de aumento na área a ser cultivada. Como demonstrado no mapa abaixo, o cultivo da mamona ocorre exclusivamente na mesorregião centro-norte, sendo cultivada pela agricultura familiar, com baixa mecanização agrícola. Sendo os cultivos conduzidos em regime de sequeiro, com o cultivo de plantas novas e o manejo de plantas remanescentes da safra anterior. O cultivo da mamona está em intenso declínio, conforme gráfico abaixo. Desde a safra 2004/05, quando foram cultivados 170 mil hectares, com rendimento médio de 1.000 kg/ha, a área

cultivada se reduz ano após ano, chegando ao patamar de 20 mil hectares nesta e na safra passada, com rendimento estimado de 500 kg/ha. Como ilustrado no gráfico, conforme a área cultivada e a produção são reduzidas, o valor pago ao produtor pela saca de mamona se eleva.

Em Minas Gerais, o cultivo dessa oleaginosa está concentrada na região Norte de Minas. Esta primeira estimativa aponta para redução de área superior a 50%, quando comparada à safra anterior. Ressalta-se que a redução pode ser ainda maior, com tendência de extinção de áreas cultivadas para fins comerciais nas próximas safras, uma vez que a maioria dos municípios que ainda produziam para indústria rícino-química estão deixando também essa atividade em razão do alto custo de produção, baixa produtividade e incerteza em relação à comercialização. A produtividade esperada é de 1.109 kg/ha, caso as condições climáticas sejam favoráveis.



Figura 15 – Mapa da produção agrícola - Mamona

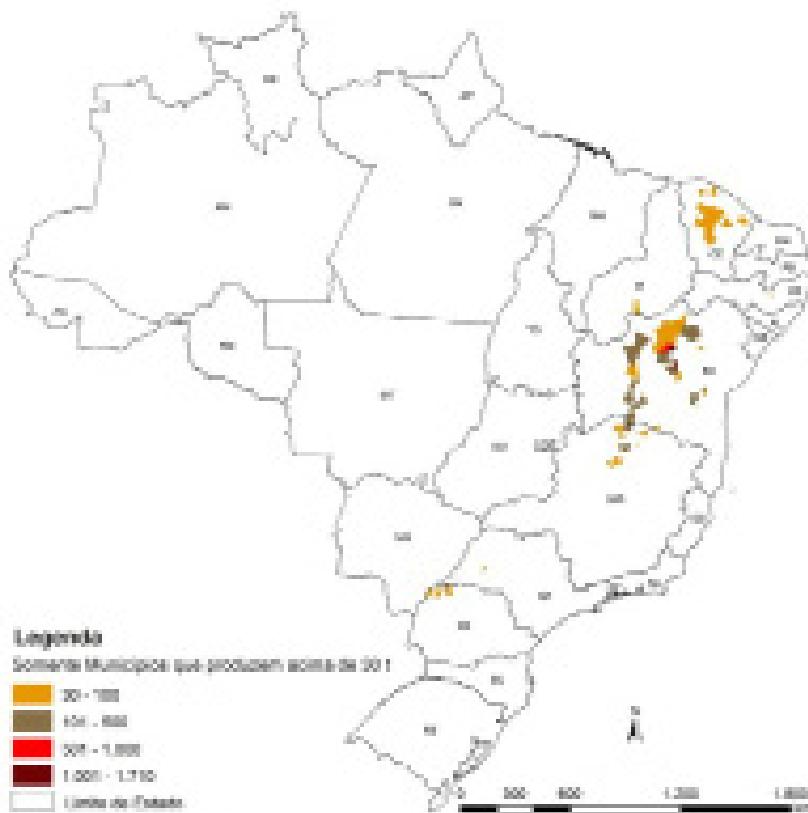


Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	26,2	26,3	28,5	0,4	8,8	444	448	1,0	11,6	11,8	12,9	1,7	11,2
PI	0,2	0,2	0,2	-	-	494	434	(12,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
CE	4,9	4,9	4,9	-	-	224	217	(3,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
BA	21,1	21,2	23,4	0,4	11,0	494	499	1,0	10,4	10,6	11,7	1,9	12,5
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	1,6	-	-	900	450	(50,0)	1,4	1,4	1,4	-	-
MT	1,6	1,6	1,6	-	-	900	900	-	1,4	1,4	1,4	-	-
SUDESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	443	398	(10,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,2	0,2	0,2	-	-	443	398	(10,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NORDESTE	26,2	26,3	28,5	0,4	8,8	444	448	1,0	11,6	11,8	12,9	1,7	11,2
CENTRO-SUL	1,8	1,8	1,8	-	-	849	844	(0,6)	1,5	1,5	1,5	-	-
BRASIL	28,0	28,1	30,3	0,4	8,2	470	473	0,6	13,1	13,3	14,4	1,5	9,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.7. MILHO

11.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A cultura segue a tendência observada nos últimos anos, de pouca representatividade da área plantada no período de verão, já que combina os baixos estímulos dos preços por ocasião do plantio e a concorrência com soja, que apresenta recordes de plantio a cada ano.

Na Região Norte-Nordeste, a expectativa deverá ser de recuo no plantio dos principais estados. Em Tocantins, a expectativa é de queda da área plantada, principalmente entre os produtores mais tecnificados, em decorrência dos preços recebidos pelo produtor e da menor liquidez na comercialização, cenário oposto ao da safra de soja, favorecendo a substituição da cultura pelo cultivo da oleaginosa. Já para os agricultores familiares a expectativa é de que ocorra a manutenção da área. No Maranhão, as áreas cultivadas de milho vêm apresentando sucessivos aumentos, fortemente influenciadas pelas frustrações ocorridas nas safras anteriores em razão de condições climáticas extremamente adversas. O atual comportamento de mercado, seguido de altas no preço e previsões climáticas favoráveis para as safras atuais, explicam a disposição dos produtores. O presente levantamento evidenciou a tendência de crescimento da cultura, estimando um incremento variando de 5 a 8% da área plantada, passando de 292,8 mil hectares para o intervalo de 307,4 a 316,2 mil hectares.

No Piauí, estima-se uma redução de área em relação à safra passada devido, principalmente, às expectativas de mercado e a um estoque relativamente elevado nas mãos dos produtores. Na Bahia, estima-se que sejam cultivados entre 350,1 e 368,4 mil hectares desse cereal, com variações em relação à safra passada, entre -8,3% e -3,5% na área. Esta redução se deve à instabilidade das cotações desse produto no mercado, perdendo espaço para as lavouras de soja e algodão.

Na Região Centro-Oeste está previsto uma redução do plantio, onde a área cultivada deverá apresentar-se entre -15,5% e -9,2% em relação à safra passada. Em Mato Grosso, o milho será semeado a partir de novembro. Os baixos preços do cereal, no mercado disponível, reflexo da oferta excessiva do milho de segunda safra, tende a desestimular o cultivo da cultura na temporada 2017/18.

Em Mato Grosso do Sul há uma forte tendência de redução no plantio de milho verão, com estimativa de área plantada variando de -48 e -40% em comparação com a safra anterior. Essa redução ocorre pela dificuldade dos produtores em fechar o custo de pro-

dução, dado ao baixo preço no mercado disponível em comparação com os preços de sementes, por exemplo. Parte das áreas destinadas à cultura do milho na safra anterior será utilizada para o plantio de soja ou silagem. A cultura normalmente é plantada com o intuito de consumo próprio nas propriedades ou para a venda em granjas e confinamentos dentro do estado e para o interior de São Paulo.

Em Goiás, em virtude do atraso no plantio da soja em razão de questões climáticas os produtores ainda não definiram as áreas de plantio do milho verão. O foco dos produtores é acelerar o plantio da soja, que ocorre neste momento. Para o início do plantio, os produtores aguardam pela estabilização do período chuvoso em grande parte dos municípios de Goiás. Observa-se uma tendência de redução de área de verão, os produtores ainda apostam no milho de segunda safra mesmo com o calendário e janela de plantio reduzido para essa próxima safra. No Distrito Federal, a área estimada com milho da primeira safra, cujo plantio se concentra nesta primeira quinzena de novembro, está variando entre 27.500 e 28.300 hectares, levemente inferior à semeada na temporada passada. Ressalte-se que o plantio está levemente atrasado em comparação à safra passada, ocasionado pela irregularidade das chuvas.

Na Região Sudeste, a cultura deverá experimentar redução na área plantada, variando de -13,2% a -8,8% em relação ao plantio anterior. Em São Paulo, os produtores migraram para a cultura da soja em praticamente todos os roteiros do estado. De acordo com as cooperativas, as vendas de sementes e insumos foram inferiores às verificadas na safra passada, justificadas pelos elevados estoques existentes. Quanto ao plantio, já se observa algumas áreas sendo ocupadas, mas com um ritmo lento em razão da forte estiagem dos últimos dias. Em Minas Gerais, o levantamento realizado aponta para uma forte redução na área, de -16 a -11% em comparação à safra 2016/17 devido aos baixos preços praticados pelo mercado e substituição por culturas mais rentáveis, como a soja. O atraso das chuvas também contribui para tal redução, visto que finaliza outubro e quase não houve plantio.

De modo geral, a redução de área é observada em todas as regiões do estado: no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Noroeste, parte do Centro-Oeste e Sul, as perdas ocorreram em favor da ampliação da área de soja. A mudança também se impõe devido à necessidade de rotação de culturas e à possibilidade de incremento de renda no ano-safra, vislumbrando, onde for



possível, a perspectiva de implantação da safrinha de milho em sequência à colheita da soja precoce. Outro fator que influenciou a redução de área foi o receio de novas infestações por cigarrinha, que acarretou perdas significativas na safra anterior. Na Zona da Mata, o milho grão tem sido substituído para silagem e silvicultura, considerando o crescimento da pecuária leiteira e as condições geográficas, que muitas vezes inviabiliza o uso de tecnologias mais avançadas para culturas anuais. Na região Leste de Minas também houve migração das áreas de plantio de milho em grão para a produção de milho destinado a silagem. No Norte os pequenos produtores tendem a manter a área plantada, já os grandes devem dar prioridade ao plantio da soja, da mesma forma que ocorre nos municípios da região vizinha, Noroeste de Minas. Cogita-se ainda a redução de produtividade na atual safra em relação à safra 2016/17 devido a fatores climáticos, à possíveis infestações de cigarrinha, além de reduções de investimentos em algumas áreas do estado.

Na Região Sul, a cultura também deve ter uma redução importante na área plantada entre -21,9 e -15,9%. Em Santa Catarina, aproximadamente 81% da área prevista para essa safra se encontra semeada, com destaque para a região oeste. Ao contrário da safra

anterior, grande parte do plantio ocorreu em outubro, quando as condições climáticas permitiram a entrada das máquinas nas lavouras, prejudicado em grande parte do mês anterior, devido à falta de chuvas em praticamente todas as regiões, principalmente no planalto norte e meio-oeste. As áreas semeadas mais cedo já começam a entrar na fase de floração, e o restante se encontra nas fases de desenvolvimento vegetativo (75%) e germinação/emergência (24%).

De acordo com as informações coletadas, a área deve apresentar redução em relação à safra passada em valores ainda a serem confirmados, resultado dos altos custos de implantação das lavouras, baixos preços e maior risco de cultivo em relação a outras espécies, principalmente à soja e feijão, os quais devem tomar parte da área do cereal. Ainda, foi observada maior intenção no cultivo de milho para silagem em detrimento do grão para servir de alimento ao gado leiteiro, principalmente. Os recursos financeiros necessários para custear o plantio estão sendo buscados junto às instituições financeiras públicas e privadas. No intuito de tentar reduzir parte do custo de produção, os produtores vêm optando por utilizar sementes mais baratas, mas devem manter a carga de insumos, principalmente fertilizantes.

Figura 16 – Lavoura de milho em SC



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul, a lavoura de milho já foi semeada em metade norte do estado, fronteira leste e central, restando apenas a região sul que ainda não atingiu 20% da área prevista. As lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo e, nos próximos dias, as mais precoces plantadas no noroeste do estado deverão entrar em floração. As condições de desenvolvimento, de maneira geral, são boas, embora tenham sido verificadas algumas perdas pelas tem-

pestades que causaram tombamento de plantas em algumas lavouras. Estima-se uma redução média de 10% na área cultivada em relação à safra passada. Os problemas verificados na região das Missões no início do estabelecimento da cultura, com severos ataques de lagarta-do-cartucho, já foram superados com a aplicação de inseticidas, embora algumas lavouras tenham apresentado danos irreversíveis. Muitas áreas com irrigação por pivô central que na safra passada



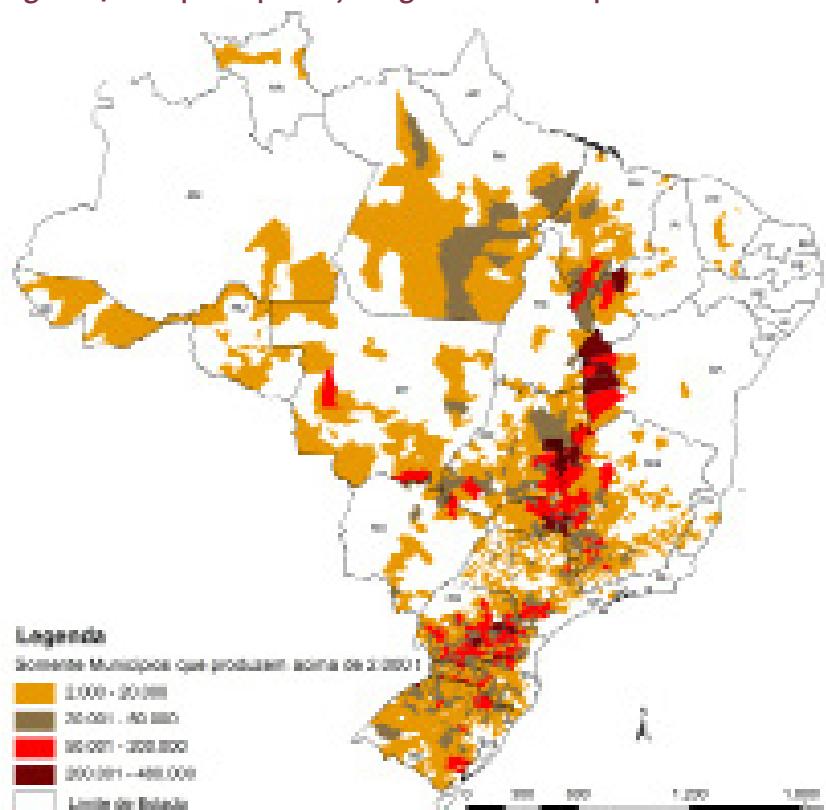
foram cultivadas com milho, nesta temporada serão destinadas a outras culturas, especialmente à soja, e isso provavelmente ocasionará uma leve redução na produtividade média dessas regiões.

No Paraná, o plantio caminha para a finalização e a maior parte das lavouras já semeadas são classificadas como boas, em que pese as adversidades climáticas ocorridas em setembro. A área de cultivo sofre redução de 33,3% frente à da safra anterior, motivada pelos baixos preços do cereal. A perda de área se dá, principalmente, para soja e feijão. As lavouras estão em sua totalidade em germinação ou em desenvol-

vimento vegetativo. A queda na área plantada tem dado suporte às cotações atuais do cereal. A área total de milho primeira safra, hoje estimada em 338,6 mil hectares, é a menor dos últimos anos, podendo sofrer alterações devido ao atraso na implantação da cultura, que pode redundar em alguma conversão de área para a soja.

Dessa forma, a estimativa nacional para a intenção de plantio do milho primeira safra, na temporada 2017/18, deverá apresentar redução em relação ao ocorrido na safra passada, podendo variar entre -11,5% e -7,5% em relação à safra 2016/17.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 7- Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Maranhense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PI	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Piauiense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Noroeste Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
CE	Sertões Cearenses					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Jaguaribe					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
RN	Oeste Potiguar					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Agreste Potiguar						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Sertão Paraibano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Agreste Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Goiano	P/P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Leste Goiano	P/P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano	P/P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
DF	Distrito Federal	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C								
	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
SP	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Bauru	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campinas	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	311,8	306,8	311,8	(1,6)	-	3.194	3.196	0,1	996,0	976,9	1.000,3	(1,9)	0,4
RO	40,2	40,2	40,2	-	-	2.661	2.535	(4,7)	107,0	101,9	101,9	(4,8)	(4,8)
AC	34,9	34,9	34,9	-	-	2.350	2.387	1,6	82,0	83,3	83,3	1,6	1,6
AM	12,2	12,2	12,2	-	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	31,3	1,6	1,6
AP	1,7	1,7	1,7	-	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	176,9	176,9	176,9	-	-	3.142	3.205	2,0	555,8	567,0	567,0	2,0	2,0
TO	45,9	40,9	45,9	(11,0)	-	4.766	4.689	(1,6)	218,8	191,8	215,2	(12,3)	(1,6)
NORDESTE	1.806,6	1.781,1	1.816,6	(1,4)	0,6	2.469	2.317	(6,2)	4.460,8	4.102,6	4.233,6	(8,0)	(5,1)
MA	292,8	307,4	316,2	5,0	8,0	4.240	4.240	-	1.241,5	1.303,4	1.340,7	5,0	8,0
PI	418,2	409,8	418,2	(2,0)	-	3.037	2.354	(22,5)	1.270,1	964,7	984,4	(24,0)	(22,5)
CE	514,0	514,0	514,0	-	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	342,3	(18,3)	(18,3)
RN	29,2	29,2	29,2	-	-	348	453	30,2	10,2	13,2	13,2	29,4	29,4
PB	86,5	86,5	86,5	-	-	446	463	3,8	38,6	40,0	40,0	3,6	3,6
PE	84,1	84,1	84,1	-	-	74	268	262,2	6,2	22,5	22,5	262,9	262,9
BA	381,8	350,1	368,4	(8,3)	(3,5)	3.864	4.046	4,7	1.475,3	1.416,5	1.490,5	(4,0)	1,0
CENTRO-OESTE	350,0	295,9	317,7	(15,5)	(9,2)	8.060	7.792	(3,3)	2.821,0	2.306,1	2.474,9	(18,3)	(12,3)
MT	33,4	25,0	33,4	(25,2)	-	7.676	7.370	(4,0)	256,4	184,3	246,2	(28,1)	(4,0)
MS	28,0	14,6	16,8	(48,0)	(40,0)	9.340	9.095	(2,6)	261,5	132,8	152,8	(49,2)	(41,6)
GO	260,0	228,8	239,2	(12,0)	(8,0)	8.000	7.734	(3,3)	2.080,0	1.769,5	1.850,0	(14,9)	(11,1)
DF	28,6	27,5	28,3	(4,0)	(1,0)	7.800	7.982	2,3	223,1	219,5	225,9	(1,6)	1,3
SUDESTE	1.301,2	1.129,4	1.186,2	(13,2)	(8,8)	6.295	6.104	(3,0)	8.191,5	6.892,3	7.243,0	(15,9)	(11,6)
MG	909,4	763,9	809,4	(16,0)	(11,0)	6.374	6.211	(2,6)	5.796,5	4.744,6	5.027,2	(18,1)	(13,3)
ES	13,2	13,2	13,2	-	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	35,1	(6,1)	(6,1)
RJ	2,7	2,7	2,7	-	-	2.332	2.438	4,5	6,3	6,6	6,6	4,8	4,8
SP	375,9	349,6	360,9	(7,0)	(4,0)	6.255	6.024	(3,7)	2.351,3	2.106,0	2.174,1	(10,4)	(7,5)
SUL	1.712,9	1.337,7	1.440,6	(21,9)	(15,9)	8.169	7.599	(7,0)	13.992,7	10.182,7	10.930,7	(27,2)	(21,9)
PR	507,7	338,6	338,6	(33,3)	(33,3)	9.243	8.614	(6,8)	4.692,7	2.916,7	2.916,7	(37,8)	(37,8)
SC	400,3	326,2	358,3	(18,5)	(10,5)	8.152	7.414	(9,1)	3.263,2	2.418,4	2.656,4	(25,9)	(18,6)
RS	804,9	672,9	743,7	(16,4)	(7,6)	7.500	7.204	(3,9)	6.036,8	4.847,6	5.357,6	(19,7)	(11,3)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.087,9	2.128,4	(1,4)	0,5	2.576	2.446	(5,0)	5.456,8	5.079,5	5.233,9	(6,9)	(4,1)
CENTRO-SUL	3.364,1	2.763,0	2.944,5	(17,9)	(12,5)	7.433	7.013	(5,6)	25.005,2	19.381,1	20.648,6	(22,5)	(17,4)
BRASIL	5.482,5	4.850,9	5.072,9	(11,5)	(7,5)	5.556	5.073	(8,7)	30.462,0	24.460,6	25.882,5	(19,7)	(15,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

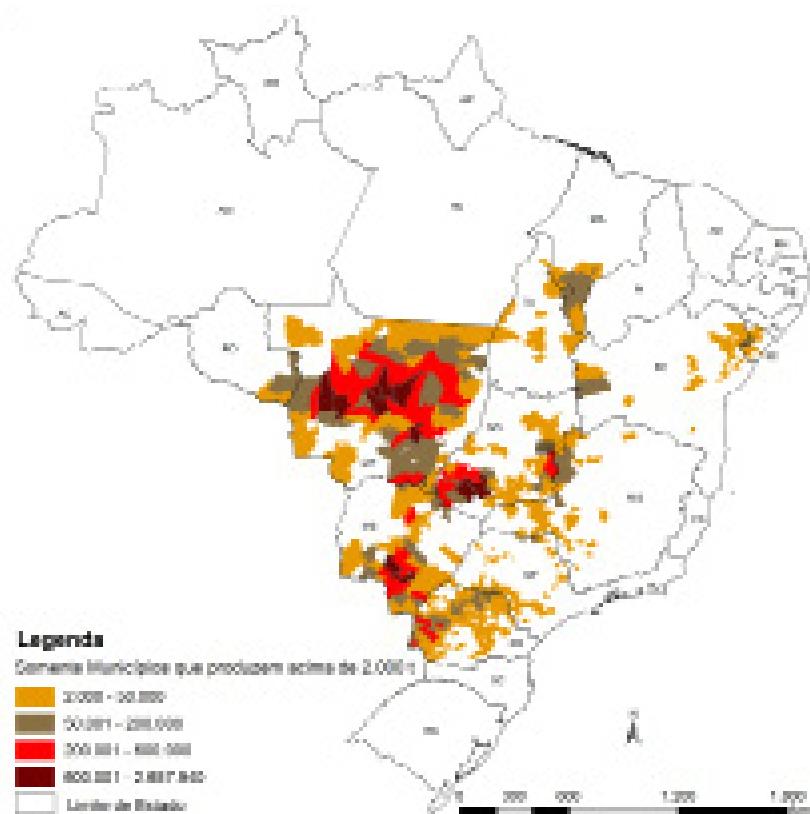


Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	401,2	401,2	401,2	-	-	4.253	4.225	(0,6)	1.706,1	1.695,1	1.695,1	(0,6)	(0,6)
RR	7,6	7,6	7,6	-	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	36,9	(19,1)	(19,1)
RO	156,9	156,9	156,9	-	-	4.385	4.584	4,5	688,0	719,2	719,2	4,5	4,5
PA	81,4	81,4	81,4	-	-	3.549	3.600	1,4	288,9	293,0	293,0	1,4	1,4
TO	155,3	155,3	155,3	-	-	4.402	4.160	(5,5)	683,6	646,0	646,0	(5,5)	(5,5)
NORDESTE	796,3	796,3	796,3	-	-	2.756	2.661	(3,5)	2.194,9	2.118,8	2.118,8	(3,5)	(3,5)
MA	198,9	198,9	198,9	-	-	3.572	3.300	(7,6)	710,5	656,4	656,4	(7,6)	(7,6)
PI	49,2	49,2	49,2	-	-	2.363	4.409	86,6	116,3	216,9	216,9	86,5	86,5
PE	73,9	73,9	73,9	-	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	44,3	(8,3)	(8,3)
AL	37,2	37,2	37,2	-	-	674	705	4,6	25,1	26,2	26,2	4,4	4,4
SE	172,0	172,0	172,0	-	-	4.571	3.467	(24,2)	786,2	596,3	596,3	(24,2)	(24,2)
BA	265,1	265,1	265,1	-	-	1.918	2.183	13,8	508,5	578,7	578,7	13,8	13,8
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.664,7	7.664,7	-	-	6.008	5.947	(1,0)	46.052,7	45.583,2	45.583,2	(1,0)	(1,0)
MT	4.605,7	4.605,7	4.605,7	-	-	6.212	6.048	(2,6)	28.610,6	27.855,3	27.855,3	(2,6)	(2,6)
MS	1.759,9	1.759,9	1.759,9	-	-	5.460	5.468	0,1	9.609,1	9.623,1	9.623,1	0,1	0,1
GO	1.260,7	1.260,7	1.260,7	-	-	6.000	6.167	2,8	7.564,2	7.774,7	7.774,7	2,8	2,8
DF	38,4	38,4	38,4	-	-	7.000	8.594	22,8	268,8	330,0	330,0	22,8	22,8
SUDESTE	837,7	837,7	837,7	-	-	5.081	5.364	5,6	4.256,3	4.493,6	4.493,6	5,6	5,6
MG	357,6	357,6	357,6	-	-	4.822	5.751	19,3	1.724,3	2.056,6	2.056,6	19,3	19,3
SP	480,1	480,1	480,1	-	-	5.274	5.076	(3,8)	2.532,0	2.437,0	2.437,0	(3,8)	(3,8)
SUL	2.409,3	2.409,3	2.409,3	-	-	5.456	5.512	1,0	13.145,1	13.280,1	13.280,1	1,0	1,0
PR	2.409,3	2.409,3	2.409,3	-	-	5.456	5.512	1,0	13.145,1	13.280,1	13.280,1	1,0	1,0
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.197,5	1.197,5	-	-	3.258	3.185	(2,2)	3.901,0	3.814,1	3.814,1	(2,2)	(2,2)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.911,7	10.911,7	-	-	5.815	5.806	(0,2)	63.454,1	63.356,8	63.356,8	(0,2)	(0,2)
BRASIL	12.109,2	12.109,2	12.109,2	-	-	5.562	5.547	(0,3)	67.355,1	67.170,9	67.170,9	(0,3)	(0,3)

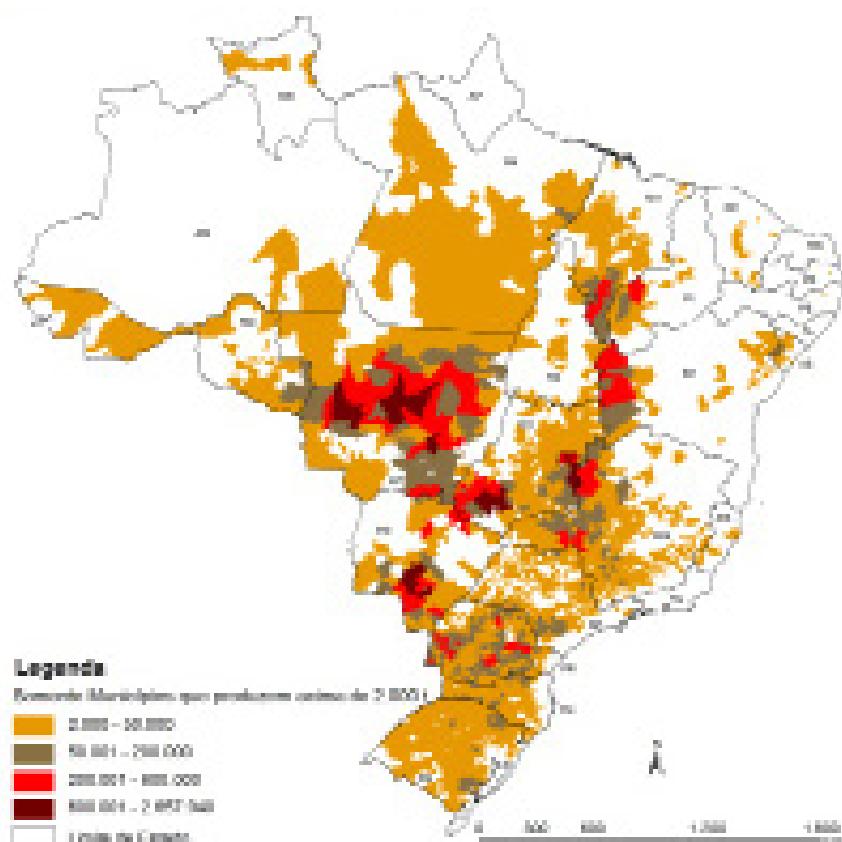
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17		Safra 17/18		VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	713,0	708,0	713,0	(0,7)	-	3.790	3.777	(0,3)	2.702,1	2.672,0	2.695,5	(1,1)	(0,2)
RR	7,6	7,6	7,6	-	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	36,9	(19,1)	(19,1)
RO	197,1	197,1	197,1	-	-	4.033	4.166	3,3	795,0	821,1	821,1	3,3	3,3
AC	34,9	34,9	34,9	-	-	2.350	2.387	1,6	82,0	83,3	83,3	1,6	1,6
AM	12,2	12,2	12,2	-	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	31,3	1,6	1,6
AP	1,7	1,7	1,7	-	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	258,3	258,3	258,3	-	-	3.270	3.329	1,8	844,7	860,0	860,0	1,8	1,8
TO	201,2	196,2	201,2	(2,5)	-	4.485	4.276	(4,7)	902,4	837,8	861,3	(7,2)	(4,6)
NORDESTE	2.602,9	2.577,4	2.612,9	(1,0)	0,4	2.557	2.423	(5,3)	6.655,5	6.221,4	6.352,7	(6,5)	(4,5)
MA	491,7	506,3	515,1	3,0	4,8	3.970	3.874	(2,4)	1.951,9	1.959,7	1.997,1	0,4	2,3
PI	467,4	459,0	467,4	(1,8)	-	2.966	2.572	(13,3)	1.386,3	1.181,6	1.201,4	(14,8)	(13,3)
CE	514,0	514,0	514,0	-	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	342,3	(18,3)	(18,3)
RN	29,2	29,2	29,2	-	-	348	453	30,2	10,2	13,2	13,2	29,4	29,4
PB	86,5	86,5	86,5	-	-	446	463	3,8	38,6	40,0	40,0	3,6	3,6
PE	158,0	158,0	158,0	-	-	345	423	22,6	54,6	66,9	66,9	22,5	22,5
AL	37,2	37,2	37,2	-	-	674	705	4,6	25,1	26,2	26,2	4,4	4,4
SE	172,0	172,0	172,0	-	-	4.571	3.467	(24,2)	786,2	596,3	596,3	(24,2)	(24,2)
BA	646,9	615,2	633,5	(4,9)	(2,1)	3.067	3.255	6,1	1.983,7	1.995,2	2.069,3	0,6	4,3
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.960,6	7.982,4	(0,7)	(0,4)	6.098	6.018	(1,3)	48.873,7	47.889,2	48.057,9	(2,0)	(1,7)
MT	4.639,1	4.630,7	4.639,1	(0,2)	-	6.223	6.056	(2,7)	28.867,0	28.039,5	28.101,4	(2,9)	(2,7)
MS	1.787,9	1.774,5	1.776,7	(0,7)	(0,6)	5.521	5.500	(0,4)	9.870,6	9.755,9	9.775,9	(1,2)	(1,0)
GO	1.520,7	1.489,5	1.499,9	(2,1)	(1,4)	6.342	6.412	1,1	9.644,2	9.544,3	9.624,7	(1,0)	(0,2)
DF	67,0	65,9	66,7	(1,6)	(0,4)	7.341	8.336	13,6	491,9	549,5	555,9	11,7	13,0
SUDESTE	2.138,9	1.967,1	2.023,9	(8,0)	(5,4)	5.820	5.794	(0,4)	12.447,9	11.385,8	11.736,4	(8,5)	(5,7)
MG	1.267,0	1.121,5	1.167,0	(11,5)	(7,9)	5.936	6.067	2,2	7.520,9	6.801,1	7.083,7	(9,6)	(5,8)
ES	13,2	13,2	13,2	-	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	35,1	(6,1)	(6,1)
RJ	2,7	2,7	2,7	-	-	2.332	2.438	4,5	6,3	6,6	6,6	4,8	4,8
SP	856,0	829,7	841,0	(3,1)	(1,8)	5.705	5.479	(4,0)	4.883,3	4.543,0	4.611,0	(7,0)	(5,6)
SUL	4.122,2	3.747,0	3.849,9	(9,1)	(6,6)	6.583	6.275	(4,7)	27.137,8	23.462,8	24.210,8	(13,5)	(10,8)
PR	2.917,0	2.747,9	2.747,9	(5,8)	(5,8)	6.115	5.894	(3,6)	17.837,8	16.196,8	16.196,8	(9,2)	(9,2)
SC	400,3	326,2	358,3	(18,5)	(10,5)	8.152	7.414	(9,1)	3.263,2	2.418,4	2.656,4	(25,9)	(18,6)
RS	804,9	672,9	743,7	(16,4)	(7,6)	7.500	7.204	(3,9)	6.036,8	4.847,6	5.357,6	(19,7)	(11,3)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.285,4	3.325,9	(0,9)	0,3	2.822	2.714	(3,8)	9.357,6	8.893,4	9.048,2	(5,0)	(3,3)
CENTRO-SUL	14.275,8	13.674,7	13.856,2	(4,2)	(2,9)	6.196	6.057	(2,3)	88.459,4	82.737,8	84.005,1	(6,5)	(5,0)
BRASIL	17.591,7	16.960,1	17.182,1	(3,6)	(2,3)	5.560	5.409	(2,7)	97.817,0	91.631,2	93.053,3	(6,3)	(4,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

11.1.8. Soja

A área plantada de soja, na safra 2017/18, deverá apresentar um continuado crescimento, apresentando nesse levantamento, intervalo variando de 2,1 a 4,2%, comparado com o plantio da safra anterior. A despeito

das expectativas de uma excelente safra norte-americana, as vantagens derivadas da comercialização da oleaginosa estimulam os produtores a apostarem em incrementos na produção.

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio da safra 2017/18 deverá ocorrer a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso. A safra recentemente colhida foi obtida dentro de um quadro climático bastante melhorado, quando comparada com o observado nas últimas três safras, e esse desempenho tem servido de estímulo ao pro-

dutor local, que pretende ampliar sua área plantada. Nessa perspectiva, o incremento percentual previsto para o aumento da área plantada regional deverá ser o maior do país, variando de 4,3 a 8,2% em relação aos 4.904,8 mil hectares plantados na safra passada.



Na Bahia, principal produtor regional, estima-se que a área de cultivo irá variar entre 1.641,9 e 1.724,1 mil hectares, com um incremento variando de 3,9% a 9,1% em relação à área cultivada na safra anterior. Essa estimativa de crescimento se deve aos bons resultados da safra passada. Espera-se o início dos cultivos a partir de outubro, em sintonia com o Programa Nacional de Controle da Ferrugem Asiática da Soja, que estabelece o calendário de plantio para o oeste da Bahia, entre 8 de outubro de 2017 a 15 de janeiro de 2018. Para essa safra, o vazio sanitário foi definido entre 1º de julho e 7 de outubro deste ano.

Em Tocantins, a expectativa entre os produtores é recuperar a seqüência de crescimento da área, ocorrida nos últimos cinco anos. Caso as condições climáticas sejam favoráveis, a estimativa é que nessa safra a área cresça, alcançando um patamar de 5% em relação à safra 2016/17. Pela existência de terras baratas e por apresentarem bom potencial produtivo, o estado atrai produtores e investidores no setor agrícola de várias partes do país, aumentando a abertura de áreas para cultivo. Aliado a esses, os produtores já instalados também têm a tradição de incremento de área a cada ano.

No Maranhão, a cultura apresenta tendência de au-

REGIÃO CENTRO-OESTE

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, é esperada apresentar um incremento no plantio, variando de 1 a 3,1% em relação ao exercício anterior, impulsionado pelo que ocorre em Mato Grosso, o maior produtor nacional da oleaginosa. Em relação à área dedicada à soja no estado, a atual estimativa aponta aumento entre 1% e 3%, através da incorporação de novas áreas de abertura, além da ocupação de espaços destinados a outras culturas de primeira safra e pastagens. Com chuvas irregulares, o plantio da safra 2017/18 de soja tem ocorrido com relativo atraso em todo o estado. Estima-se que 45% da área tenha sido semeado até o final de outubro. Os trabalhos de campo têm acompanhado o ritmo das chuvas, que estão abaixo do normal para esta época do ano. A situa-

mento na área plantada, variando de 14,5 a 16% em relação à safra passada. A ausência de chuvas, que normalmente ocorrem na segunda quinzena de outubro, tem sido o fator limitante para o plantio e o estabelecimento das lavouras de soja na região sul, alterando-se também o calendário agrícola do cultivo do milho segunda safra, uma vez que diminui significativamente a janela de plantio, ou seja, o intervalo para que seja realizado com segurança a colheita da soja e a semeadura do milho safrinha. Por outro, há um relativo otimismo dos produtores para a presente safra devido às previsões climatológicas favoráveis ao estabelecimento da cultura, bem como o preço relativamente atrativo do produto no mercado.

No Pará, estima-se que a área de cultivo irá variar no intervalo de 525,1 e 550,1 mil hectares, com um incremento de 5% a 10% em relação à área cultivada na safra anterior. O setor agrícola está preocupado com a instabilidade dos preços internacionais do produto. No entanto, acredita-se que a área a ser plantada, na safra 2017/18, tende a ser superior à safra passada, acompanhando um movimento de expansão gradual no estado.

ção é mais crítica na região do Araguaia e Alto Xingu, que registram menos de 5% da área cultivada, com risco de replantio, caso a precipitação pluviométrica continue escassa. Nas regiões médio-norte e oeste, o plantio está mais avançado, com cerca de 60% da área semeada. A lentidão no cultivo da soja pode afetar o espaço destinado ao milho segunda safra devido ao estreitamento da janela ideal de plantio do cereal.

A comercialização futura da safra 2017/18 da oleaginosa está em torno dos 35%, os preços reagiram nas últimas semanas, mas as vendas continuam pontuais, com o produtor rural aguardando melhores preços. Assim, o volume de negociações é considerado baixo para esta época do ano.



Figura 20 – Lavoura de soja irrigada por pivô em Primavera do Leste - MT



Fonte: Conab.

Figura 21 – Lavoura de soja em Sorriso - MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura apresenta tendência de aumento na área plantada, variando de 1,5 a 4% em relação à safra passada, que atingiu 2.522,3 mil hectares. Os preços baixos aliado ao grande volume de produto ainda por comercializar da safra anterior, estimado em 2 milhões de toneladas, têm desestimulado os produtores. Os bancos privados estão atuando bastante na carteira agrícola no estado devido ao grande volume de produção de grãos. Nesse sentido, os produtores têm uma gama de opções de financiamento com o crédito oficial (bancos públicos e cooperativas de crédito) e o crédito privado (bancos privados, tradings, exportadoras, fabricantes e revendas de insumos e cooperativas). A aquisição de insumos

diretamente dos fabricantes e de seus representantes, tem aumentado no estado, porque é uma opção para aquele produtor que não conseguiu acessar o crédito oficial ou opta em travar o preço de venda. Embora seja uma prática com juros mais caros, aumentando o custo de produção, além do risco para o produtor, o qual tem que garantir uma alta produtividade para não sofrer prejuízos e conseguir cumprir os contratos, essa tem sido uma opção muito utilizada de financiamento.

A tendência para a cultura é de um alto estoque de passagem decorrente dos preços baixos e redução da comercialização do grão. Ainda assim, não haverá re-



dução da área de plantio com a cultura, pois é a principal fonte de renda para os produtores de grãos do estado. O aumento de área se deve à substituição do plantio de milho pela leguminosa, além da abertura de novas áreas, apesar dos custos elevados da operação. Atualmente, aproximadamente 20% da safra atual foi comercializada antecipadamente. Os contratos futuros são poucos, pois os produtores aguardam por melhores preços.

Em Goiás, os produtores aceleraram o plantio, compen-

sando o baixo regime de chuvas ocorrido em outubro. Mesmo com o fim do vazio sanitário no final de setembro, os produtores ficaram impossibilitados de plantarem suas áreas. Aqueles que arriscaram o plantio mesmo com baixa umidade no solo estão com os estandes das plantas prejudicadas, ou seja, com baixo desenvolvimento da planta e falhas na emergência. Os replantios deverão ocorrer de forma pontual em algumas áreas. Mesmo com o atraso das chuvas, os produtores estão bem preparados para terminarem o plantio até a primeira semana de novembro na região sul, principal região produtora.

Figura 22 – Área de soja em Mineiros - GO



Fonte: Conab.

Figura 23 – Área de Soja em Jataí - GO



Fonte: Conab.



REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar forte oscilação, estando previsto para o exercício 2017/18 incremento variando entre 2,5 e 6,5%. Em Minas Gerais, o presente levantamento, embora ainda preliminar, sinaliza crescimento na área entre 1.470,7 mil e 1.536,2 mil hectares. Estima-se um crescimento na área de soja, que avança sobre a do milho, visto os bons resultados alcançados na safra 2016/17, as expectativas de mercado e a melhor competitividade e liquidez com relação ao milho, cujos preços atuais estão aquém das expectativas dos produtores.

Espera-se ainda ganhos na produtividade de 7,8% na presente safra em relação à safra anterior, visto que o nível tecnológico que tem aumentado constantemente, com a melhora de adubação, uso de micronutrientes, opção por sementes de melhor qualidade e potencial produtivo, com uso predominante de varie-

dades transgênicas, salvo a necessidade/interesse de atendimento de contratos de compra de soja convencional a preços diferenciados. Para efeitos de projeção, ainda se considera uma produtividade média de 3.208 kg/ha em face das incertezas decorrentes das condições climáticas ao longo da safra.

Em São Paulo, as maiores áreas produtoras estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste, onde a cultura da cana-de-açúcar não encontra condições propícias para o seu desenvolvimento, contrário daquelas regiões mais ao norte/nordeste do estado, onde a produção de grãos dá espaço à cana-de-açúcar. A leguminosa deverá ter novo aumento de área, variando de 5 a 8%, devendo ocorrer em grande parte sobre áreas de milho verão, tendo em vista a existência de grandes estoques de milho de passagem, da safra anterior para esta. As lavouras de soja, em sua maioria, encontram-se em fase de germinação.

REGIÃO SUL

É esperada um incremento percentual na área plantada, de 2,5 a 3,6% em relação ao observado no exercício anterior. A região deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.459,6 mil para o intervalo de 11.742,4 a 11.869,8 mil hectares. No Rio Grande do Sul, que reveza com o Paraná a condição de segundo produtor nacional, a tendência junto aos produtores é de aumento de área, atingindo o intervalo de 1% a 3% em relação à safra passada principalmente em virtude da migração de áreas de milho para soja. Foi iniciado o processo de semeadura, com as condições das lavouras adequadas até o momento. Cerca de 10% da área na região noroeste foi semeada, a mais adiantada, havendo perspectiva de bons rendimentos, considerando os prognósticos climáticos favoráveis à cultura.

Em Santa Catarina, aproximadamente 28% da lavoura de soja se encontra semeada, devendo este índice alcançar 35% até final de outubro. De certa forma, a semeadura se encontra atrasada em algumas regiões devido à falta de chuvas nos últimos meses. A estiagem em setembro frustrou as expectativas de iniciar o cultivo mais cedo. Ainda, chuvas ocorridas no final de outubro interromperam o avanço do plantio em algumas regiões, principalmente no oeste, planalto norte e partes do meio-oeste. Aliado a isso, a deter-

minação de regras para a época de plantio e vazio sanitário interferiram em setembro, obrigando o produtor a aguardar o período determinado. As lavouras implantadas até o momento se encontram em boas condições, uma vez que as chuvas ocorridas logo após a semeadura favoreceram a germinação. O nível tecnológico deve ser semelhante ao usado na safra anterior, principalmente em relação aos fertilizantes e defensivos, além de sementes modificadas geneticamente, contendo mais de uma tecnologia contra patógenos (insetos + invasoras). Da mesma forma que para outras culturas de verão, alguns produtores têm enfrentado problemas quanto à liberação de financiamento dentro do prazo e em quantidades apropriadas para custear o total da lavoura. A saída tem sido buscar o restante junto às empresas locais, como cerealistas e cooperativas, as quais, dentro do possível, vêm atendendo a demanda de muitos produtores. Com a redução da área de milho se concretizando, boa parte dessa deve migrar para a soja, a qual, somada às áreas novas e pastagens, deve apresentar bom aumento na safra atual. Entre os motivos do aumento, os principais se relacionam ao custo de produção menor em comparação ao milho, melhores perspectivas de mercado e preços mais atraentes.



Figura 24 – Lavoura de soja - SC



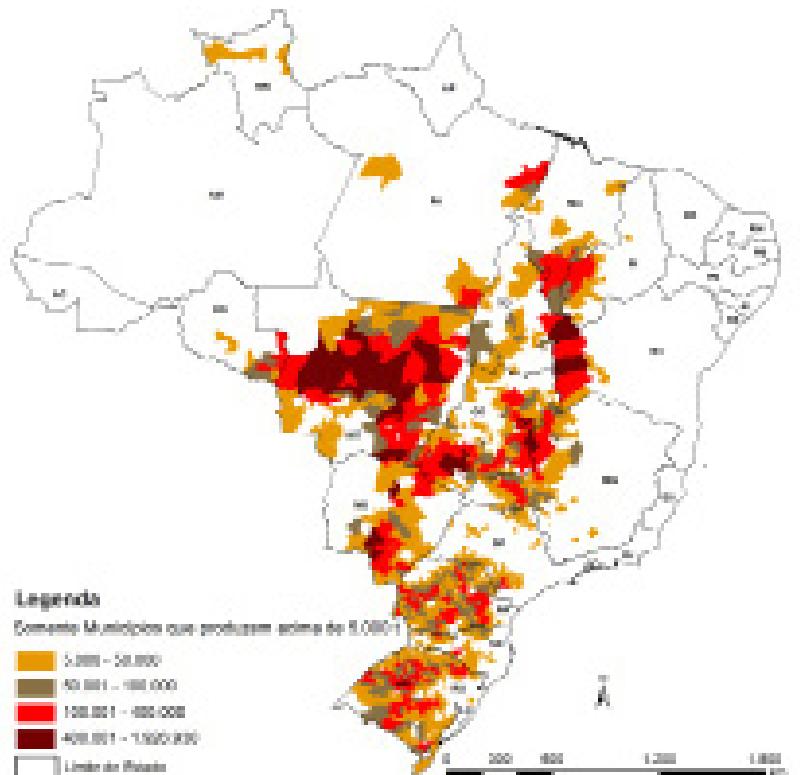
Fonte: Conab.

No Paraná, segundo produtor nacional, a área estimada para essa safra é de 5,45 milhões de hectares, cerca de 3,9% superior à área cultivada na safra 2016/17. O crescimento se dá, principalmente, em detrimento do milho, que migra cada vez mais para a segunda safra. A soja ocupa 91% da área total destinada para a produção de grãos na primeira safra. A busca pela liquidez de mercado e maior rentabilidade oferecida pela oleaginosa são os fatores que explicam a opção do produtor. Adicionalmente, a mudança do vazio sanitário de 15 para 10 de setembro permitiria ao produtor antecipar o plantio desta e aproveitar melhor a janela de plantio do milho segunda safra, após a colheita de

soja. Entretanto, a falta de chuvas em setembro frustrou as intenções e o plantio só avançou em outubro, quando as chuvas retornaram. Apesar do contratempo, em outubro o clima colaborou e a área já plantada atualmente atinge os 66% do total previsto, contra os 60% da safra passada neste mesmo período.

A somatória das expectativas para a temporada 2017/18 indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o intervalo de 2,1 a 4,2% em relação à safra passada, variando de 34.612,3 a 35.339,2 mil hectares.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Soja

UF	Mesorregiões	Soja											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.809,0	1.834,0	1.916,1	1,4	5,9	3.061	2.955	(3,4)	5.536,4	5.420,4	5.661,7	(2,1)	2,3
RR	30,0	30,0	30,0	-	-	3.000	3.077	2,6	90,0	92,3	92,3	2,6	2,6
RO	296,0	296,0	304,9	-	3,0	3.143	3.153	0,3	930,3	933,3	961,3	0,3	3,3
AP	18,9	18,9	18,9	-	-	2.878	2.800	(2,7)	54,4	52,9	52,9	(2,8)	(2,8)
PA	500,1	525,1	550,1	5,0	10,0	3.270	2.987	(8,7)	1.635,3	1.568,5	1.643,1	(4,1)	0,5
TO	964,0	964,0	1.012,2	-	5,0	2.932	2.877	(1,9)	2.826,4	2.773,4	2.912,1	(1,9)	3,0
NORDESTE	3.095,8	3.276,9	3.391,9	5,8	9,6	3.115	2.827	(9,2)	9.644,7	9.262,5	9.593,3	(4,0)	(0,5)
MA	821,7	934,3	953,2	13,7	16,0	3.010	2.846	(5,4)	2.473,3	2.659,0	2.712,8	7,5	9,7
PI	693,8	700,7	714,6	1,0	3,0	2.952	2.528	(14,4)	2.048,1	1.771,4	1.806,5	(13,5)	(11,8)
BA	1.580,3	1.641,9	1.724,1	3,9	9,1	3.242	2.943	(9,2)	5.123,3	4.832,1	5.074,0	(5,7)	(1,0)
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.341,7	15.658,3	1,0	3,1	3.301	3.055	(7,4)	50.149,9	46.870,7	47.837,5	(6,5)	(4,6)
MT	9.322,8	9.416,0	9.602,5	1,0	3,0	3.273	3.067	(6,3)	30.513,5	28.878,9	29.450,9	(5,4)	(3,5)
MS	2.522,3	2.560,1	2.623,2	1,5	4,0	3.400	3.009	(11,5)	8.575,8	7.703,3	7.893,2	(10,2)	(8,0)
GO	3.278,5	3.294,9	3.360,5	0,5	2,5	3.300	3.056	(7,4)	10.819,1	10.069,2	10.269,7	(6,9)	(5,1)
DF	70,0	70,7	72,1	1,0	3,0	3.450	3.102	(10,1)	241,5	219,3	223,7	(9,2)	(7,4)
SUDESTE	2.351,4	2.417,0	2.503,1	2,8	6,5	3.467	3.113	(10,2)	8.151,5	7.524,4	7.792,9	(7,7)	(4,4)
MG	1.456,1	1.470,7	1.536,2	1,0	5,5	3.480	3.128	(10,1)	5.067,2	4.600,3	4.805,2	(9,2)	(5,2)
SP	895,3	946,3	966,9	5,7	8,0	3.445	3.090	(10,3)	3.084,3	2.924,1	2.987,7	(5,2)	(3,1)
SUL	11.459,6	11.742,4	11.869,8	2,5	3,6	3.542	3.181	(10,2)	40.592,8	37.360,1	37.754,4	(8,0)	(7,0)
PR	5.249,6	5.454,3	5.454,3	3,9	3,9	3.731	3.284	(12,0)	19.586,3	17.911,9	17.911,9	(8,5)	(8,5)
SC	640,4	662,8	678,8	3,5	6,0	3.580	3.185	(11,0)	2.292,6	2.111,0	2.162,0	(7,9)	(5,7)
RS	5.569,6	5.625,3	5.736,7	1,0	3,0	3.360	3.082	(8,3)	18.713,9	17.337,2	17.680,5	(7,4)	(5,5)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.110,9	5.308,0	4,2	8,2	3.095	2.873	(7,2)	15.181,1	14.682,9	15.255,0	(3,3)	0,5
CENTRO-SUL	29.004,6	29.501,1	30.031,2	1,7	3,5	3.410	3.110	(8,8)	98.894,2	91.755,2	93.384,8	(7,2)	(5,6)
BRASIL	33.909,4	34.612,0	35.339,2	2,1	4,2	3.364	3.075	(8,6)	114.075,3	106.438,1	108.639,8	(6,7)	(4,8)

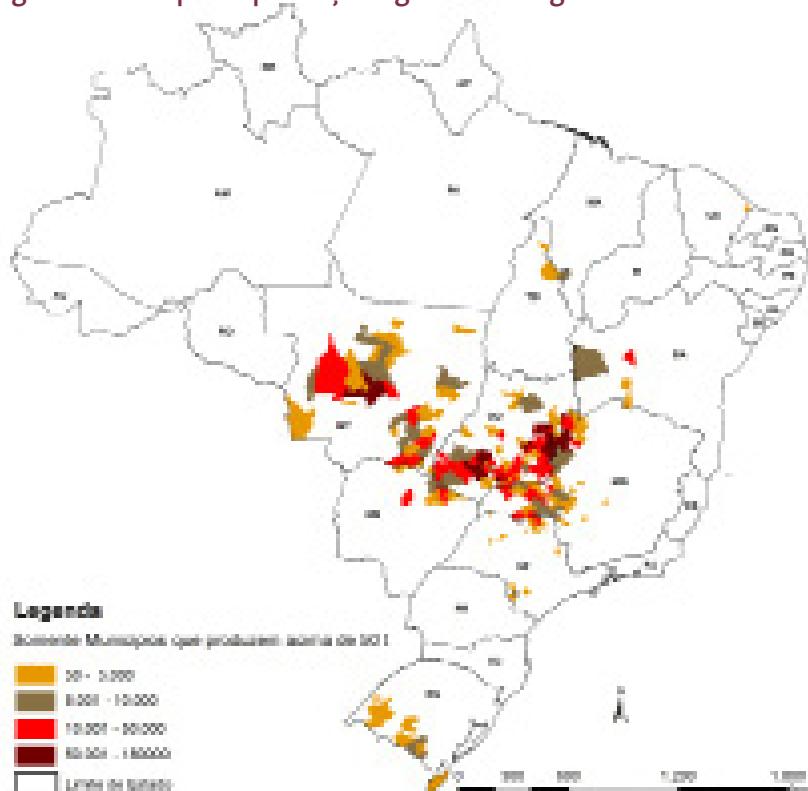
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.1.19. SORGO

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)						
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	29,4	29,4	29,4	-	-	1.889	1.801	(4,7)	55,5	52,9	52,9	(4,7)	(4,7)
TO	29,4	29,4	29,4	-	-	1.889	1.801	(4,7)	55,5	52,9	52,9	(4,7)	(4,7)
NORDESTE	113,2	113,9	118,8	0,6	4,9	1.180	1.109	(6,0)	133,5	126,6	131,5	(5,2)	(1,5)
PI	11,4	11,4	11,4	-	-	2.044	2.041	(0,1)	23,3	23,3	23,3	-	-
CE	0,7	0,7	0,7	-	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	1,2	(7,7)	(7,7)
RN	1,3	1,3	1,3	-	-	1.244	849	(31,8)	1,6	1,1	1,1	(31,3)	(31,3)
PB	1,3	1,3	1,3	-	-	1.600	918	(42,6)	2,1	1,2	1,2	(42,9)	(42,9)
BA	98,5	99,2	104,1	0,7	5,7	1.068	1.006	(5,8)	105,2	99,8	104,7	(5,1)	(0,5)
CENTRO-OESTE	283,3	283,3	283,3	-	-	3.373	3.351	(0,7)	955,6	949,3	949,3	(0,7)	(0,7)
MT	38,5	38,5	38,5	-	-	2.353	2.460	4,5	90,6	94,7	94,7	4,5	4,5
MS	7,7	7,7	7,7	-	-	3.650	3.285	(10,0)	28,1	25,3	25,3	(10,0)	(10,0)
GO	230,1	230,1	230,1	-	-	3.500	3.464	(1,0)	805,4	797,1	797,1	(1,0)	(1,0)
DF	7,0	7,0	7,0	-	-	4.500	4.594	2,1	31,5	32,2	32,2	2,2	2,2
SUDESTE	193,6	193,6	193,6	-	-	3.581	3.354	(6,3)	693,2	649,4	649,4	(6,3)	(6,3)
MG	183,1	183,1	183,1	-	-	3.588	3.348	(6,7)	657,0	613,0	613,0	(6,7)	(6,7)
SP	10,5	10,5	10,5	-	-	3.452	3.463	0,3	36,2	36,4	36,4	0,6	0,6
SUL	9,0	8,6	9,5	(4,4)	5,6	3.000	2.777	(7,4)	27,0	23,9	26,4	(11,5)	(2,2)
RS	9,0	8,6	9,5	(5,0)	5,0	3.000	2.777	(7,4)	27,0	23,9	26,4	(11,5)	(2,2)
NORTE/NORDESTE	142,6	143,3	148,2	0,5	3,9	1.326	1.249	(5,8)	189,0	179,5	184,4	(5,0)	(2,4)
CENTRO-SUL	485,9	485,5	486,4	(0,1)	0,1	3.449	3.341	(3,1)	1.675,8	1.622,6	1.625,1	(3,2)	(3,0)
BRASIL	628,5	628,8	634,6	-	1,0	2.967	2.859	(3,7)	1.864,8	1.802,1	1.809,5	(3,4)	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.2 CULTURAS DE INVERNO

O segundo levantamento da safra 2017/18 traz o acompanhamento da safra 2017 das culturas de inverno. A avaliação é que a produção nacional da safra de culturas de inverno seja de 5.645,7 mil toneladas. A redução da produção, em relação ao estimado no último levantamento, se deve, principalmente, à produtividade menor no Sul do país, bastante afetado pelas condições climáticas. No Rio Grande do Sul, quando as culturas se encontravam prontas para serem colhidas, ou até mesmo já tinha sido iniciada a colheita, uma

série de chuvas com ocorrência de granizo e vendavais provocou uma perda em produtividade das culturas e, além disso e mais importante, perdas irreparáveis na qualidade de grãos. Com isso, muitas culturas de verão ter a maior parte dos grãos colhidos destinados à alimentação animal com valor muito reduzido em função da baixa qualidade. No Paraná, sobretudo o trigo e a cevada, que tem maior área plantada, foram bastante prejudicadas pela falta de chuvas.

11.2.1. AVEIA

Em Mato Grosso do Sul, a colheita do cereal encerrou-se com alguns problemas causados por intempéries climáticas, ocorridas nas fases de desenvolvimento da planta e enchimento de grãos, ocasionando grande influência na produtividade e qualidade do grão. Em decorrência dessas mudanças climáticas, a aveia em alguns municípios não atingiu o peso ideal para comercialização, sendo assim, o grão que apresentou um peso hectolitro (PH) abaixo do padrão serviu de alimento para animais de pasto e a cultura apresentou um papel de suma importância no sistema de rotação de culturas e cobertura do solo. Parte da aveia produzida apresentou um PH entre 46 e 48, características ideais para as indústrias, sendo comercializada com as empresas locais, tais como indústrias de cereais e farinheiras. Na safra 2017 foi plantada uma área de aproximadamente 29 mil hectares do cereal para grãos, apresentando uma produtividade média em torno de 1.550 kg/ha, redução de 3,12% em relação à safra anterior.

No Paraná, a colheita avança para mais de 80% da

área, mas deve se estender até dezembro em alguns municípios. As produtividades continuam em declínio em resultado da estiagem ocorrida em setembro. Algumas lavouras também sofreram efeitos de geadas. O rendimento previsto caiu 12,6% em relação à safra passada, estimado em 2.216 kg/ha. A qualidade do produto é boa, mas a produção deverá atingir apenas 140 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, a colheita da aveia encontra-se mais adiantada, com mais de 50% da área colhida e 40% em maturação. Assim como as demais culturas de inverno, o período de estabelecimento e desenvolvimento da cultura foi muito prejudicado pelo excesso de chuvas e estiagem, respectivamente, e a colheita novamente foi prejudicada pelo excesso de chuvas e tempestades. Além de reduzir a produtividade e qualidade, as tempestades provocaram acometimento de lavouras prontas para serem colhidas, aumentando as perdas já existentes. A produtividade do estado é estimada em 2.007 kg/ha.

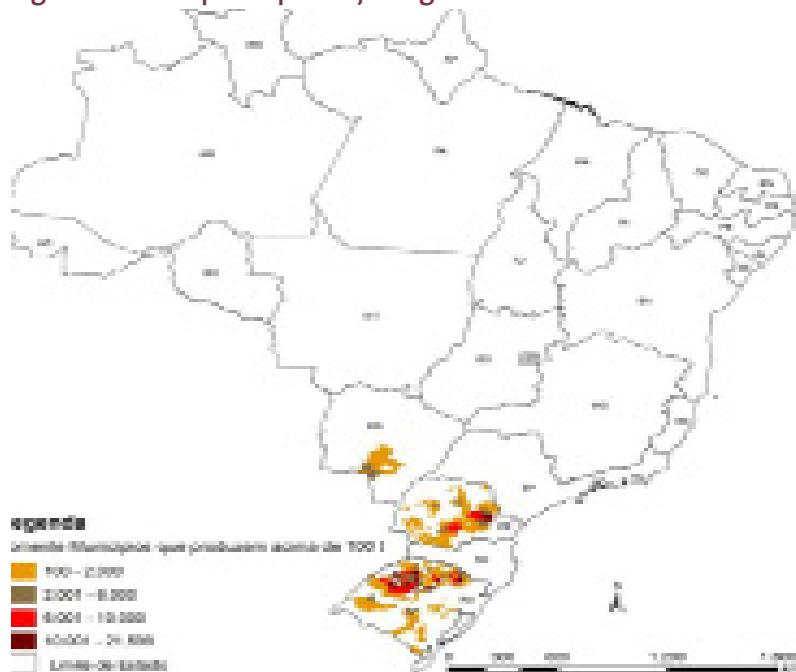
Figura 27 - Aveia em Coronel Bicaco - RS



Fonte: Conab.



Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 9 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2017/18)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
RS	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
RS	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RS	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
 - Favorável
 - Média restrição - falta de chuva
 - Baixa restrição - excesso de chuva
- Restrição por falta de chuva e geadas

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	29,0	93,3	1.500	1.552	3,5	22,5	45,0	100,0
MS	15,0	29,0	93,3	1.500	1.550	3,3	22,5	45,0	100,0
SUL	276,5	311,1	12,5	2.912	2.047	(29,7)	805,3	636,7	(20,9)
PR	58,2	62,9	8,0	2.508	2.204	(12,1)	146,0	138,6	(5,1)
RS	218,3	248,2	13,7	3.020	2.007	(33,5)	659,3	498,1	(24,5)
CENTRO-SUL	291,5	340,1	16,7	2.840	2.004	(29,4)	827,8	681,7	(17,6)
BRASIL	291,5	340,1	16,7	2.840	2.004	(29,4)	827,8	681,7	(17,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



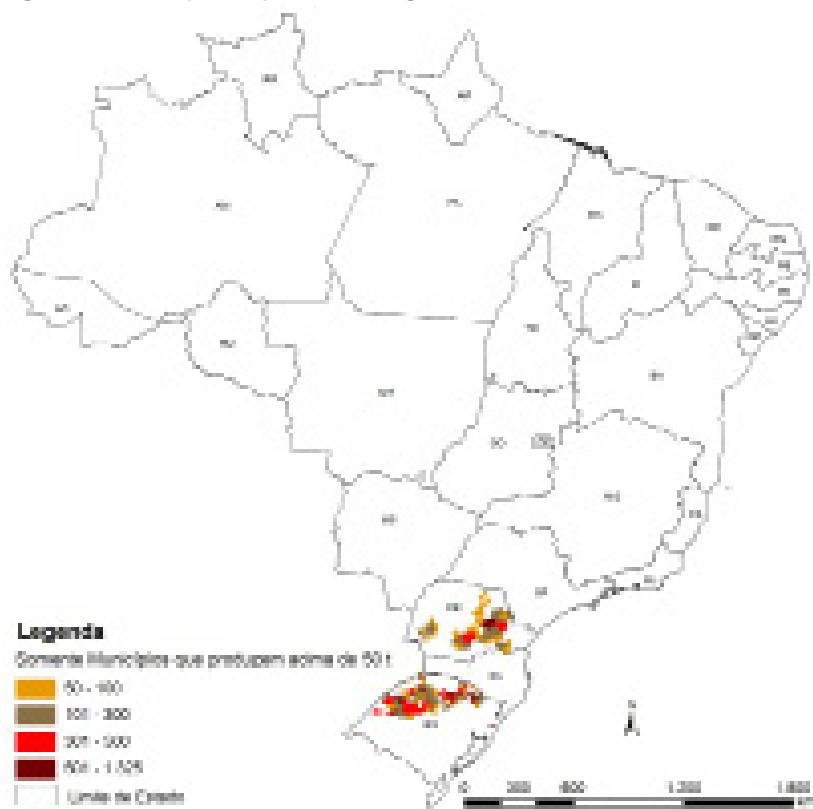
11.2.2. CANOLA

No Paraná, devido ao plantio mais precoce, a canola sofre mais com as intempéries do inverno do que as demais culturas. Algumas geadas ocorridas nesse ano foram suficientes para abortar floradas da canola, o que resultou em perda de produtividade. O rendimento esperado teve queda de 20% em relação à safra anterior, estimado atualmente em 1.203 kg/ha e produção total de 5,7 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, a canola, que já vinha sendo a cultura mais afetada pelo clima nessa safra, desde as chuvas na emergência, estiagem no desenvolvimento

vegetativo e geada no florescimento, na colheita teve mais um severo dano. Quando as lavouras estavam prontas para serem colhidas, ocorreram intensas chuvas e tempestades que vieram a causar debulhamento de grãos, reduzindo a produtividade que até então ainda poderia ser satisfatória, apesar de todos os problemas no desenvolvimento. Há relatos de produtores que abandonaram as lavouras, perdendo 100% de todo investimento, e de muitos que solicitaram Proagro. Com isso, a produtividade esperada é de 833 kg/ha.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	871	(42,5)	71,9	41,9	(41,7)
PR	6,3	4,8	(23,5)	1.479	1.203	(18,7)	9,3	5,8	(37,6)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	833	(45,2)	62,6	36,1	(42,3)
CENTRO-SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	871	(42,5)	71,9	41,9	(41,7)
BRASIL	47,5	48,1	1,3	1.514	871	(42,5)	71,9	41,9	(41,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.2.3. CENTEIO

No Paraná são poucos os municípios que plantam centeio e por isso acaba se tornando uma cultura de pouca expressão econômica no estado. A colheita ainda não começou, o que deverá ocorrer a partir de novembro e ser concluída em dezembro. A perda de

produtividade, frente à verificada na safra passada, deverá ultrapassar 19%, devido à longa estiagem. As lavouras estão em frutificação e maturação e, majoritariamente, classificadas como regulares e ruins. O rendimento previsto é de 1.933 kg/ha.

Figura 30 - Mapa da produção agrícola - Centeio

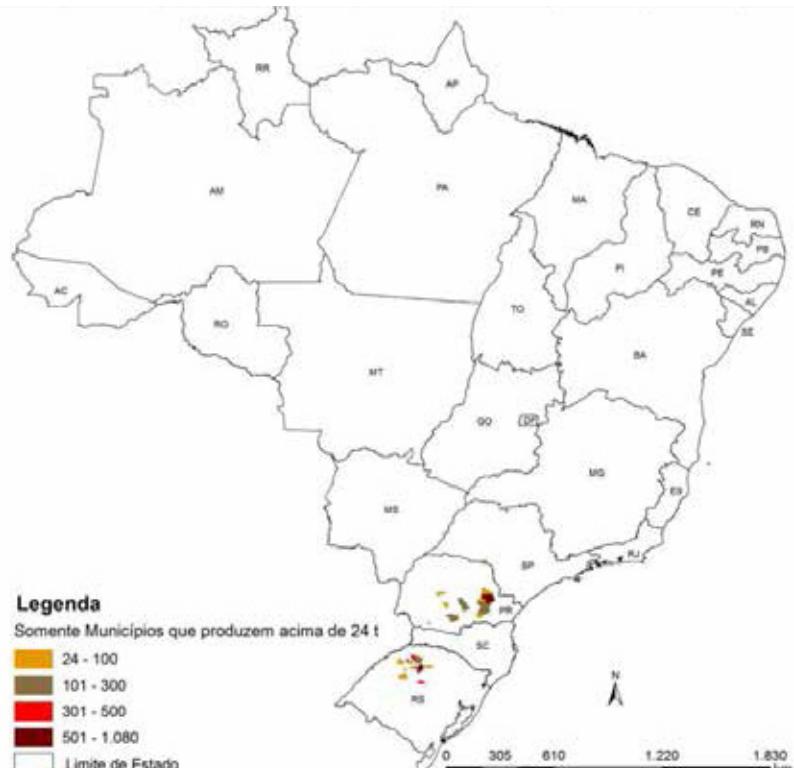


Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.056	(20,9)	6,5	7,4	13,8
PR	1,0	2,1	110,0	2.402	1.933	(19,5)	2,4	4,1	70,8
RS	1,5	1,5	-	2.700	2.200	(18,5)	4,1	3,3	(19,5)
CENTRO-SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.056	(20,9)	6,5	7,4	13,8
BRASIL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.056	(20,9)	6,5	7,4	13,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



11.2.4. CEVADA

No Paraná, a cevada apresenta redução na produtividade, em relação à safra passada, apesar da colheita ser incipiente. Nesse caso, a diminuição no potencial produtivo decorre das más condições das lavouras que sofreram estresse hídrico em fase crítica de floração e enchimento de grãos. O rendimento esperado é 32% menor em relação à safra anterior. Atualmente estima-se produtividade de 3.315 kg/ha e produção total de 169 mil toneladas no Paraná. A produção total só não é menor que a da safra anterior porque houve aumento na área plantada. Apesar da estimativa da produtividade menor, os grãos apresentam boa qualidade, apesar de estarem miúdos. O maior revés que pode acometer os produtores que ainda não colheram é a persistência das precipitações, impedindo a colheita.

Em Santa Catarina, o plantio é concentrado em municípios do Oeste fomentados por cooperativa local, para atender a demanda da indústria cervejeira. A área de cevada em Santa Catarina deve somar aproximadamente 1,2 mil hectares, redução de 7,7% em relação à safra passada. Assim, como acontece com a cultura do trigo, as más condições climáticas na fase de florescimento, representada por estiagem de 40 dias, prejudicou a etapa posterior (reprodutiva). A fase atual é de granação/maturação, sendo sua colheita pro-

gramada para meados de novembro, quando deve-se obter informações mais precisas sobre a influência do clima sobre a produtividade e qualidade da cultura. Atualmente, a produtividade esperada gira em torno de 2.800 kg/ha, uma redução de aproximadamente 41,7% em relação ao obtido na safra passada, quando o clima normal foi o principal fator responsável pela alta produtividade.

No Rio Grande do Sul, a colheita da cevada alcançou 50% da área semeada. Nas regiões de Soledade e Cruz Alta, as mais adiantadas na colheita, Passo Fundo, Erechim e Não-Me-Toque, a qualidade do grão não está atingindo classificações mínimas requeridas pela indústria cervejeira. Problemas iniciais na implantação (devido às chuvas), germinação desuniforme, estiagem e geadas ao longo do cultivo e, como se não bastasse, as chuvas na colheita (outubro) contribuíram para o fracasso das lavouras. Nos municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha e Caxias do Sul, onde historicamente o cultivo é mais atrasado, as lavouras estão em sua maioria em enchimento de grãos. A produtividade média esperada no estado é 2.084 kg/ha, redução de 36,3% à safra anterior. Além da baixa produtividade, provavelmente pequena parte do produto colhido será utilizada na indústria cervejeira, sendo a maioria destinado à alimentação animal.

Figura 31 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	109,2	14,2	3.920	2.667	(32,0)	374,8	291,3	(22,3)
PR	42,5	51,0	20,0	4.682	3.315	(29,2)	199,0	169,1	(15,0)
SC	1,3	1,2	(7,7)	4.800	2.800	(41,7)	6,2	3,4	(45,2)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.084	(36,3)	169,6	118,8	(30,0)
CENTRO-SUL	95,6	109,2	14,2	3.920	2.667	(32,0)	374,8	291,3	(22,3)
BRASIL	95,6	109,2	14,2	3.920	2.667	(32,0)	374,8	291,3	(22,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

11.2.5. TRIGO

Em Mato Grosso do Sul, o trigo já foi totalmente colhido. A produtividade do cereal ficou abaixo do esperado, dado aos problemas climáticos e ao pouco aporte tecnológico. Houve problemas com seca e geada, sendo que a geada afetou muito a produção, do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Em decorrência disso, houve problemas com grãos chochos e triguilho. Como a cultura não havia sido totalmente colhida até o início do período chuvoso, ainda ocorreram problemas pontuais de germinação do grão na espiguela. Dada a baixa produção estadual, menor do que 30% do consumido internamente, há muita importação de outros estados produtores e de países vizinhos como a Argentina. Em uma área plantada de aproximadamente 20 mil hectares e produtividade de aproximadamente 1.950 kg/ha, houve uma variação de produção 6,25% menor em comparação com a safra anterior.

Em Minas Gerais, a colheita foi finalizada, atingindo um recorde de 84,6 mil hectares plantados, somando os sistemas de cultivo de sequeiro e irrigado. O constante crescimento da área nos últimos anos se deve, entre outros, ao fato da cultura constituir uma boa alternativa de aproveitamento do solo no período de inverno devido às baixas temperaturas registradas nessa época do ano, muitas vezes restritivas para o plantio de outras culturas. Em decorrência do clima, bastante satisfatório, observa-se aumento de 3% na produtividade em relação à safra anterior.

Em São Paulo, a colheita foi intensa em outubro e as lavouras foram totalmente colhidas, apresentando grãos de boa qualidade. As condições climáticas para o trigo foram favoráveis e a média de produtividade foi estimada em 3.333 kg/ha.

No Paraná, a cultura está com o desenvolvimento muito irregular, em função dos problemas climáticos que comprometeram significativamente a rentabilidade da safra. Primeiramente a geada, que atingiu as lavouras

ras de plantio mais adiantado que estavam no estádio de floração e frutificação, e a estiagem de mais de 60 dias (entre meados de junho e agosto) que atingiu grande parte das áreas em desenvolvimento vegetativo. Contabilizamos, uma perda de 34% na produção desse grão em relação à safra passada, ou seja, mais de 1 milhão de toneladas a menos de trigo disponível no mercado. Essa perda foi resultado tanto de quebra na produtividade, provocada pela estiagem e geada, quanto na perda de área devido à falta de estímulo do produtor no cultivo dessa cultura. Caso a colheita ocorra de forma regular espera-se atingir uma produtividade de 2.341 kg/ha. Vale ressaltar que mesmo com a perda na produtividade do trigo, a qualidade do grão, até agora colhido, não foi prejudicada demasia-damente. Atualmente ocorrem chuvas intensas, o que gera preocupação quanto à qualidade do grão das lavouras ainda por colher, as quais estão em maturação e, em menor percentual, em frutificação. A comercialização dessa commodity ocorre regularmente com aproximadamente 36% da safra já vendida.

Em Santa Catarina, as lavouras de trigo encontram-se em fase final de desenvolvimento. Na região Oeste e Meio-oeste, a colheita se iniciou em meados de outubro, alcançando em torno de 10% da área total. Nas demais regiões, a operação teve seu início em final de outubro, devendo se prolongar até final de novembro e início de dezembro, haja vista que ainda há lavouras na fase final de formação de grãos, resultado do plantio tardio, influenciado pelo clima instável no final do outono e início de inverno. A instabilidade climática observada nessa safra, caracterizada por excesso de chuva no início do plantio, estiagem nas fases de floração/granação e chuvas durante a maturação, serão os fatores principais da queda da produtividade e qualidade do produto, já observadas atualmente. As chuvas ocorridas nos últimos dias de outubro, principalmente na região Oeste e Meio-oeste estão reduzindo o Peso Hectolitro dos grãos, os quais devem perder, além do peso, parte do preço pago ao produtor,



pois reduz sua tipificação, enquadrando o produto em categoria inferior. Nas regiões do Planalto Norte e Sul, onde o cultivo está mais atrasado, as condições atuais encontram-se melhores, o que deve manter a qualidade do produto dentro de padrões aceitáveis de

comercialização. A produtividade atual é estimada em 2.800 kg/ha. A estimativa é de redução de produção em torno de 30% na safra atual, causada pela perda de área, produtividade e qualidade do produto.

Figura 32 - Trigo em maturação na região de Água Doce - SC



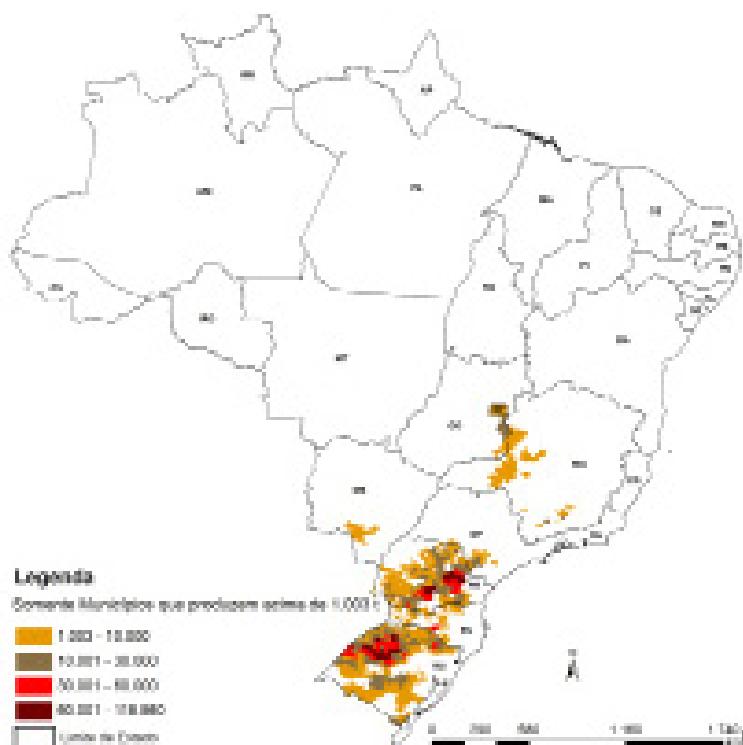
Fonte: Conab

No Rio Grande do Sul, as lavouras de trigo se encaixam para 25% da área colhida, devendo avançar rapidamente nos próximos dias caso não haja excesso de precipitação. Os restantes, por volta de 70%, estão em maturação e pequena parte, menos de 5%, em final de florescimento nas regiões mais ao sul do estado. Nas regiões das Missões e Alto Uruguai grande parte das lavouras já foram colhidas, em torno de 60%, as regiões de Santo Ângelo, Ijuí e Cruz Alta estão com 40% colhido. Mais ao centro do estado, Sarandi, Não-Me-Toque e Soledade, 20%, e sendo iniciada na Serra e Nordeste. As regiões Central e Campanha têm próximo de 50% colhido e a Região Sul ainda não iniciou o processo, que deve ocorrer nos próximos dias. O excesso de chuva e as tempestades verificadas durante outubro, trouxeram uma série de problemas para a cultura, em especial nas regiões onde ela estava mais avançada, pronta para ser colhida. Nesses locais, a parte que foi colhida antes das chuvas apresentou boa produtividade, superior a 2.000 kg/ha e

peso do hectolitro (PH) adequado, mínimo 78, porém, após as intensas chuvas e tempestades, a produtividade passou para aproximadamente 1.500 kg/ha e o PH reduziu para níveis entre 70 e 74, o que reduz significativamente a sua qualidade para panificação, sendo destinado majoritariamente para a alimentação animal. Nas regiões mais ao centro e nordeste do estado, onde as lavouras ainda não se encontravam em ponto de colheita, as perdas podem não ser tão severas, mas, mesmo assim, espera-se uma redução na produtividade, além da maior incidência de doenças fúngicas em função da umidade. Por fim, recentemente ocorreram geadas tardias que podem causar danos nas lavouras em floração. Em função das últimas ocorrências climáticas verificadas no estado, a produtividade média das lavouras foi reduzida para 2.200 kg/ha, 31,5% menor que a safra anterior. A cotação do trigo em outubro, no estado, foi de R\$ 29,86 a saca de 60 quilos, redução de 3,6% em relação ao mês anterior.



Figura 33 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 10 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2017)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SC	Oeste Catarinense					P	G/DV	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Serrana					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio; (G)=plantio; (D)=germinação; (V)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,9	(3,0)	3.657	3.229	(11,7)	120,3	103,0	(14,4)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	1.950	(16,2)	41,4	39,0	(5,8)
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,9	12,5	6.000	6.000	-	4,8	5,4	12,5
SUDESTE	161,1	164,5	2,1	2.852	2.996	5,0	459,4	492,9	7,3
MG	84,3	84,6	0,4	2.599	2.678	3,0	219,1	226,6	3,4
SP	76,8	79,9	4,0	3.129	3.333	6,5	240,3	266,3	10,8
SUL	1.921,4	1.715,7	(10,7)	3.190	2.298	(28,0)	6.129,1	3.942,5	(35,7)
PR	1.086,4	962,6	(11,4)	3.140	2.341	(25,4)	3.411,3	2.253,4	(33,9)
SC	58,1	53,9	(7,2)	3.800	2.800	(26,3)	220,8	150,9	(31,7)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	2.200	(31,5)	2.497,0	1.538,2	(38,4)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.912,1	(9,6)	3.171	2.374	(25,1)	6.708,8	4.538,4	(32,4)
BRASIL	2.118,4	1.917,1	(9,5)	3.175	2.383	(24,9)	6.726,8	4.568,4	(32,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.



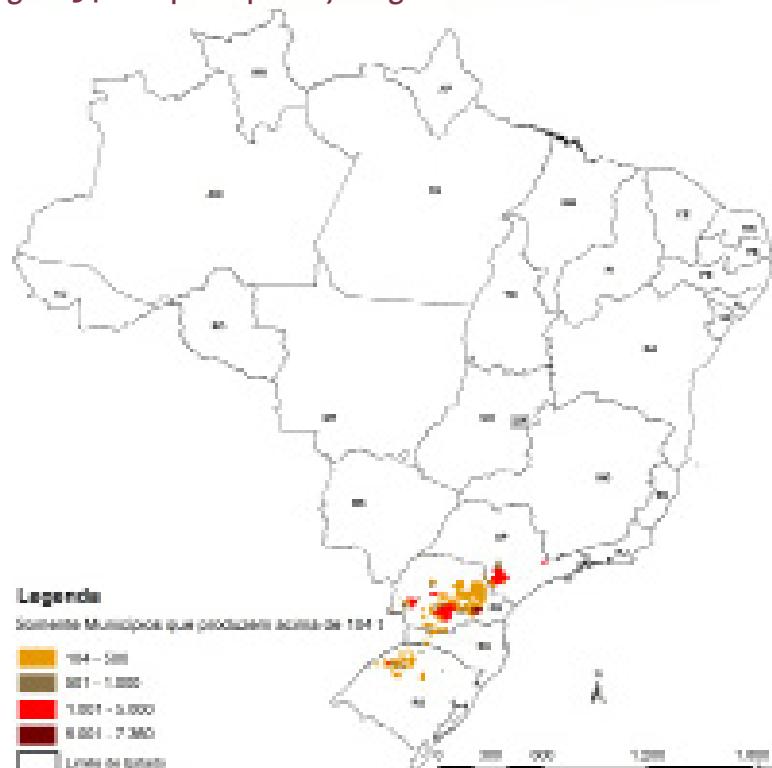
11.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, o triticale apresenta estabilidade na área e na produtividade, estimadas em 7,5 mil hectares e 2.779 kg/ha, respectivamente. É cultivado juntamente com as lavouras de trigo, mas ainda assim em áreas menores. Os tratos culturais necessários são similares aos do trigo, principalmente no que diz respeito à adubação da área onde é realizado o plantio. Além disso, possui maior resistência a pragas e doenças, principalmente as causadas por fungos, como a ferrugem. Também apresenta maior resistência aos fatores climáticos, uma vez que, nesse momento, mais uma opção para o produtor. Os grãos de triticale são

utilizados principalmente para a alimentação animal e, em menor quantidade, na alimentação humana.

No Paraná, a previsão é de quebra na produtividade. Nesse caso, a diminuição no potencial produtivo decorre das más condições das lavouras que sofreram estresse hídrico em fase crítica de floração e enriamento de grãos. O rendimento esperado deve ter queda de 19% em relação à última safra. Atualmente estima-se produtividade de 2.527 kg/ha e produção total de 24 mil toneladas. Aproximadamente 40% da área cultivada com triticale já foi colhida.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.773	(2,8)	21,4	20,8	(2,8)
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.779	(2,7)	21,4	20,8	(2,8)
SUL	16,0	15,2	(5,0)	2.919	2.401	(17,7)	46,7	36,5	(21,8)
PR	9,7	9,5	(2,0)	3.097	2.527	(18,4)	30,0	24,0	(20,0)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.200	(18,5)	15,4	12,5	(18,8)
CENTRO-SUL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.524	(12,9)	68,1	57,3	(15,9)
BRASIL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.524	(12,9)	68,1	57,3	(15,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.





12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

12.1. ALGODÃO

12.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 31 de outubro de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 23,05 milhões de toneladas e projeta-se para a safra 2017/18 uma produção de 25,57 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 10,93% na produção. Comparando-se a estimativa para a safra 2017/18 com o total produzido na safra 2015/16, que foi de 21,48 milhões de toneladas de pluma, o aumento seria de 19,04%.

Ainda de acordo com o (Icac), o consumo mundial estimado é de 24,56 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,22 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de dois anos safras sendo inferior.

2. Panorama nacional

Segundo o levantamento de safra da Conab, a quantidade produzida na safra 2016/17 é de 1.529,5 mil toneladas, esse valor é 18,6% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 1,7% na

área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 939,1 mil hectares, um aumento significativo na produtividade próxima dos 20%, que deverá compensar as perdas de área. O clima favorável nas principais regiões produtoras foi o principal responsável por esse aumento na produção.

Já a intenção de plantio para a safra 2017/18 deve variar entre 1.614 mil toneladas e 1.763,8 mil toneladas de algodão, limite inferior e superior constatado pela

Conab no seu segundo levantamento. Esses valores representariam um aumento na quantidade produzida entre 5,5% e 15,3% se comparado com as 1.529,5 mil toneladas produzidas na safra 2016/17.

Como já havia sendo previsto pelo mercado, os preços recebidos pelos produtores são remuneradores e, juntamente com o clima favorável, vem incentivando esse aumento na intenção de plantio para a próxima safra.

Tabela 45 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2012	2013	2014	2015	2016	2017 (¹)	2018 (²)
O F E R T A	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.770,7	2.098,0
Estoque Inicial	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	395,7
Produção	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.529,50	1.688,9
- Centro/Sul	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.129,3	1.216,1
- Norte/Nordeste	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	400,2	472,8
Importações	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	40,0	20,0
D E M A N D A	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.375,0	1.570,0
Consumo Interno	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	690,0	720,0
Exportações	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	685,0	850,0
Estoque Final	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	395,7	534,7
Meses de Uso	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,5	4,0

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab/ Secex/ SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

12.2. ARROZ

Em setembro, o Brasil exportou 109,4 mil toneladas de arroz base casca e importou 91,8 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$538,26/t, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em agosto, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 53,9 mil toneladas de arroz (base casca), em uma média de US\$ 397,19/t para o arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de mil toneladas e exportação de 800 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse é estimado em torno de 11,5

milhões de toneladas para a safra 2016/17 em virtude do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo superior por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada antes do período de recessão brasileira. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 3,7% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,9 milhões toneladas.

Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul e a menor capitalização dos produtores, que deverão reduzir a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra, como reflexo de um possível arrefecimento dos preços internos e de uma desvalorização da moeda nacional em 2018.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma amena redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1.170 mil toneladas para a safra 2017/18.



12.3. FEIJÃO

Nas duas primeiras safras houve aumento de 634,9 mil toneladas em relação à colheita anterior. Mesmo com o expressivo aumento da produção, os preços surpreendentemente seguiram em patamares elevados até maio, mas em junho e julho os preços subiram demasiadamente e diante da expectativa de uma boa terceira safra, com produtos de melhor qualidade, a demanda enfraqueceu e as cotações entraram em trajetória de queda.

Contudo, o estoque atual do produto mais a produção estimada para a terceira safra podem ser suficientes para atender o abastecimento interno com certa normalidade, até parte de novembro. Doravante o mercado passará por um período de pouca oferta, vez que São Paulo é praticamente o único estado que oferta feijão em novembro e dezembro e, mesmo assim é uma safra pequena para atender todo o país. Assim, o mercado conta com maiores chances de retornar para um movimento de alta.

Feijão-comum preto

O mercado está acomodado, apesar da menor oferta do produto nacional, com o final da colheita no sul do país, em junho. As mercadorias importadas têm influído negativamente nas cotações do produto, e o consumo está retraído nas principais praças de consumo

do país, dificultando a formação de um mercado mais dinâmico.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,35 milhões de toneladas.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção média de 3.268,1 mil toneladas, o que representa uma variação negativa de 3,87% em relação à temporada 2015/16. No entanto, a queda acima mencionada não retrata a realidade, por se tratar de um remanejamento de área efetuado na Bahia. Alguns municípios estavam considerando os plantios realizados em janeiro e fevereiro, como primeira safra, ao invés de segunda safra.

Partindo-se do estoque inicial de 265,5 mil toneladas, o mesmo consumo registrado anteriormente, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações em 150 mil toneladas e as exportações de 120 mil toneladas resultará em um estoque de passagem na ordem de 213,5 mil toneladas, o que corresponde a menos de um mês de consumo.



12.4. MILHO

No mercado internacional, os preços continuam baixos, (apesar do pequeno aumento em relação a setembro de 0,56%) e em outubro foram cotados em média a US\$ 137,56/t, ainda sob a influência de uma grande oferta mundial de milho.

A área avaliada para a primeira safra brasileira de milho foi estimada, em outubro, com uma média de 17,07 milhões de hectares e, caso esse valor de área se confirme, o plantio de milho primeira safra terá uma redução de -7,5% a -11,5%.

Com isso, a média da produção total de milho estimada pela Conab foi de 92,34 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de aproximadamente 4,87% em relação ao estimado na primeira safra de 2016/17. Apesar dessa possível redução de produção, o Brasil vem de um estoque de passagem da safra 2016/17 bastante elevado e, por esse motivo, não está gerando preocupação de oferta para o mercado interno.

Ainda é muito cedo para se falar do milho segunda safra, mas com o atraso do plantio de soja, já há uma preocupação dos agricultores em relação ao plantio do milho em 2018, pois há possibilidades de que a segunda safra de milho venha a ter problemas devido à curta janela de plantio de milho, com início previsto para meados de janeiro.

Levando em consideração que a segunda safra 2017/18 não terá redução de área e a produtividade estimada tanto para primeira safra quanto para segunda safra ainda é estatística, o quadro de oferta e demanda de milho ficou da seguinte forma: uma produção total média de 92,34 milhões de toneladas, com um consumo estimado em 57,58 milhões de toneladas e uma exportação de 30 milhões de toneladas, gerando assim, um estoque de passagem recorde de aproximadamente 24 milhões de toneladas.

12.5. SOJA

12.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), na safra 2017/18 a produção mundial de soja em grãos será de 347,88 milhões de toneladas. O maior produtor de soja são os Estados Unidos com

uma produção estimada de 120,58 milhões de toneladas, seguido pelo Brasil, com uma produção estimada pelo Usda em 107 milhões de toneladas.

Tabela 46 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018 set.	2016/2017 out.
Estados Unidos	91,39	106,88	106,86	116,92	120,59	120,58
Brasil	86,70	97,20	96,50	114,10	107,00	107,00
Argentina	53,40	61,40	56,80	57,80	57,00	57,00
China	11,95	12,15	11,79	12,90	14,00	14,20
Índia	9,48	8,71	6,93	11,50	10,00	10,00
Paraguai	8,19	8,15	9,22	10,67	9,40	9,40
Canada	5,36	6,05	6,37	6,46	8,20	8,20
Outros	16,29	19,47	19,25	20,91	22,24	21,50
Total	282,75	320,01	313,71	351,25	348,44	347,88

Fonte: USDA, outubro/16

Sem novidades no quadro de oferta e demanda mundial divulgado pelo Usda (outubro-2017), os preços internacionais continuam praticamente estáveis no mês de outubro, cotados em média a US\$ 21,49/60kg, um pouco maior que a média cotada em setembro de

US\$ 21,21/60kg. Apesar do atraso inicial na colheita de soja dos Estados Unidos, até o dia 30 de outubro, os americanos já haviam alcançado o percentual de 83% da área colhida, esse percentual é bem próximo aos



85% estimados no mesmo período do ano de 2016 e dos 84% da média dos últimos cinco anos.

12.4.2. MERCADO NACIONAL.

A safra brasileira de grãos foi estimada em 107,53 milhões de toneladas, sem grandes diferenças quanto ao relatório de setembro. Porém, esse número ainda tem como base uma produtividade média estatística. Assim, levando em consideração o número preliminar de produção, as exportações foram calculadas em apenas 64 milhões de toneladas, mas, provavelmente não será esse valor, pois a demanda internacional por soja em grãos está cada vez mais aquecida e não deve

diminuir em 2018. A demanda interna, assim como as exportações, deve ser maior que o valor de 42,5 milhões de toneladas, ficando provavelmente em torno de 43,5 a 44 milhões de toneladas.

Já os estoques de passagem devem diminuir do valor de 3,57 milhões, para apenas 728 mil toneladas, e apesar de baixo, ainda dentro do patamar normal.

12.6. TRIGO

Outubro foi marcado por diversas oscilações de preço no mercado tritícola internacional, promovidas por adversidades climáticas, pela variação do Dólar e alterações nas perspectivas de safra e estoques dos principais produtores mundiais do cereal. No Brasil, os moinhos permanecem abastecidos e a demanda por farinhas, apesar de ter demonstrado alguma reação ao longo do mês, sobretudo pela proximidade das festividades do final do ano, não contribuiu para o aumento nos preços dos derivados

Conforme o levantamento realizado pela Conab durante outubro, a produção de trigo, estimada para a safra 2017/18, é de 4.568,4 mil toneladas, o que representa uma redução de 32,1% em relação à produção recorde ocorrida na safra anterior, quando o Brasil colheu 6.726,8 mil toneladas. Na comparação com o levantamento realizado em setembro e divulgado no início de outubro, houve uma redução de aproximadamente 313 mil toneladas na estimativa da safra brasileira, fato devido principalmente à menor produtividade observada em estados como o Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Em que pese a redução na estimativa da produção para a safra 2017/18, o volume de trigo importado em outubro foi de 415,6 mil toneladas, quantidade 33,45% inferior à registrada no mesmo período do ano anterior. No mês, o cereal foi importado de cinco países, sendo a Argentina o principal fornecedor, com 88,40% do total, enquanto que os Estados Unidos participou com 7,22%, o Paraguai com 3,59%, a França com 0,78% e o Líbano com 0,002%. Os principais destinos do trigo estrangeiro foram os estados do Ceará (15,53%), Bahia (14,23%), São Paulo (12,96%) e Paraíba (7,94%) que, juntos, foram responsáveis por metade das importações realizadas. Nesse mesmo período foram exportadas 35,1 toneladas de trigo, tendo como principal destino a Venezuela.

Para a safra 2017/18 espera-se um processamento na ordem de 11 milhões de toneladas, sendo reservadas aproximadamente 288 mil toneladas para sementes, perfazendo um consumo na ordem de 11,29 milhões de toneladas. Apesar dos altos estoques de passagem, é prevista uma importação de 7 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional, além de uma exportação de 600 mil toneladas de trigo nesta temporada.



Tabela 47 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - agosto-julho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 DE AGOSTO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUN)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17(1)	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18(2)	2.530,1	4.568,4	7.000,0	14.098,5	600,0	11.000,0	287,6	11.287,6	2.210,9

Fonte: Conab.

Nota: (1) Estimativa (2) Previsão



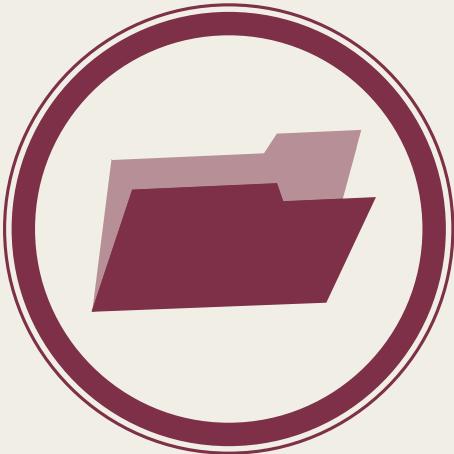
Tabela 48 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	40,0	1.770,8	690,0	685,0	395,8
	2017/18	395,8	1.688,9	20,0	2.104,7	720,0	850,0	534,7
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.000,0	13.758,6	11.500,0	800,0	1.458,6
	2017/18	1.458,6	11.711,4	1.000,0	14.170,0	12.000,0	1.000,0	1.170,0
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.350,0	120,0	265,5
	2017/18	265,5	3.268,1	150,0	3.683,6	3.350,0	120,0	213,6
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.817,0	600,0	105.366,9	56.165,3	30.000,0	19.201,6
	2017/18	19.201,6	92.342,3	400,0	111.943,9	57.850,3	30.000,0	24.093,6
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	114.075,3	300,0	115.851,5	47.281,0	65.000,0	3.570,5
	2017/18	3.570,5	107.539,0	400,0	111.509,4	46.781,0	64.000,0	728,4
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	33.110,0	1,0	34.955,8	17.000,0	14.600,0	3.355,8
	2017/18	3.355,8	32.725,0	1,0	36.081,8	17.500,0	15.000,0	3.581,8
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.385,0	40,0	8.994,0	6.800,0	1.550,0	644,0
	2017/18	644,0	8.287,5	40,0	8.971,5	6.800,0	1.700,0	471,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.568,4	7.000,0	14.098,5	11.287,6	700,0	2.110,9

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em outubro 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





13. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Passo a passo para acessar o Calendário Agrícola no site da Conab.

- 1º Acessar site da Conab, www.conab.gov.br;**
- 2º Ir à aba Produtos e Serviços;**
- 3º Ir à aba Produtos e Serviços, procurar Safras e em seguida Calendário Agrícola;**
- 4º No Calendário Agrícola escolher, Grãos - Calendário de Plantio e Colheita.**



[1 2 3 4 5]

Últimas notícias

09/11/2017
Safra de grãos deve atingir produção entre 223 e 227 milhões de toneladas

Para a safra atual, a produtividade estimada é de 3.075 kg/hectare, com base nas análises estatísticas das séries históricas e dos pacotes tecnológicos utilizados nos últimos anos.

08 Nov AVISO DE PAUTA - Coletiva de Imprensa

08 Nov Divulgada a lista com os produtos com desconto no Pronaf para novembro

07 Nov Brasil e Bolívia buscam ações para desenvolver região de fronteira

Ver todas

Multimídia



Facebook



Twitter



Flickr



YouTube

Areas mais acessadas ▾ Explore a CONAB

A Conab ▾ Produtos e Serviços ▾ Imprensa ▾ Licitações ▾

- Indicadores** ▾
 - Preços** ▾
 - Preços mínimos
 - Bônus do PAA
 - Insumos agrícolas
 - Preços Agrícolas
 - Outros indicadores** ▾
 - Contabilização
 - Geotecnologia
 - Indicadores da Agropecuária
 - IDNF EXTERNO
 - Ilegislação
 - Preços
 - Programas de Abastecimento Social
 - Publicações
 - Safras
 - Serviços ao Fornecedor
 - Sociobiodiversidade

Estoques ▾

Calendário Agrícola

Cronograma de Divulgação de Safras

Levantamentos de Safras

Séries históricas

Perfil do Setor Sucroalcooleiro

MILHO: 1.302.256,724 (t)
ARROZ: 25.757,591 (t)
TRIGO: 16.203,000 (t)
FEIJÃO: 1.294.368 (t)
ACUCAR: 667.221 (t)
OUTROS: 1.494.932 (t)

Acessar transparência da gestão dos estoques públicos

Conjuntura Agropecuária

BRASIL | Serviços | CONAB Corporativa | Participar | Acesso à informação | Legislação | Canais | Ouvidoria | Endereços | Mapa do Site | SIC | RSS | Reduzir tamanho da letra | Aumentar tamanho da letra | Padrão colorido | Alto contraste | Texto puro | Areas mais acessadas ▾ Explore a CONAB

A Conab ▾ Produtos e Serviços ▾ Imprensa ▾ Licitações ▾



INÍCIO / PRODUTOS E SERVIÇOS / SAFRAS

Calendário Agrícola

Calendário Agrícola de Grãos, Café e Cana-de-Açúcar

» filtrar pesquisa por ...

Ordenar por ▾

Descrição	Arquivo
Algodão - Calendário de Plantio e Colheita	Arquivo (.xls)
Café Total - Calendário de Colheita	Café Colheita (.xls)
Grãos - Calendário de Plantio e Colheita	Arquivo (.pdf)
Soya - Calendário de Plantio e Colheita	Soya (.xls)

Veja também

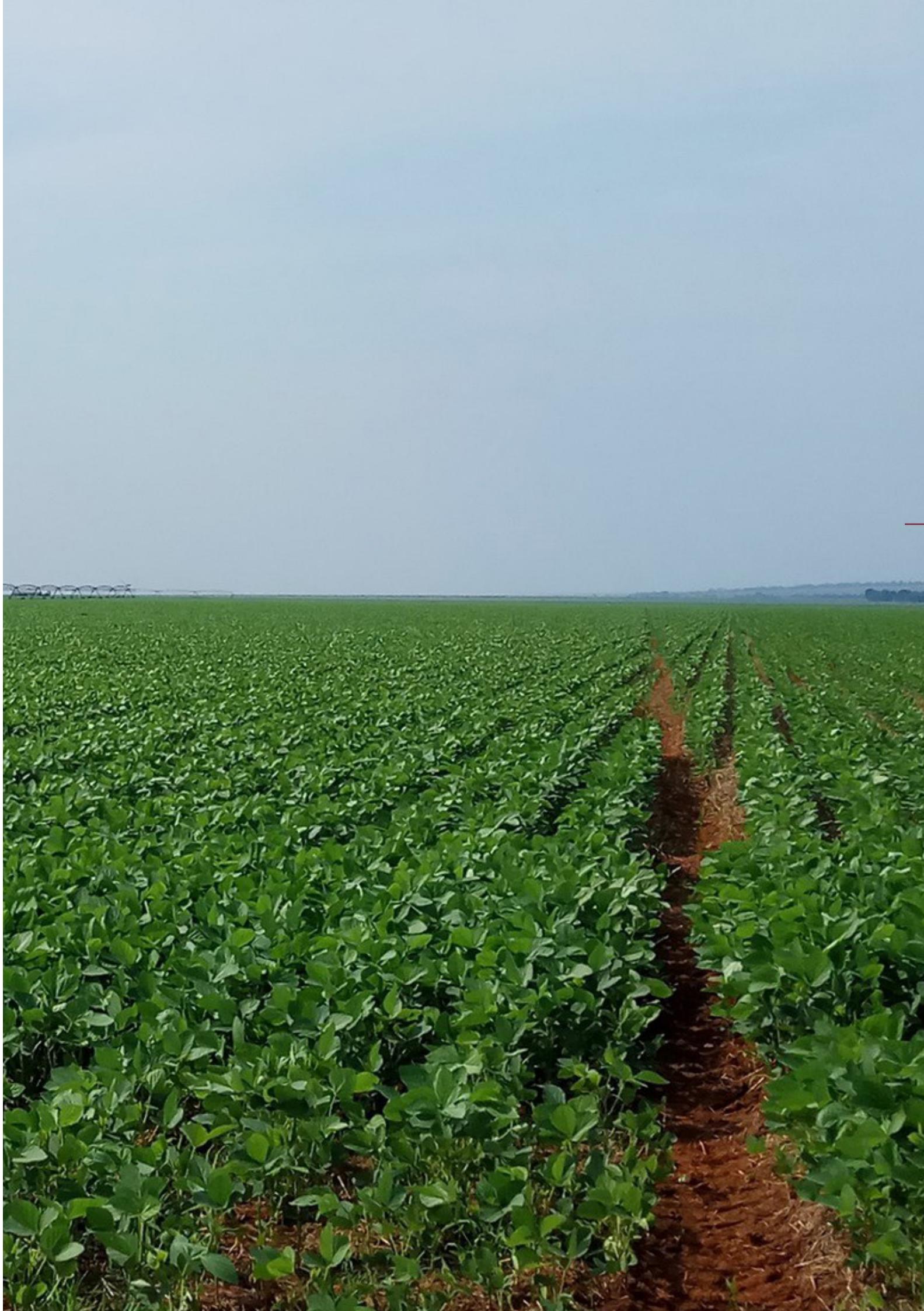
- » Cronograma de Divulgação de Safras
- » Levantamentos de Safras
- » Perfil do Setor Sucroalcooleiro
- » Séries históricas

« voltar

EXPLORE PRODUTOS E SERVIÇOS

- Calendário Agrícola
- Cronograma de Divulgação de Safras
- Levantamentos de Safras
- Perfil do Setor Sucroalcooleiro
- Séries históricas





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

